



| Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

EDITAL **RETIFICADO** DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

LINHA DE ESTUDO – **DIREÇÃO**

A Direção da **SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco**, representada pela **ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça**, no uso de suas prerrogativas e atribuições legais, **CONVOCA** todas/os as/os candidatas/os selecionadas/os nas Avaliações do Primeiro Momento do Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021 e relacionadas/os neste Edital, para realização das **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO – LINHA DE ESTUDO: DIREÇÃO**.

A/O candidata/o deverá observar as normas e os procedimentos específicos, bem como as datas e horários de realização das atividades propostas, relacionados no **Anexo I** deste **Edital de Convocação para Realização das Avaliações Específicas – Linha de Estudo Direção**, a ser divulgado nos sites www.spescoladeteatro.org.br e www.institutomais.org.br, na data prevista de **15 de junho de 2021**.

As Avaliações do Segundo Momento serão realizadas de forma *online*, sendo que a/o candidata/o deverá ter acesso a computador com câmera de vídeo ou aparelho celular com câmera de vídeo para gravação de vídeos e/ou outras atividades a serem propostas.

Atenção: A/O candidata/o deverá manter atualizado o seu número de telefone celular com aplicativo *WhatsApp* para recebimento de vídeos chamadas para realização das Entrevistas do Segundo Momento, bem como o seu endereço eletrônico (*e-mail*).

Havendo o envio de mais de um e-mail contendo os endereços dos links de gravação dos vídeos no Youtube ou dos documentos a serem enviados pelas/os candidatas/os, considerar-se-á para fins de avaliação o último e-mail enviado pela/o candidata/o.

O **Instituto Mais** e a **SP Escola de Teatro** não se responsabilizam pelo não recebimento de vídeo e/ou vídeos chamadas não recebidas e/ou e-mails não recebidos por motivos de ordem técnica dos celulares ou computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, falta de energia elétrica, bem como outros fatores de ordem técnica que possam impossibilitar a transferência de dados.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

AVALIAÇÕES DO SEGUNDO MOMENTO

O Segundo Momento consistirá em procedimentos específicos de aptidão e outras habilidades próprias de cada Linha de Estudo, envolvendo aulas, processos de criação e possíveis novas entrevistas, constante do **Anexo I**, deste Edital.

As avaliações específicas do Segundo Momento serão eliminatórias e classificatórias, definindo o grupo de candidatas/os aprovadas/os no Processo Seletivo Online para o Segundo Semestre de 2021.

CANDIDATAS/OS APROVADAS/OS NO SEGUNDO MOMENTO

A relação das/os candidatas/os aprovadas/os no Processo Seletivo Online do Segundo Semestre de 2021, será divulgada nas recepções da **SP Escola de Teatro**, bem como nos sites www.spescoladeteatro.org.br e www.institutomais.org.br, na data prevista de **08 de julho de 2021, a partir das 17h00.**

DIVISÃO DAS/OS CANDIDATAS/OS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO

A seguir, neste Edital, a/o candidata/o encontrará as atividades a serem realizadas e as datas de entrega de cada atividade, bem como a relação das/os candidatas/os convocadas/os para as Entrevistas do Segundo Momento – Linha de Estudo Direção, contendo datas e horários.

A ausência nas avaliações do Segundo Momento eliminará a/o candidata/o do Processo Seletivo Online para o Segundo Semestre de 2021.

A/O candidata/o deverá observar também as normas e os procedimentos para realização do Segundo Momento, contidos no Edital do Processo Seletivo Online – Segundo Semestre de 2021.

E, para que ninguém possa alegar desconhecimento, é expedido o presente **Edital de Convocação para as Avaliações Específicas do Segundo Momento – Linha de Estudo Direção.**

São Paulo/SP, 15 de junho de 2021.

SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco

P A R C E R I A C O M :





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

ANEXO I

ATENÇÃO:

A SEGUIR, CONSTA A RELAÇÃO DAS/OS CANDIDATAS/OS CONVOCADAS/OS PARA AS **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO**, LINHA DE ESTUDO – **DIREÇÃO**, COM AS ATIVIDADES PROPOSTAS E DATAS E HORÁRIOS DE ENVIO E/OU REALIZAÇÃO.

LINHA DE ESTUDO DE **DIREÇÃO**

SEGUNDO MOMENTO

Prezada/o candidata/o, o Segundo Momento será constituído das seguintes etapas:

- 1ª Etapa** – Vídeo/Exercícios;
- 2ª Etapa** – Vídeo/Criação de Cenas;
- 3ª Etapa** – Organização do material para a avaliação;
- 4ª Etapa** – Entrevistas por *WhatsApp*; e
- 5ª Etapa** – Envio de foto.

É **IMPORTANTE** que a/o candidata/o leia todas as instruções abaixo, realize as propostas referentes ao Segundo Momento e não se esqueça de cumprir o cronograma.

1ª ETAPA

VÍDEO/EXERCÍCIOS

1. Ler o poema "Ou isto ou aquilo" de Cecília Meireles.

Acessar o poema em anexo, em PDF.

- Após ler o poema, use-o como provocação para realizar uma cena própria.
- Realizar a proposta de cena e gravar o resultado. A proposta deve incluir, no mínimo, 4 versos do poema.
- O vídeo deverá ser gravado no YouTube

Obs.: (ler o tutorial de gravação anexo a este documento)

- Poderá ser filmado por alguém da sua escolha, ou deixando a câmera fixa. A cena pode ser realizada pelo próprio candidato ou por algum artista de sua escolha pessoal.
- O vídeo não poderá ter edição.
- O vídeo deverá ter no máximo 2 (dois) minutos.**
- Redigir um texto de no máximo 10 linhas sobre seu entendimento dos pontos principais do vídeo criado e como foi pensada a articulação do poema de Cecília Meireles com a proposta de cena que foi gravada.

IMPORTANTE: ESTE TRABALHO DEVERÁ SER ENTREGUE

ATÉ O DIA 20 DE JUNHO DE 2021.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

2ª ETAPA

VÍDEO/ CRIAÇÃO DE CENA

1. Escolha um dos textos dramáticos relacionados abaixo:

- **A Gaivota – Anton Chekov**
- **Buraquinhos – Johnny Salaberg**
- **Ânsia – Sarah Kahne**

Acessar os textos em anexo, em PDF.

2. Leia o texto dramático escolhido na íntegra.
3. Escolha uma cena.
4. Você poderá adaptar a cena à sua proposta de direção.
5. **Será um solo a ser executado pelo candidato ou pessoa de sua escolha.**
6. Escolha na sua casa (ou na casa de outra pessoa) o local onde realizará a cena. Você poderá utilizar figurinos e elementos de cena que estão disponíveis.
7. **Grave um vídeo no YouTube com a cena que você produziu, com no máximo 2 minutos.**

Obs.: (ler tutorial de gravação anexo a este documento)

8. Cuide para que a imagem e o som estejam ideais para apreciação da sua cena pela banca de avaliação.
9. **O vídeo não poderá ter edição.**
10. Pode ser filmado por alguém da sua escolha, ou deixando a câmera fixa.
11. Redigir um texto de no máximo 10 linhas sobre seu entendimento dos pontos principais do texto escolhido e como foi pensada a articulação do texto com a proposta de cena que foi gravada.

IMPORTANTE: ESTE TRABALHO DEVERÁ SER ENTREGUE

ATÉ O DIA 20 DE JUNHO DE 2021.

3ª ETAPA

ORIENTAÇÕES

ENTREGA DOS TRABALHOS PARA A BANCA DE AVALIAÇÃO

DE 16 A 20 DE JUNHO DE 2021

1. Após realização de todas as etapas, você deverá organizar o material e enviar para a banca de avaliação os endereços dos vídeos produzidos por você e os dois textos solicitados.
2. Enviar os trabalhos até o dia **20 de junho de 2021** para o seguinte e-mail: direcao@imais.org.br

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600

/SPESCOLADETEATRO @ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

3. Para o envio do e-mail deverá ser considerando o seguinte:

ASSUNTO: PROCESSO SELETIVO DE DIREÇÃO – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O

EXEMPLO: PROCESSO SELETIVO DE DIREÇÃO - LUISA ANTONIA PINHEIROS

NO CORPO DO EMAIL ESCREVER:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Direção,
Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo
– Segundo Semestre de 2021.**

DEPOIS INFORMAR:

O seu nome completo, número de inscrição e número do documento, conforme exemplo abaixo:

EXEMPLO:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Direção,
Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo
– Segundo Semestre de 2021**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579
RG – 45.567.890-3**

4ª ETAPA

ENTREVISTAS POR WHATSAPP

NOS DIAS 22 E 23 DE JUNHO DE 2021

1. Todas/os candidatas/os que realizaram as etapas anteriores e entregaram os vídeos de acordo com as orientações dadas, serão novamente entrevistadas/os de acordo com a organização abaixo:

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600

 /SPESCOLADETEATRO  @ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

GRUPO 1

Data: 22/06/2021

Horário: Das 10h00 À 13h00

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/O CANDIDATA/O	Nº DOCUMENTO
0388000746	ANA PAULA CARVALHO MIRANDA	401056168
0388000747	ANDRÉ ALEXANDRE ÂNGELO NUNES	43622575X
0388000752	BIANCA CRISTINA OLIVA	540365440
0388000761	DIEGO LIMA DE CARVALHO	466681550
0388000763	FLAVIA CARVALHO DIAS DE OLIVEIRA	329463676
0388000766	GIOVANA CARNEIRO FERREIRA	466300141
0388000767	GIOVANE LUIZ MORAES	457849356
0388000778	JENIFFER FERNANDA DE OLIVEIRA FRANCISCO	471312113
0388000782	JOSÉ JURACY DE OLIVEIRA NETO	2004009160357
0388000783	JUCIANA GALDINO DE ARAUJO	278442082
0388000788	LUCAS GUILHERME DOS SANTOS SOARES	45.369.588-7
0388000789	LUCAS LIMA CAMPOS	3005033

GRUPO 2

Data: 23/06/2021

Horário: Das 10h00 À 13h00

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/O CANDIDATA/O	Nº DOCUMENTO
0388000790	LUCILAINE MAÍSA SAVASSA	46.380.773-X
0388000791	LUCILAINE MARCOS SALUTES	47608426x
0388000792	LUIS FELIPE DE SOUZA MIRANDA MARCELO DIAS ROSA	413111726
0388000794	MAR DIAS ROSA	6240070
0388000799	MEIRE APARECIDA DOS SANTOS RAMOS	467175184
0388000801	MURILO HENRIQUE CESCA	325579854
0388000803	PABLO DA SILVA PETRONILHO	15296023
0388000806	PEDRO FENOLIO DAINESE	39.047.522-1
0388000808	RHEROANDRA NATALIA DA SILVA LOPES	5637728
0388000814	TARCISIO GABRIEL DA CONCEIÇÃO SANTOS	5998156
0388000815	THOMAS MARCONDES DE ALMEIDA	487609293
0388000819	WAGNER ROGÉRIO DE SOUZA	22311604-x



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

5ª ETAPA

ENVIO DE UMA FOTO

DE 16 A 20 DE JUNHO DE 2021

para o e-mail – direcao@imais.org.br

FOTO DE PERFIL DAS/OS CANDIDATAS/OS

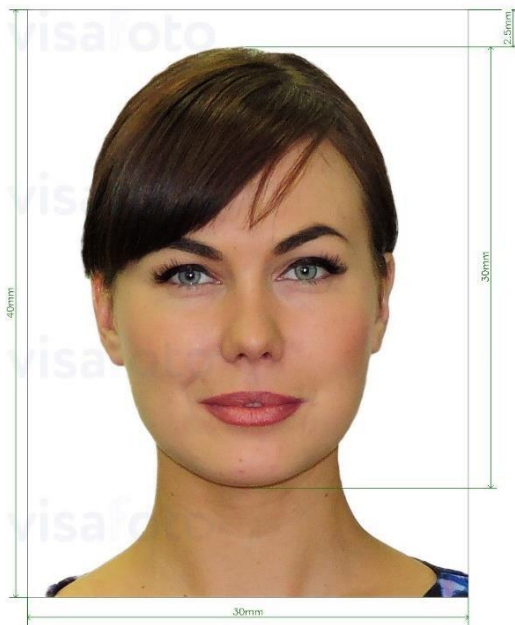
As/os candidatas/os precisam enviar uma foto de rosto, no estilo 3x4, com fundo branco (de preferência), nos formatos JPG. ou PNG.

A foto precisa ser nítida e de qualidade, para que a identificação seja feita facilmente.

É permitido sorrir e serão aceitas imagens de diferentes tipos de câmeras, contanto que estejam nítidas e com qualidade.

O corte máximo que pode ser feito na foto é de 3x4 seguindo essas orientações. Fotos mais afastadas serão permitidas.

Confira um exemplo de enquadramento abaixo:



As fotos devem ser enviadas por e-mail para direcao@imais.org.br, até o dia **20 de junho de 2021**.

No espaço reservado ao **Assunto**, a/o candidata/o escreverá o seguinte:

FOTO (CANDIDATA/O) – DIREÇÃO – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600

 /SPESCOLADETEATRO   @ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

EXEMPLO:

FOTO (CANDIDATA/O) – DIREÇÃO – LUISA ANTONIA PINHEIROS

NO CORPO DO E-MAIL ESCREVER:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Direção,
Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021.**

DEPOIS INFORMAR:

O seu nome completo, número de inscrição e o número do documento de identidade, conforme exemplo abaixo:

EXEMPLO:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Direção,
Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579
RG – 45.567.890-3**

Esta foto será utilizada pela **SP Escola de Teatro** e **IMAIS** para a publicação das/os classificadas/os e selecionadas/os no Processo Seletivo do Segundo Semestre de 2021.

SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP
11 3121.3200

SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP
11 3775.8600

 /SPESCOLADETEATRO   @ESCOLADETEATRO

WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR




Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

INSTRUÇÕES PARA ENVIO DO VÍDEO

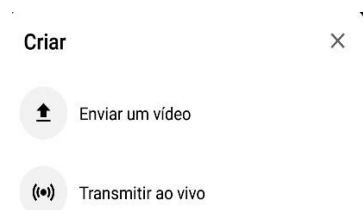
Abaixo constam as instruções para upload do vídeo no **YouTube**, via celular e computador. Primeiro estão as instruções via celular e, posteriormente, via computador.

ENVIO VIA YOUTUBE PELO CELULAR:

1º passo: Selecione o campo , no canto inferior da tela, para adicionar o seu vídeo, conforme exemplificado abaixo:



2º passo: Caso você já tenha gravado um vídeo, **escolha o arquivo desejado**, mas também é possível gravar direto, selecionando o ícone **“transmitir ao vivo”**, conforme modelo abaixo:



3º passo: No título do vídeo, conforme modelo abaixo, coloque **“SP Escola de Teatro – PS 02/2021”**:



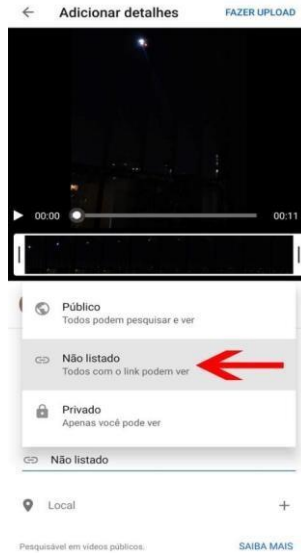
Título
SP ESCOLA DE TEATRO - PS
02/2021



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

4º passo: Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como **“Não listado (todos com o link podem ver)”**, pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:



5º passo: Posteriormente o vídeo será carregado. Aguarde até apresentar a mensagem **“Pronto para ser assistido”**, conforme exemplo abaixo:

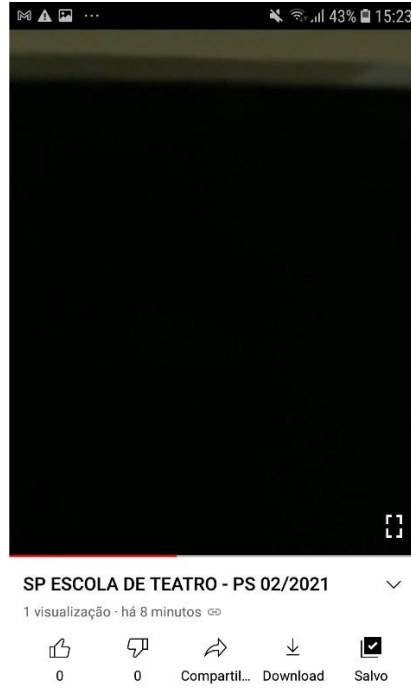




Secretaria da Cultura e Economia Criativa

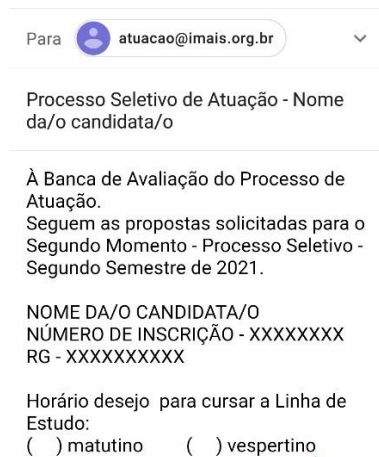
PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

6º passo: Selecione a opção “**Compartilhar**” à baixo do nome do vídeo, conforme exemplificado abaixo”:



7º passo: Compartilhe o seu vídeo enviando para o e-mail: direcao@imais.org.br, colocando como assunto “**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**”.

No corpo do e-mail insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/o Candidata/o, Número de Inscrição, Número do RG, Linha de Estudo e Horário desejado para cursar a Linha de Estudo**, conforme especificado a seguir:





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

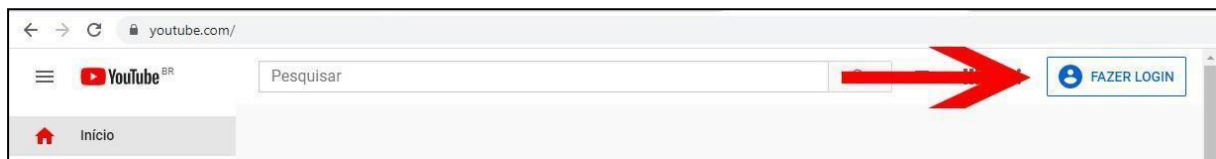
PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

Atenção! Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.

ENVIO VIA YOUTUBE PELO COMPUTADOR:

1º passo: Acesse o site: <https://www.youtube.com/>

2º passo: Clique em “fazer login”, conforme indicado abaixo:



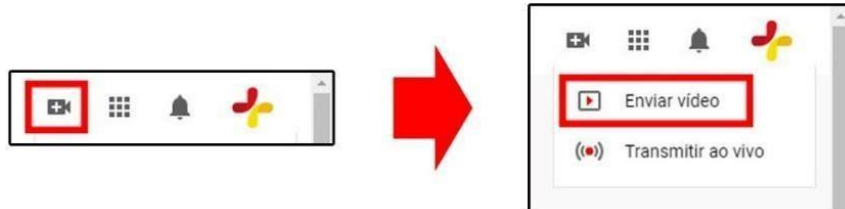
3º passo: Somente é possível realizar o login no Youtube utilizando uma **conta do Gmail:**





PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

4º passo: Clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone “**enviar vídeo**”, conforme exemplificado abaixo:



5º passo: Caso for o seu primeiro acesso no Youtube, abrirá a opção de iniciar a jornada como criador de conteúdo. Neste caso, clique em “**primeiros passos**”, pois se clicar em “**agora não**”, a janela se fecha e você não conseguirá adicionar o seu vídeo:

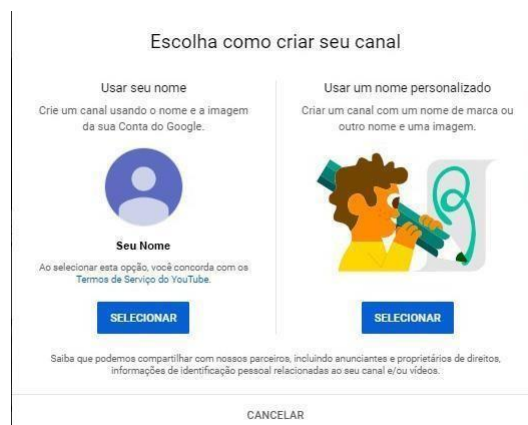


Sua jornada como criador de conteúdo começa agora

Seguir sua paixão criativa, interagir com o público e compartilhar suas histórias começa com a criação do seu canal. Saiba mais



6º passo: Escolha como irá criar o canal, escolhendo se irá utilizar o **seu nome**, o mesmo cadastrado na conta do Gmail, **ou** um **nome personalizado**, conforme modelo abaixo:





PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

7º passo: Finalize o cadastro da sua conta ou faça depois clicando em “*set up later*”, conforme modelo abaixo:

Add links to your sites
Sharing links helps viewers stay connected with you and your latest videos.

Custom link:

Título do link Meu site	URL Add URL
----------------------------	----------------

Social links:

URL
 <https://www.facebook.com/adicionar nome do perfil>

URL
 <https://www.twitter.com/adicionar nome do perfil>

URL
 <https://www.instagram.com/adicionar nome do perfil>



8º passo: Caso não seja o seu primeiro acesso, clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone “**enviar vídeo**” e, posteriormente, clique em “**enviar vídeos**” novamente, conforme exemplificado abaixo:





PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

9º passo: Clique em **“selecionar arquivos”** para adicionar os vídeos a serem enviados para a Avaliação, conforme indicado abaixo:



Arraste e solte os arquivos de vídeo para fazer o envio
Seus vídeos ficarão privados até que você os publique.



10º passo: No título do vídeo coloque **“SP Escola de Teatro Processo Seletivo 02/2021”** e determine se o conteúdo do seu vídeo é para crianças ou não, conforme modelo abaixo:

11º passo: Quanto aos elementos do vídeo, basta seguir para o próximo item, conforme exemplo:



PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

12º passo: Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como **“Não listado (qualquer pessoa com o link do vídeo pode vê-lo)”**, pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:

SP ESCOLA DE TEATRO - PROCESSO SELETIVO 02/2021

Salvo como rascunho

Detalhes Elementos do vídeo Verificações **Visibilidade**

Visibilidade

Escolha quando publicar e quem poderá ver seu vídeo

Salvar ou publicar
Torne o vídeo público, não listado ou privado

Privado
Seu vídeo está disponível apenas para você e pessoas que você escolher

Não listado
Seu vídeo está disponível para todos que tiverem o link

Público
Seu vídeo está disponível para todos

Definir como Estreia imediata ?

Programar
Selecione uma data para tornar o vídeo público

Link do vídeo

13º passo: Salve e copie o **link** do vídeo clicando no ícone indicado no modelo abaixo:

Vídeo publicado

SP ESCOLA DE TEATRO - PROCESSO SELETIVO 0...
Enviado em 24 de mai. de 2021

Compartilhar um link

WhatsApp Facebook Twitter Email 카카오톡... reddit

Link do vídeo
<https://youtu.be/>

FECHAR





| Secretaria da Cultura e Economia Criativa

PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

14º passo: Envie o *link* do seu vídeo para o e-mail: direcao@imais.org.br, colocando como assunto “**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**”, conforme especificado abaixo.

No corpo do *e-mail* insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/do Candidata/Candidato; Número de Inscrição; Número do RG; Linha de estudo; e Horário desejado para cursar a linha de estudo.**

De: 

Para: atuacao@imais.org.br;  Cc e Cco

PROCESSO SELETIVO DE ATUAÇÃO - "NOME DA/O CANDIDATA/O"

À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Atuação.

Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2021.

NOME DA/O CANDIDATA/O
NÚMERO DE INSCRIÇÃO – XXXXXXXX
RG - XXXXXXXXXX

Horário desejado para cursar a linha de estudo:
() Matutino () Vespertino

<https://youtu.be/>

Atenção! Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.

Em caso de dúvida, entrar em contato com o **SAC do INSTITUTO MAIS** através do telefone **(11) 2659-5746**, no horário das **10h00min às 12h30min** ou das **13h30min às 16h30min** (**Horário Oficial de Brasília/DF**), exceto aos sábados, domingos e feriados



O Futuro é nosso Presente

OU ISTO OU AQUILO

CECÍLIA MEIRELES

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão ,
Quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e não guardo o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!



112
Чайка:
Лужский - Меергольд - Роксанова

A gaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Primeiro ato: Sórin (V. V. Lujski), Trepliov (V. E. Meierhold), Nina (M. L. Roksânova).

PRIMEIRO ATO

Um trecho do parque na fazenda de Sórin. Uma alameda larga, que parte da platéia e entra pelo parque, rumo a um lago, está parcialmente encoberta por um tablado construído às pressas a fim de servir à apresentação de um espetáculo teatral doméstico, de modo que não é possível ver o lago. Há arbustos à direita e à esquerda do tablado.

Algumas cadeiras, uma mesinha.

O sol acaba de se pôr. No tablado, atrás da cortina baixada, estão Iákov e outros trabalhadores; som de tosse e marteladas. Macha e Miedviediênko entram à esquerda, de volta de um passeio.

MIEDVIEDIÊNKO Por que a senhorita anda sempre de preto?

MACHA Estou de luto pela minha vida. Sou infeliz.

MIEDVIEDIÊNKO Por quê? [*Com ar pensativo*] Não entendo...

A senhorita é saudável, e seu pai, embora não seja rico, tem uma situação bastante confortável. A vida para mim é bem mais difícil do que para a senhorita. Ganho apenas vinte e três rublos por mês, uma parte ainda é descontada para o fundo de pensão, e nem por isso ando de luto.

[*Sentam-se.*]

MACHA A questão não é o dinheiro. Mesmo um pobre pode ser feliz.

MIEDVIEDIÊNKO Só na teoria, pois na prática a situação é a seguinte: eu, minha mãe, duas irmãs, um irmão pequeno e um salário de apenas vinte e três rublos. Por acaso não temos de comer e beber? Não precisamos de chá e açúcar? E o tabaco? Não há como dar jeito nisso.

MACHA [*olhando para o tablado*] O espetáculo vai começar daqui a pouco.

MIEDVIEDIÊNKO Sim. Zariêchnaia vai se apresentar e a peça é uma obra de Konstantin Gavrílovitch. Os dois estão apaixonados e hoje suas almas vão se unir na aspiração de criar uma representação artística única. Mas entre a minha

alma e a sua não existem pontos de contato. Amo a senhorita e, de tanta saudade, não consigo ficar em casa, percorro seis verstas a pé todos os dias para vir aqui, outras seis para voltar e, da sua parte, só encontro indiferença. Mas eu compreendo. Tenho poucos recursos, minha família é grande... Qual mulher vai querer um homem que mal consegue ter o que comer?

MACHA Bobagem. [*Aspira rapé*] O seu amor me comove, mas não consigo corresponder, só isso. [*Oferece a ele a caixinha de rapé*] Sirva-se.

MIEDVIEDIÊNKO Não estou com vontade.

[*Pausa.*]

MACHA Está abafado, deve cair uma tempestade esta noite. O senhor está sempre filosofando ou falando de dinheiro. Para o senhor, não existe infelicidade maior do que a pobreza, enquanto para mim é mil vezes mais fácil vestir andrajos e pedir esmolas do que... Mas o senhor não compreende isso...

[*Sórin e Trepliov entram pela direita.*]

SÓRIN [*apoiando-se na bengala*] No campo, meu caro, não me sinto à vontade e, sem dúvida alguma, nunca vou me habituar a isto. Ontem fui deitar às dez horas e hoje de manhã acordei às nove com a sensação de que, de tanto dormir, meu cérebro havia grudado no crânio. [*Ri*] Depois do almoço, para minha surpresa, caí no sono de novo, e agora

me sinto abatido, é como se vivesse num pesadelo, no fim das contas...

TREPLIOV De fato, seria melhor você morar na cidade. [*Vê Macha e Miedviediêenko*] Senhores, serão chamados quando a peça começar, mas agora não podem ficar aqui. Vão embora, por gentileza.

SÓRIN [*para Macha*] Maria Ilinitchna, tenha a gentileza de pedir ao seu paizinho que mande soltar o cachorro para ele parar de latir. Minha irmã passou outra vez a noite inteira sem dormir.

MACHA Fale o senhor mesmo com meu pai, eu não vou falar.

Por favor, me dispense disso. [*Para Miedviediêenko*] Vamos!

MIEDVIEDIÊNKO [*para Trepliov*] Então, antes que a peça comece, o senhor mande alguém nos chamar.

[*Saem os dois.*]

SÓRIN Quer dizer que, mais uma vez, o cachorro vai ficar latindo a noite inteira. Está vendo só? No campo, nunca vivo do jeito que quero. Antigamente, me davam vinte e oito dias de folga e eu vinha para cá, para descansar, mas aqui me aborreciam com tantas coisas absurdas que, desde o primeiro dia, minha vontade era ir embora. [*Ri*] Eu sempre me sentia contente de ir embora daqui... Mas agora estou aposentado e, no fim das contas, não tenho outro lugar para ficar. Bem ou mal, vou vivendo...

IÁKOV Vamos tomar banho, Konstantin Gavrílitich.

TREPLIOV Muito bem, mas estejam em seus lugares daqui a dez minutos. [*Olha para o relógio*] Começaremos daqui a pouco.

IÁKOV [*para Trepliov*] Pode deixar. [*Sai*]

TREPLIOV [*olhando de relance para o tablado*] Isto sim é um teatro. A cortina, depois o primeiro bastidor, o segundo bastidor e, em seguida, o espaço vazio. Nenhum cenário. A vista se abre direto para o lago e para o horizonte. Levantaremos a cortina exatamente às oito e meia, quando a lua surgir.

SÓRIN Excelente.

TREPLIOV Se Zariêchnaia se atrasar, o efeito estará perdido, é claro. Já era hora de ela estar aqui. O pai e a madrastra controlam muito e, para ela, sair de casa é tão difícil como sair de uma prisão. [*Ajeita a gravata do tio*] Sua barba e seu cabelo estão muito compridos. Seria melhor aparar um pouco, não acha?

SÓRIN [*penteando a barba*] Esta é a tragédia da minha vida. Na mocidade, eu tinha sempre o aspecto de um bebedor, você nem imagina. As mulheres jamais gostaram de mim. [*Senta-se*] Por que minha irmã anda de mau humor?

TREPLIOV Por quê? Está entediada. [*Senta-se a seu lado*] Sente ciúmes. Já está até contra mim, contra o espetáculo e contra a minha peça, porque não é ela que vai representar, e sim Zariêchnaia. Nem conhece a minha peça mas já a odeia.

SÓRIN [*ri*] Você está imaginando coisas, francamente...

TREPLIOV Ela já está aborrecida porque, nesse palco minúsculo, Zariêchnaia vai brilhar, e não ela. [*Olha para o relógio*] Minha mãe é um caso psicológico muito curioso. Uma mulher de um talento inegável, inteligente, capaz de chorar sobre as páginas de um livro e repetir de cor todos os versos de Niekrássov; cuida dos doentes como um anjo;

mas experimente elogiar Duse diante dela para ver o que acontece. Ah! Só se pode elogiar a ela e a mais ninguém, só se pode escrever sobre ela e aclamá-la e se entusiasmar com a sua extraordinária interpretação em *A dama das camélias* ou em *O enlevo da vida*, mas como aqui no campo não existe esse sedativo, ela se aborrece e se irrita, e todos nós viramos seus inimigos, todos nós somos culpados. Além disso, é supersticiosa, tem medo de três velas acesas e do número treze. É avarenta. No banco, em Odessa, tem guardados setenta mil rublos, sei disso com absoluta certeza. Mas tente pedir um empréstimo e vai ver como na mesma hora ela se põe a chorar.

SÓRIN Você imaginou que sua peça não irá agradar à sua mãe e logo ficou alvoroçado. Acalme-se, sua mãe tem adoração por você.

TREPLIOV [*arrancando as pétalas de uma flor*] Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer. [*ri*] Está vendo? Minha mãe não me ama. E não é de admirar! Ela quer viver, amar, vestir blusas de cores vistosas, mas eu já tenho vinte e cinco anos e, o tempo todo, a faço lembrar que não é mais jovem. Quando não estou presente, mamãe tem só trinta e dois anos mas, ao meu lado, tem quarenta e três e por isso me odeia. Ela também sabe que eu não tenho grande consideração pelo teatro. Ela ama o teatro e lhe parece que, com isso, presta um grande serviço à humanidade, à arte sagrada, mas para mim o teatro contemporâneo não passa de rotina e superstição. Quando a cortina sobe e, à luz da noite, entre as três paredes, esses talentos formidáveis, os sacerdotes da

arte sagrada, representam como as pessoas comem, bebem, amam, andam, vestem seus casacos; quando, das cenas e das frases mais banais, tentam desencavar uma moral — pequenina, fácil de entender, útil para fins domésticos; quando, em mil variantes, me apresentam sempre a mesma coisa, a mesma coisa e a mesma coisa, então eu fujo correndo, como Maupassant fugia da torre Eiffel, que lhe oprimia o cérebro com sua vulgaridade.

SÓRIN É impossível viver sem o teatro.

TREPLIOV Precisamos de formas novas. Formas novas são indispensáveis e, se não existirem, então é melhor que não haja nada. [*Olha para o relógio*] Amo minha mãe, amo de todo coração; mas ela vive de um modo absurdo, sempre às voltas com esse literato, o nome dela aparece toda hora nos jornais, e isso me aborrece. Às vezes, o egoísmo do mais comum dos mortais toma conta de mim; sinto mágoa por minha mãe ser uma atriz famosa e tenho a impressão de que eu seria mais feliz se ela fosse uma mulher comum. Tio, me diga que situação poderia ser mais desesperadora e mais tola: às vezes, na companhia de minha mãe, há uma multidão de celebridades, artistas e escritores, e entre eles só eu não sou nada, todos só me aturam porque sou filho dela. Quem sou? O que sou? Tive de deixar a faculdade no terceiro ano, por circunstâncias independentes da minha vontade, como costumam dizer, não tenho nenhum talento, nenhum centavo no bolso e, segundo a minha carteira de identidade, não passo de um pequeno-burguês de Kiev. Também o meu pai foi um pequeno-burguês de Kiev, embora tenha sido um ator famoso. Então, quando todos

aqueles artistas e escritores reunidos no salão de visitas da minha mãe se dignavam a me dar atenção, eu tinha a impressão de que, com seus olhares, eles mediam a minha insignificância... Eu adivinhava os pensamentos dessa gente e a humilhação me fazia sofrer...

SÓRIN A propósito, me explique, por favor, que tipo de homem é esse escritor? Eu não o entendo. Vive calado.

TREPLIOV Um homem inteligente, simples, um pouquinho melancólico, você sabe como é. Muito honesto. Ainda está longe dos quarenta anos, mas já é famoso e se sente farto da vida... Com relação ao que ele escreve... como posso lhe dizer? Tem beleza, tem talento... Mas... depois de Tolstói ou de Zola, não dá vontade de ler Trigórin.

SÓRIN Pois quanto a mim, meu caro, adoro escritores. No passado, eu desejava apaixonadamente duas coisas: casar e ser um escritor, mas não consegui nem uma coisa nem outra. Pois é. No fim das contas, até ser um escritor menor é agradável.

TREPLIOV [*pondo-se a ouvir com atenção*] Ouço passos... [*Abraça o tio*] Não posso viver sem ela... Até o som dos seus passos é bonito... Fico louco de felicidade. [*Vai às pressas ao encontro de Nina Zariêtnaia, que entra*] Feiticeira, meu sonho...

NINA [*emocionada*] Não cheguei atrasada... Sei que não estou atrasada, estou?

TREPLIOV [*beijando as mãos dela*] Não, não, não...

NINA Fiquei agitada o dia inteiro, senti tanto medo! Tive medo de que papai não me deixasse vir... Mas ele saiu com minha madrasta. O céu está vermelho, a lua já está começando a subir e eu fiz meu cavalo correr e correr tanto! [*Ri*] Mas estou contente. [*Aperta com força a mão de Sórin*]

SÓRIN [Ri] Seus olhinhos parecem ter chorado... Ora, ora!
Isso não é bom!

NINA Não foi nada... Vejam, estou até sem fôlego. Tenho de voltar daqui a meia hora, precisamos nos apressar. Não posso, não posso, não me detenham, pelo amor de Deus. Papai não sabe que estou aqui.

TREPLIOV Na verdade, já é hora de começar. Temos de chamar a todos.

SÓRIN Eu vou buscá-los. Num minuto. [*Segue para a direita e canta*] “Dois granadeiros foram para a França...” [*Olha para trás*] Uma vez cantei assim e um colega procurador me disse: “Vossa Excelência tem a voz possante...” Depois pensou um pouco e acrescentou: “Mas... enjoativa”. [*Ri e sai*]

NINA Papai e sua esposa não me deixam vir para cá. Dizem que aqui só há boêmios... Eles têm medo de que eu acabe me tornando uma atriz... Mas eu me sinto atraída para cá, para o lago, como uma gaivota... Meu coração é todo seu. [*Olha para trás*]

TREPLIOV Estamos sozinhos.

NINA Parece que tem alguém lá...

TREPLIOV Não há ninguém. [*Beijam-se*]

NINA Que árvore é esta?

TREPLIOV Um olmo.

NINA Por que está tão escuro?

TREPLIOV Já está anoitecendo, todas as coisas ficam escuras.
Não vá embora tão cedo, eu imploro.

NINA É impossível.

TREPLIOV E se eu também for à sua casa, Nina? Vou ficar no jardim a noite inteira e olhar para a sua janela.

NINA É impossível. O cão de guarda iria perceber. Tresor ainda não está habituado com você e iria começar a latir.

TREPLIOV Amo você.

NINA Psss...

TREPLIOV [*ouvindo passos*] Quem está aí? É você, Iákov?

IÁKOV [*atrás do tablado*] Sim, senhor.

TREPLIOV Tomem seus lugares. Está na hora. A lua está subindo?

IÁKOV Sim, senhor.

TREPLIOV O álcool está aí? O enxofre também? Quando aparecerem os olhos vermelhos, tem de haver um cheiro de enxofre. [*Para Nina*] Vá, já está tudo preparado. Está nervosa?...

NINA Sim, muito. Sua mãe... Não, dela eu não receio nada, mas Trigórin está aqui... Tenho medo e vergonha de representar diante dele... Um escritor famoso... É jovem?

TREPLIOV É.

NINA Como os contos dele são maravilhosos!

TREPLIOV [*com frieza*] Não sei, nunca li.

NINA É difícil representar a peça que você escreveu. Não tem personagens vivos.

TREPLIOV Personagens vivos! Não se deve representar a vida do jeito que ela é, nem do jeito que devia ser, mas sim como ela se apresenta nos sonhos.

NINA Na sua peça há pouca ação, é só declamação, do início ao fim. E, para mim, uma peça precisa ter amor...

[*Saem por trás do tablado. Entram Polina Andréievna e Dorn.*]

POLINA Está ficando úmido. Volte e calce as galochas.

DORN Estou com calor.

POLINA O senhor não se cuida direito. É pura teimosia. O senhor é médico e sabe muito bem que o ar úmido lhe faz mal, mas insiste nisso só para me fazer sofrer. Ontem, o senhor passou a noite inteira sentado na varanda, de propósito...

DORN [cantarola] “Não diga que a mocidade está perdida.”

POLINA O senhor ficou tão empolgado com a conversa com Irina Nikoláievna... que nem notou o frio. Confesse que gostou dela.

DORN Tenho cinquenta e cinco anos.

POLINA Deixe disso: para um homem, isso não é velhice. O senhor está esplendidamente conservado e ainda agrada às mulheres.

DORN Mas o que a senhora quer dizer, afinal?

POLINA Diante de uma atriz, todos vocês estão sempre dispostos a ficar de joelhos. Todos!

DORN [cantarola] “Estou de novo diante de ti...” Se os atores são admirados na sociedade e recebem um tratamento diferente do que se dispensa, por exemplo, aos comerciantes, isso é perfeitamente natural. É o idealismo.

POLINA As mulheres sempre se apaixonavam pelo senhor e se atiravam nos seus braços. Isso também era idealismo?

DORN [dando de ombros] Ora! Havia muita coisa boa nas atenções que as mulheres me dedicavam. Em mim, elas estimavam sobretudo o médico competente. Uns dez... ou quinze anos atrás, a senhora se lembra, eu era o único obstetra capaz em toda a província. Além do mais, sempre fui um homem honrado.

POLINA [segura a mão dele] Meu querido!

DORN Fale baixo, vem gente.

[Entram Arkádina e Sórin de braços dados, Trigórin, Chamraiev, Miedviediêenko e Macha.]

CHAMRAIEV Em 1873, na feira de Poltava, ela representou de forma magnífica. Uma maravilha! Um milagre! [Para Arkádina] Por acaso a senhora não sabe por onde anda agora o cômico Pavel Siemiônitch Tchadin? Ele era incomparável no papel de Raspliuiev, melhor do que Sadovski, eu juro, minha cara. Por onde ele anda agora?

ARKÁDINA O senhor sempre pergunta a respeito dessas pessoas antediluvianas. Como vou saber? [Senta-se]

CHAMRAIEV [suspira] Pachka Tchadin! Não existem mais atores como ele! O teatro entrou em decadência, Irina Nikoláievna! Antigamente, havia carvalhos grandiosos; hoje, só vemos uns toquinhos de árvore.

DORN Hoje há poucos talentos brilhantes, é verdade, mas o nível dos atores medianos melhorou muito.

CHAMRAIEV Não posso concordar com o senhor. Aliás, esta é uma questão de gosto. *De gustibus aut bene, aut nihil.*¹

[Trepliov entra, vindo de trás do tablado.]

ARKÁDINA [para o filho] Meu filho querido, quando a peça vai começar?

TREPLIOV Num minuto. Tenha paciência.

1 Em latim no original: “Sobre o gosto, fale-se bem ou nada se fale”. O personagem mistura dois provérbios: “sobre o gosto, não se discute” e “sobre os mortos, fale-se bem ou nada se fale”. [N. T.]

ARKÁDINA [*recita um trecho de Hamlet*] “Meu filho, Hamlet! Tu fizeste meus olhos se voltarem para dentro da minha alma e eu a descobri tão coberta de sangue e de chagas mortais que não pode mais haver salvação!”

TREPLIOV [*também de Hamlet*] “Então para que te entregaste ao vício e foste buscar o amor num abismo de crime?”

[*Por trás do tablado, tocam um clarim.*]

TREPLIOV Senhores, vai começar! Peço a atenção de todos! Eu começo. [*Bate com um bastão e fala bem alto*] Ó, veneráveis sombras antigas, que nas horas noturnas pairam sobre este lago, façam-nos dormir e sonhar com aquilo que há de acontecer daqui a duzentos mil anos!

SÓRIN Daqui a duzentos mil anos, não existirá mais nada.

TREPLIOV Pois então que nos mostrem como será esse nada.

ARKÁDINA Assim seja. Já estamos dormindo.

[*A cortina se levanta, surge a vista do lago; a lua, logo acima do horizonte, reflete-se na água; sobre uma pedra grande, está sentada Nina Zariétchnaia, toda de branco.*]

NINA Homens, leões, águias e perdizes, cervos de grandes chifres, gansos, aranhas, peixes silenciosos que habitavam as águas, estrelas do mar e criaturas que os olhos não eram capazes de ver — em suma, todas as vidas, todas as vidas, todas as vidas, depois de concluírem seu triste ciclo, se extinguiram... Há muitos milhares de anos não existe mais uma única criatura viva sobre a terra e esta pobre lua acende sua lanterna em vão.

No prado, os groux já não despertam com um grito, nem se ouvem os besouros nos bosques de tílias. Frio, frio, frio. Deserto, deserto, deserto. Horror, horror, horror.

[*Pausa.*]

NINA Os corpos dos seres vivos se desfizeram em pó e a matéria eterna os transformou em pedra, água, nuvens, e as almas de todos os seres vivos fundiram-se em uma só. A alma do mundo sou eu... eu... Em mim, habita a alma de Alexandre o Grande, de César, de Shakespeare, de Napoleão e a alma da mais reles sanguessuga. Em mim, as consciências de todos fundiram-se com os instintos dos animais e eu me lembro de tudo, de tudo, e sinto em mim todas as vidas viverem de novo.

[*Rebrilham fogos-fátuos no pântano.*]

ARKÁDINA [*em voz baixa*] Isso está um tanto decadentista.

TREPLIOV [*em tom de súplica e de censura*] Mãe!

NINA Estou só. Uma vez a cada cem anos, abro a boca para falar e minha voz ressoa neste deserto tristonho, mas ninguém escuta... E vocês, ó pálidas luzes dos fogos-fátuos, não me escutam... De madrugada, o pântano pútrido as traz ao mundo e vocês, pálidas luzes, vagueiam até a aurora, mas sem pensamentos, sem vontade, sem os tremores da vida. Receoso de que a vida irrompa em vocês, o pai da matéria eterna, o diabo, promove um fluxo incessante de átomos, como acontece com as pedras e a água, e vocês são

continuamente transformadas. No universo, só o espírito permanece constante e invariável.

[Pausa.]

NINA Como um prisioneiro lançado num poço profundo e vazio, não sei onde estou e o que me espera. Para mim, só é claro que, na batalha encarniçada e cruel contra o diabo, origem das forças materiais, estou destinado a sair vencedor, e, depois disso, a matéria e o espírito se fundirão em uma harmonia maravilhosa e terá início o reino da vontade universal. Mas isso só acontecerá quando, pouco a pouco, ao fim de uma longa série de milênios, a lua, a luminosa Sírius e a terra se houverem transformado em poeira... Até lá, o horror, o horror...

[Pausa; no outro lado do lago, surgem dois pontinhos vermelhos.]

NINA Eis que se aproxima meu poderoso adversário, o diabo. Vejo seus olhos rubros e medonhos...

ARKÁDINA Sinto cheiro de enxofre. Será mesmo necessário?

TREPLIOV É, sim.

ARKÁDINA [ri] Ah, é um efeito especial.

TREPLIOV Mãe!

NINA Ele se entedia, sem ninguém...

POLINA [para Dorn] O senhor tirou o chapéu. Cubra-se, ou vá se resfriar.

ARKÁDINA O médico tirou o chapéu porque está diante do diabo, o pai da matéria eterna.

TREPLIOV [com raiva, erguendo a voz] A peça acabou! Chega! Baixem a cortina!

ARKÁDINA Por que você ficou zangado?

TREPLIOV Chega! Cortina! Baixem a cortina! [Bate o pé] Cortina!

[A cortina é baixada.]

TREPLIOV Peço desculpas! Esqueci que só uns poucos eleitos podem escrever peças e representar num palco. Perturbei o monopólio! Para mim... eu... [Ainda deseja falar alguma coisa, mas abana a mão e sai pela esquerda]

ARKÁDINA Mas o que deu nele?

SÓRIN Você o ofendeu.

ARKÁDINA Ele mesmo avisou que era uma brincadeira, então tratei sua peça como uma brincadeira.

SÓRIN Mesmo assim...

ARKÁDINA Pois, então, agora ficamos sabendo que ele escreveu uma obra genial! Era só o que faltava! Quer dizer que ele montou esse espetáculo e soltou essa fumaceira com cheiro de enxofre não por brincadeira, mas como um protesto... Quer nos ensinar como se deve escrever e o que se deve representar... No fim, tudo isso me dá tédio. Esses ataques constantes contra mim, ou essas pirraças, se preferirem, são de encher a paciência de qualquer pessoa! Um menino mimado e birrento.

SÓRIN Ele quis lhe oferecer uma diversão.

ARKÁDINA Ah, é? No entanto, em vez de escolher uma peça comum, ele nos obrigou a escutar esse disparate decadentista. Pois estou disposta a ouvir uma brincadeira, e até um

disparate, mas não essas pretensões a formas novas e a uma nova era na arte. Para mim, não se trata de formas novas, o que há aqui é apenas má índole.

TRIGÓRIN Cada um escreve como quer e como pode.

ARKÁDINA Pois que ele escreva como quiser e como puder, mas que me deixe em paz.

DORN Júpiter, estás irado...²

ARKÁDINA Não sou Júpiter, sou uma mulher. [*Acende um cigarro*] Não estou irada, só lamento que um jovem passe seu tempo de modo tão enfadonho. Eu não queria ofendê-lo.

MIEDVIEDIÊNKO Ninguém dispõe dos meios de separar o espírito da matéria, pois talvez o próprio espírito seja um conjunto de átomos. [*Animado, para Trigórin*] Que tal escrever uma peça sobre como vivem os nossos irmãos professores e levá-la ao palco? É uma vida difícil, muito difícil!

ARKÁDINA É uma idéia justa, mas não vamos falar mais de peças, nem de átomos. A noite está tão agradável! Escutem! Não estão cantando? [*Ouve com atenção*] Que bonito!

POLINA Vem da outra margem.

[*Pausa.*]

ARKÁDINA [*para Trigórin*] Sente-se ao meu lado. Uns dez ou quinze anos atrás, aqui no lago, quase todas as noites se ouvia música e cantoria. Aqui, na beira do lago, existem seis grandes casas de campo. Lembro-me dos risos, das vozes,

² Início de um provérbio latino: "Júpiter, estás irado; significa que estás enganado". [N. T.]

dos tiros das caçadas, dos namoros, tantos namoros... O *jeune premier*, o galã e ídolo das seis propriedades, na época, permitam que lhes apresente [*acena com a cabeça na direção de Dorn*], era o doutor Ievguêni Sierguêievitch. Hoje, é um homem encantador, mas era irresistível naquele tempo. Pronto, minha consciência já começou a me torturar. Por que fui ofender o meu pobre menino? Estou tão aflita. [*Em voz mais alta*] Kóstia! Meu filho! Kóstia!

MACHA Vou procurá-lo.

ARKÁDINA Muito obrigada, querida.

MACHA [*saindo pela esquerda*] Ei! Konstantin Gavrilovitch... Ei! [*Sai*]

NINA [*vindo de trás do tablado*] Está claro que a peça não vai mais continuar, por isso já posso sair. Boa noite para todos! [*Beija Arkádina e Polina Andréievna*]

SÓRIN Bravo! Bravo!

ARKÁDINA Bravo, bravo! Ficamos encantados. Com essa aparência, com essa voz tão fora do comum, é até um pecado ficar escondida aqui no campo. A senhorita parece ter muito talento. Está ouvindo? Seu dever é subir ao palco!

NINA Ah, esse é o meu sonho! [*Suspira*] Mas nunca se tornará realidade.

ARKÁDINA Quem pode saber? Permita que lhe apresente Boris Aleksêievitch Trigórin.

NINA Ah, muito prazer... [*Encabulada*] Leio sempre o que o senhor escreve...

ARKÁDINA [*sentando-se ao lado dela*] Não fique encabulada, minha querida. Trigórin é uma celebridade mas, por dentro, é um homem simples. Veja, ele mesmo está encabulado.

DORN Creio que agora já podemos levantar a cortina, pois deste jeito fica tétrico.

CHAMRAIEV [*em voz alta*] Iákov, levante a cortina, meu rapaz!

[*Ergue-se a cortina.*]

NINA [*para Trigórin*] Não achou estranha essa peça?

TRIGÓRIN Não compreendi nada. Mesmo assim, acompanhei tudo com prazer. A senhorita representou com muita sinceridade. E o cenário era magnífico.

[*Pausa.*]

TRIGÓRIN Nesse lago deve haver muitos peixes.

NINA Há, sim.

TRIGÓRIN Adoro pescar. Para mim, não existe prazer maior do que ficar sentado na beira de um lago, à tardinha, olhando para a bóia presa à linha.

NINA Mas eu imagino que, para quem experimentou o prazer da criação artística, todos os outros prazeres perdem o sentido.

ARKÁDINA [*ri*] Não fale assim. Quando lhe dizem coisas gentis, ele fica muito sem graça.

CHAMRAIEV Lembro que, certa vez, no teatro de ópera em Moscou, o famoso Silva cantou o dó mais grave. Nessa ocasião, como que de propósito, estava sentado na galeria um dos baixos do coro da nossa arquidiocese, e de repente, os senhores podem calcular o nosso espanto, ouvimos uma voz lá na galeria: “Bravo, Silva!”. Uma oitava inteira

abaixo... Assim: [*com voz grave*] “Bravo, Silva!”. O teatro como que congelou.

[*Pausa.*]

DORN Passou um anjo por aqui.

NINA Está na minha hora. Adeus.

ARKÁDINA Aonde vai? Aonde vai tão cedo? Não a deixaremos ir embora.

NINA Papai está à minha espera.

ARKÁDINA Como ele pode fazer isso conosco?

[*Beijam-se.*]

ARKÁDINA Bem, o que se vai fazer? É uma pena que a senhorita tenha de ir embora.

NINA A senhora nem imagina como eu lamento ter de partir.

ARKÁDINA Alguém devia acompanhá-la até sua casa, meu anjo.

NINA [*assustada*] Ah, não. Não!

SÓRIN [*para ela, em tom de súplica*] Fique!

NINA Não posso, Piotr Nikoláievitch.

SÓRIN Fique só mais uma hora. Por favor...

NINA [*após refletir, em lágrimas*] É impossível! [*Abana a mão e sai ligeiro*]

ARKÁDINA Uma jovem muitíssimo infeliz. Dizem que sua falecida mãe deixou de herança para o marido toda a sua imensa fortuna, até o último copeque, e agora essa mocinha ficou sem nada, pois o pai já deixou tudo de herança para a segunda esposa. É revoltante.

DORN Sim, o pai dela, justiça seja feita, é um verdadeiro boçal.
SÓRIN [*esfregando as mãos geladas*] Vamos entrar, senhores, antes que fique muito úmido. Minhas pernas estão doendo.

ARKÁDINA Suas pernas parecem de madeira, quase não se mexem. Vamos lá, velho desafortunado. [*Segura-o pelo braço*]

CHAMRAIEV [*oferecendo o braço à esposa*] Madame?

SÓRIN Estou ouvindo o cachorro uivar de novo. [*Para Chamraiev*] Iliá Afanássievitch, faça a gentileza de mandar soltar esse cachorro.

CHAMRAIEV É impossível, Piotr Nikoláievitch. Tenho medo de que os ladrões entrem no celeiro. Lá, eu guardo o meu pãoço. [*Para Miedviediênko, que caminha a seu lado*] Pois foi assim mesmo, uma oitava inteira abaixo: "Bravo, Silva!". E nem era um cantor de ópera, mas um simples cantor do coro da arquidiocese.

MIEDVIEDIÊNKO E quanto ganha um cantor do coro da arquidiocese?

[*Todos saem, exceto Dorn.*]

DORN [*sozinho*] Não sei, talvez eu não entenda mesmo nada, ou esteja maluco, mas gostei da peça. Há alguma coisa, ali. Quando aquela mocinha falou sobre solidão e depois, quando surgiram os olhos vermelhos do diabo, minhas mãos tremeram de emoção. Há um frescor, uma inocência... Ah, parece ser ele quem vem ali. Eu gostaria de lhe dizer muitas coisas agradáveis.

TREPLIOV [*entra*] Já não tem mais ninguém.

DORN Eu estou aqui.

TREPLIOV A Máchenka andou atrás de mim pelo parque inteiro. Criatura insuportável.

DORN Konstantin Gavrílovitch, a peça do senhor me agradou imensamente. É um tanto estranha e não pude ver o final, mesmo assim o efeito é forte. O senhor é um homem de talento, deve persistir.

[*Trepliov aperta com força sua mão e o abraça, impetuoso.*]

DORN Puxa, como está nervoso! Tem lágrimas nos olhos... Mas o que era mesmo que eu queria lhe dizer? O senhor foi colher seu assunto na esfera das idéias abstratas. E isso é muito bom, porque uma obra de arte deve necessariamente expressar um pensamento elevado. Só o que é sério pode ser belo. Mas como o senhor está pálido!

TREPLIOV Então o senhor diz que devo persistir?

DORN Sim... Mas só ponha em cena o que for importante e eterno. O senhor sabe, levei uma vida bem variada e aproveitei bastante o meu tempo, não tenho do que me queixar, mas se me tivesse acontecido de experimentar uma elevação do espírito, como ocorre com os artistas na hora da criação, acho que eu teria desprezado o meu invólucro material e tudo o que é próprio dele, e me deixado levar para as alturas, para bem longe da terra.

TREPLIOV Perdão, mas onde está Zariêtnaia?

DORN E mais uma coisa. Nas obras de arte, deve haver um pensamento claro, bem definido. O senhor precisa saber para que escreve, senão, ao trilhar esse caminho pitoresco

sem ter um objetivo bem definido, vai acabar se perdendo e o seu talento será a sua perdição.

TREPLIOV [*impaciente*] Onde está Zariêtnaia?

DORN Foi para casa.

TREPLIOV [*em desespero*] O que vou fazer agora? Queria falar com ela... Preciso vê-la de qualquer jeito... Vou atrás dela...

[*Entra Macha.*]

DORN [*para Trepliov*] Acalme-se, meu amigo.

TREPLIOV Irei atrás dela, seja como for. Tenho de ir.

MACHA É melhor ir para casa, Konstantin Gavrilovitch. Sua mãe espera pelo senhor. Está preocupada.

TREPLIOV Diga a ela que parti. Peço a todos vocês que me deixem em paz! Deixem-me! Não venham atrás de mim!

DORN Ora, ora, ora, meu caro... Não se pode agir assim... Não é bom.

TREPLIOV [*entre lágrimas*] Adeus, doutor. Muito obrigado...

[*Sai*]

DORN [*suspira*] Mocidade, mocidade!

MACHA Quando não temos mais nada para dizer, dizemos: "ah, mocidade, mocidade...". [*Aspira rapé*]

DORN [*toma a caixinha de rapé da mão dela e a atira entre as moitas*] Isto é nojento!

[*Pausa.*]

DORN Parece que estão tocando música lá dentro. Vamos até lá.

MACHA Espere.

DORN O que é?

MACHA Ainda quero lhe dizer uma coisa. Quero falar com o senhor... [*Emociona-se*] Não gosto do meu pai... mas meu coração tem um fraco pelo senhor. Não sei por quê, mas sinto com toda minha alma que o senhor é alguém próximo de mim... Ajude-me, ajude-me, para que eu não cometa uma estupidez, não estrague minha vida, não a desperdice... Não agüento mais...

DORN Mas o que há? Ajudá-la como?

MACHA Estou sofrendo. Ninguém, ninguém conhece meus sofrimentos. [*Reclina a cabeça no peito dele, fala em voz baixa*] Amo Konstantin.

DORN Como todos estão nervosos! Como todos estão nervosos! E quanto amor... Ó, lago enfeitado! [*Com ternura*] Mas o que posso fazer, minha criança? O quê? O quê?

[*Cortina.*]



Agaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Segundo ato: Polina (E. M. Raiévskaja), Dorn (A. K. Vichniévski).

Segundo ato: Nina (M. L. Roksánova), Trigórin (K. S. Stanislávski).



SEGUNDO ATO

Campo de croqué. No canto direito, uma casa com uma ampla varanda; à esquerda, vê-se o lago no qual o sol se reflete e brilha. Flores. Meio-dia. Calor. À beira do campo, à sombra de uma velha tília, estão Arkádina, Dorn e Macha, sentados num banco. Sobre os joelhos de Dorn, um livro aberto.

ARKÁDINA [*para Macha*] Vamos nos levantar.

[*As duas se levantam.*]

ARKÁDINA Vamos ficar lado a lado. A senhorita tem vinte e dois anos e eu tenho quase o dobro. Ievguêni Sierguêievitch, qual de nós duas parece mais jovem?

DORN A senhora, é claro.

ARKÁDINA Viu? E por quê? Porque eu trabalho, eu sinto, vivo atarefada, enquanto a senhorita fica o tempo todo parada, no mesmo lugar, não vive... E eu tenho uma regra: não dirigir meu olhar para o futuro. Nunca penso na velhice, nem na morte. De que adianta, se não há como evitar?

MACHA Pois tenho a sensação de que nasci há muito, muito tempo; arrasto a minha vida, como uma interminável cauda de vestido... E muitas vezes não sinto a menor vontade de viver. [*Senta-se*] Eu sei, tudo isso é bobagem. É preciso animar-se, livrar-se disso tudo.

DORN [*cantando baixinho*] “Vão, minhas flores, e digam a ela...”

ARKÁDINA Além do mais, sou muito regrada, como um inglês. Eu, minha cara, ando sempre na linha, como dizem, estou sempre vestida e penteada *comme il faut*. Para que vou sair de casa de blusão ou despenteada, ainda que só para vir ao

jardim? Jamais. Pois eu sempre soube me cuidar, nunca fui uma desleixada, não relaxei, como fazem algumas... [Põe as mãos na cintura, passeia pelo campo de croqué] Vejam: pareço uma criança! Poderia representar o papel de uma menina de quinze anos.

DORN Muito bem, no entanto vou prosseguir a leitura. [Apanha o livro] Paramos no vendedor de cereais e nas ratazanas...

ARKÁDINA Sim, nas ratazanas. Leia. [Senta-se] Ou melhor, me dê o livro, eu vou ler. É minha vez. [Pega o livro e procura com os olhos o lugar certo] As ratazanas... Aqui está... [Lê] "E, naturalmente, adular e atrair escritores é tão amiscado para pessoas da sociedade como, para um vendedor de cereais, criar ratazanas em seus celeiros. Mesmo assim, essas pessoas adoram os escritores. Pois bem, quando uma mulher escolhe um escritor que deseja cativar, ela o assedia com mil elogios, amabilidades e gentilezas..." Ora, pode até ser assim entre os franceses, mas entre nós é muito diferente, em todos os aspectos. Nossas mulheres, em geral, antes de cativarem um escritor, já estão completamente apaixonadas por ele, não tenham dúvida. Nem é preciso ir muito longe, pensem em mim e em Tígórin...

[Entra Sórin, apoiando-se numa bengala de bambu, ao lado de Nina; Miedviediênko empurra uma cadeira de rodas atrás dele.]

SÓRIN [no tom de quem mima uma criança] E então? Estamos alegres? Finalmente estamos felizes? [Para sua irmã] Sim, hoje estamos só alegria! O pai e a madrasta partiram para Tvier e agora estamos livres por três dias inteiros.

NINA [senta-se ao lado de Arkádina e a abraça] Estou tão feliz! Eu agora pertenço à senhora.

SÓRIN [senta-se na sua cadeira] Ela está linda hoje.

ARKÁDINA Elegante, atraente... E, além de tudo, a senhorita é inteligente. [Beija Nina] Mas não devemos elogiar demais, para evitar o olho grande. Onde está Boris Alekséievitch?

NINA Está pescando no lugar reservado para banhos.

ARKÁDINA Como é que não enjoa disso? [Quer continuar a ler]

NINA O que a senhora está lendo?

ARKÁDINA "Sobre a água", de Maupassant, minha querida. [Lê algumas linhas só para si] Ora, daqui para diante o conto fica falso e sem graça. [Fecha o livro] Estou muito preocupada. Diga-me, o que há com meu filho? Por que anda tão aborrecido e tristonho? Passa dias inteiros na beira do lago e quase não o vejo.

MACHA Ele está magoado. [Para Nina, timidamente] Por favor, a senhorita poderia recitar um trecho da peça dele?

NINA [encolhendo os ombros] Quer mesmo? Mas é tão sem graça!

MACHA [contendo o entusiasmo] Quando ele lê alguma coisa, os olhos brilham e o rosto empalidece. Sua voz é linda, triste; e ele tem um jeito de poeta.

[Ouvem-se os roncoss de Sórin.]

DORN Que tarde serena!

ARKÁDINA Pietrucha!

SÓRIN Ah? O quê?

ARKÁDINA Pegou no sono?

SÓRIN De jeito nenhum.

[Pausa.]

ARKÁDINA Você não se trata, e isso não é bom, meu irmão.

SÓRIN Eu bem que gostaria de me tratar, mas o médico não quer.

DORN Tratar-se aos sessenta anos!

SÓRIN Mesmo aos sessenta anos, a pessoa tem vontade de viver.

DORN [aborrecido] Ah, então tome umas gotinhas de valeriana.

ARKÁDINA Acho que ele devia passar uma temporada numa estação de águas.

DORN Ora, tanto faz. Pode ir, como pode não ir.

ARKÁDINA Não entendi.

DORN Não há mesmo nada para entender. Está tudo muito claro.

[Pausa.]

MIEDVEDIÊNKO Piotr Nikoláievitch devia parar de fumar.

SÓRIN Bobagem.

DORN Não, não é bobagem. A bebida e o fumo destroem a personalidade. Depois de alguns charutos ou de alguns cálices de vodca, o senhor já não é mais Piotr Nikoláievitch, mas sim Piotr Nikoláievitch acrescido de uma outra pessoa; o seu eu se dilui e o senhor se refere a si mesmo na terceira pessoa: "ele".

SÓRIN [ri] O senhor sabe se expressar muito bem. Aproveitou a vida, mas e eu? Trabalhei numa repartição da Justiça durante vinte e oito anos e, no final das contas, ainda não vivi, ainda não experimentei coisa alguma e, não admira, sinto uma enorme vontade de viver. O senhor já está saciado, não se importa mais, por isso tem

uma inclinação para a filosofia, ao passo que eu desejo viver e por isso, depois do jantar, bebo xerez, fumo charutos e tudo o mais.

DORN É preciso encarar a vida com seriedade, mas buscar tratamento médico aos sessenta anos e ficar se lamuriando por ter tido poucos prazeres na juventude, isso, queira me desculpar, não passa de uma leviandade.

MACHA [levanta-se] Já deve estar na hora do almoço. [Caminha com preguiça, a passos frouxos] Minha perna ficou dormente... [Retira-se]

DORN Lá vai ela tomar dois calicezinhos, antes do almoço.

SÓRIN A pobrezinha não conhece felicidade alguma.

DORN Tolices, Sua Excelência.

SÓRIN O senhor se expressa como um homem saciado de viver.

ARKÁDINA Ah, o que pode ser mais enfadonho do que esse doce tédio rural? Calor, silêncio, nunca ninguém faz coisa alguma, e todos filosofam... Quanto aos senhores, meus amigos, está tudo bem, é agradável ouvi-los, mas... Ficar sozinha num quarto de hotel e decorar as falas de uma personagem é muito melhor!

NINA [empolgada] É verdade! Eu entendo a senhora.

SÓRIN Naturalmente, na cidade vive-se melhor. Podemos ficar sossegados no nosso gabinete de estudo, o criado não deixa ninguém entrar sem nossa permissão, temos o telefone... Na rua, há carruagens de aluguel e tudo o mais...

DORN [cantarola] "Vão, minhas flores, e digam a ela..."

[Entra Chamraiev. Atrás dele, Polina Andréievna.]

CHAMRAIEV Aqui está ela. Bom dia! [*Beija a mão de Arkádina e depois a de Nina*] É uma alegria imensa encontrá-la com boa saúde. [*Para Arkádina*] Minha esposa disse que a senhora tem a intenção de ir à cidade hoje, em companhia dela. É verdade?

ARKÁDINA Sim, é nossa intenção.

CHAMRAIEV Hum... Isto é ótimo, mas de que modo pretende ir, prezadíssima senhora? Hoje, temos de transportar o centeio, todos os trabalhadores estão ocupados! E, se me permite a pergunta, que cavalos pretende usar?

ARKÁDINA Que cavalos? Como vou saber, que cavalos?

SÓRIN Mas nós temos cavalos para o coche.

CHAMRAIEV [*agitado*] Cavalos para o coche? E onde vou arranjar os arreios? Onde vou arranjar os arreios? É espantoso! É inconcebível! Estimadíssima senhora! Perdoe-me, tenho enorme reverência pelo seu talento e estou disposto a lhe dar dez anos da minha própria vida mas, cavalos, eu não posso dar!

ARKÁDINA Mas como assim, se eu preciso ir à cidade? Que coisa estranha!

CHAMRAIEV Prezadíssima senhora! A senhora não sabe o que significa administrar uma propriedade rural!

ARKÁDINA [*irritada*] É sempre a mesma história! Nesse caso, parto hoje mesmo para Moscou. Mande alugar um coche para mim, na cidade, senão irei para a estação a pé!

CHAMRAIEV [*irritado*] Se é assim, eu me demito do meu cargo! Tratem de arranjar outro administrador. [*Sai*]

ARKÁDINA Todo verão é a mesma história, todo verão venho aqui para ser insultada! Nunca mais porei os pés neste

lugar! [*Sai pela esquerda, onde se supõe ficar o local reservado para banhos; após um minuto, vê-se Arkádina caminhando para casa; atrás dela, vai Trigórin, com caniços e um balde*]

SÓRIN [*irritado*] Que desaforo! Onde é que já se viu? Já estou farto dessa história. Tragam aqui, imediatamente, todos os cavalos!

NINA [*para Polina Andréievna*] Recusar um pedido de Irina Nikoláievna, uma atriz famosa! Será que um desejo dela, mesmo quando for um simples capricho, não é mais importante do que toda a propriedade dos senhores? Isto é simplesmente inacreditável!

POLINA [*em desespero*] O que posso fazer? Ponha-se na minha situação: o que posso fazer?

SÓRIN [*para Nina*] Vamos falar com a minha irmã... Vamos juntos implorar a ela que fique. Não é melhor assim? [*Olhando para a direita, por onde se retirou Chamraiev*] Mas que homem insuportável! Que tirano!

NINA [*impedindo que ele se levante*] Fique onde está, espere... Nós o levaremos... [*Nina e Miedviediênko empurram a cadeira de rodas*] Ah, que coisa horrível!

SÓRIN Sim, sim, é mesmo horrível... Mas ele não vai se demitir. Vou agora mesmo conversar com ele.

[*Saem. Ficam apenas Dorn e Polina Andréievna.*]

DORN Que gente enfadonha. Na verdade, o marido da senhora devia ser posto para fora daqui com uma boa surra, mas no fim esse velhote molenga do Piotr Nikoláievitch e a irmã dele ainda vão lhe pedir desculpas. A senhora vai ver!

POLINA Até os cavalos de atrelar no coche ele mandou para o campo. Todo dia há desentendimentos desse tipo. Se o senhor soubesse como isso me perturba! Chego a ficar doente; veja, estou tremendo... Não suporto as grosserias dele... [Com ar de súplica] Ievguiêni, querido, adorado, leve-me com você... O nosso tempo está passando, já não somos jovens. Se pelo menos no fim da vida pudéssemos não fingir, não mentir...

[Pausa.]

DORN Tenho cinqüenta e cinco anos, é tarde demais para um homem mudar de vida.

POLINA Eu entendo, o senhor me rejeita porque, além de mim, existem outras mulheres que lhe são caras. E não pode levar todas consigo. Eu entendo. Desculpe, estou aborrecendo o senhor.

[Vê-se Nina perto da casa; colhe flores.]

DORN Não é nada disso.

POLINA Sofro por causa dos ciúmes. Claro, o senhor é médico, não pode evitar as mulheres. Eu entendo...

DORN [para Nina, que se aproxima] Como estão as coisas lá dentro?

NINA Irina Nikoláievna está chorando e Piotr Nikoláievitch está com um acesso de asma.

DORN [se levanta] Vou dar a eles umas gotinhas de valeriana...

NINA [dá flores para Dorn] Por favor!

DORN *Merci bien.* [Caminha na direção da casa]

POLINA [caminhando ao lado de Dorn] Que flores lindas! [Perto da casa, abaixa a voz] Me dê essas flores! Me dê essas flores, já! [De posse das flores, ela as esmaga e joga para o lado; ambos entram na casa]

NINA [sozinha] Como é estranho ver que uma atriz famosa chora, e ainda por cima por um motivo tão fútil! E como também é estranho que um escritor célebre, adorado pelo público, sobre quem todos os jornais escrevem, cujo retrato é vendido em toda parte, um escritor que já foi traduzido em outras línguas, passe o dia todo pescando no lago e fique tão contente por ter apanhado duas carpas. Pensei que pessoas famosas fossem inacessíveis, que desprezassem a multidão e que, com a sua glória, com o esplendor de seus nomes, como que se vingassem da multidão, porque a multidão dá mais valor à origem nobre e à riqueza. Mas na verdade essas pessoas choram, pescam, jogam cartas, riem e se zangam como todo o mundo...

TREPLIOV [entra sem chapéu, com uma espingarda e uma gaiivota abatida] Está aqui sozinha?

NINA Estou.

[Trepliov põe a gaiivota aos pés de Nina.]

NINA O que significa isto?

TREPLIOV Hoje, cometi a infâmia de matar essa gaiivota. Eu a deponho aos seus pés.

NINA Mas o que deu no senhor? [Ergue a gaiivota e olha para ela]

TREPLIOV [após uma pausa] Em breve, desse mesmo modo, eu vou me matar.

NINA Não estou reconhecendo o senhor.

TREPLIOV Sim, depois que eu mesmo deixei de reconhecê-la.

Você mudou com relação a mim. O seu olhar ficou frio, minha presença a constrange.

NINA Ultimamente, o senhor se irrita à toa, se expressa de um modo totalmente incompreensível, como se usasse símbolos. Veja aqui esta gaivota, também deve ser um símbolo, ao que parece, mas, me desculpe, eu não entendo... [*Põe a gaivota sobre o banco*] Sou simples demais para compreender o senhor.

TREPLIOV Tudo começou naquela noite em que minha peça redundou num fracasso tão estúpido. As mulheres não perdoam o fracasso. Queimei tudo, tudo, até o último pedaço de papel. Se soubesse como me sinto infeliz! Sua frieza é terrível, inacreditável, é como se eu acordasse e visse, de repente, que o lago havia secado ou que a água toda havia escoado para o fundo da terra. A senhorita acabou de dizer que é simples demais para me compreender. Ah, mas o que há aqui para compreender? Minha peça a decepcionou, você despreza a minha inspiração, já me considera medíocre, insignificante, igual a tantos outros... [*Bate o pé no chão*] Compreendo tudo isso muito bem, ah, como compreendo! Parece que há um prego cravado no meu cérebro, maldito seja ele e a minha vaidade, que suga o meu sangue, suga, como uma serpente... [*Vê Trigórin, que caminha na direção deles, lendo uma caderneta*] Lá vem o verdadeiro talento; entra em cena como Hamlet, e também traz nas mãos um livro. [*Com sarcasmo*] "Palavras, palavras, palavras..." Esse sol nem a alcançou ainda, mas a senhorita já sorri, seu olhar

já se derreteu aos raios dele. Não vou ficar aqui, para não atrapalhar. [*Sai depressa*]

TRIGÓRIN [*tomando notas na sua caderneta*] Cheira rapé e bebe vodca... Sempre de preto. O professor está apaixonado por ela...

NINA Bom dia, Boris Aleksieievitch!

TRIGÓRIN Bom dia. As circunstâncias mudaram de forma inesperada, e agora, ao que parece, temos de ir embora hoje mesmo. É pouco provável que voltemos a ver a senhorita algum dia. É uma pena. Tenho poucas oportunidades de conhecer moças jovens e interessantes, até já esqueci como são e não consigo imaginar com clareza como elas se sentem aos dezoito ou dezenove anos; por isso, nos meus contos e nas minhas novelas, as mocinhas em geral parecem falsas. Eu adoraria poder ficar no lugar da senhorita, ainda que fosse só por uma hora, para saber como pensa e tudo o mais.

NINA E eu também adoraria poder ficar no lugar do senhor.

TRIGÓRIN Para quê?

NINA Para saber como se sente um escritor talentoso e célebre. Qual a sensação da fama? Como o senhor experimenta o fato de ser famoso?

TRIGÓRIN Como me sinto? Não sinto nada, eu acho. Nunca penso no assunto. [*Pensativo*] Das duas, uma: ou a senhorita exagera a minha fama, ou ela não me afeta de maneira alguma.

NINA E quando lê o que escrevem a seu respeito nos jornais?

TRIGÓRIN Quando elogiam, é agradável, mas quando insultam, dois dias depois ainda me sinto de mau humor.

NINA Que mundo maravilhoso! Como invejo o senhor, ah, se soubesse! Como o destino das pessoas é diferente. Uns mal

conseguem arrastar a sua existência tediosa e apagada, sempre igual às outras, sempre infeliz; mas, para alguns outros, como o senhor, por exemplo — um em um milhão —, o destino reserva uma vida interessante, radiosa, ~~repleta~~ de sentido... O senhor é feliz...

TRIGÓRIN Eu? [*Encolhendo os ombros*] Hum... A senhorita está aqui falando da fama, da felicidade, de uma vida radiosa e interessante, mas para mim todas essas ~~belas~~ palavras, me perdoe, são geléia de frutas, um doce que eu jamais como. A senhorita é muito jovem e muito generosa.

NINA A vida do senhor é deslumbrante!

TRIGÓRIN Mas o que ela tem de especialmente bom? [*Olha para o relógio de pulso*] Agora tenho de ir para casa e escrever. Desculpe, não tenho mais tempo... [*Ri*] A senhorita, como dizem, pisou no meu calo e já estou começando a ficar agitado e um pouco aborrecido. Pensando melhor, vamos conversar. Vamos conversar sobre a minha vida maravilhosa e radiante... Pois bem, por onde vamos começar? [*Depois de refletir um instante*] Às vezes, há idéias que nos dominam, como quando uma pessoa fica o tempo todo, dia e noite, pensando na lua, por exemplo, e acontece que eu também tenho a minha lua. Dia e noite, uma idéia obsessiva me persegue: tenho de escrever, tenho de escrever, tenho... Mal termino uma novela, nem sei por que, preciso logo começar uma outra, e depois uma terceira, e depois dessa uma quarta... Escrevo sem interrupção, como quem viaja numa carruagem em que os cavalos são substituídos a cada parada, e não consigo viver de outro modo. Pois então, eu lhe pergunto, o que há nisso de maravilhoso e radiante?

Ah, que vida absurda! Agora estou aqui com a senhorita, estou emocionado, e enquanto isso, a todo instante, lembro que uma novela inacabada espera por mim. Vejo uma nuvem parecida com um piano. Penso: em algum trecho de um conto, terei de citar que pairava no céu uma nuvem parecida com um piano. O ar cheira a heliotrópio. Anoto depressa no pensamento um perfume adocicado, uma flor-de-viúva: usar na descrição de uma noite de verão. Agarro cada frase, as minhas e as da senhorita, cada palavra, e me apresso a trancar logo essas frases e essas palavras no meu depósito literário: um dia podem ser úteis! Assim que termino um trabalho, corro ao teatro ou vou pescar: quem sabe assim eu consiga descansar, me esquecer de mim mesmo, ah... Nada disso: dentro da minha cabeça, logo começa a girar uma pesada bola de ferro fundido, um novo tema para um conto, e logo me arrasto até a mesa e de novo tenho de escrever e escrever o mais depressa possível. E é sempre assim, sempre, nunca dou sossego a mim mesmo e tenho a sensação de que estou devorando a minha própria vida, tenho a sensação de que, para fabricar o mel que entrego, num vazão, a pessoas que nem mesmo sei quem são, eu retiro o pólen das minhas melhores flores, arranco da terra essas mesmas flores e pisoteio suas raízes. Será que não estou louco? Será que meus conhecidos e amigos se dirigem a mim como a uma pessoa sã? “O que o senhor anda escrevendo? Com que nos brindará a seguir?” Sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, e fico com a impressão de que essa atenção de meus conhecidos, os elogios, a admiração, tudo isso é uma mentira, tenho a sensação de

que estão me enganando, como fazem com uma pessoa doente, e às vezes tenho medo de que eles se aproximem sorrateiramente pelas minhas costas, me agarrem e me arrastem para o hospício, como ocorreu a Popríchin, o personagem de Gógol. E antigamente, nos anos da juventude, nos bons tempos, quando comecei, escrever era para mim um martírio incessante. Um escritor menor, sobretudo quando não tem sorte, parece um desajeitado aos próprios olhos, um desastrado, um inútil, vive com os nervos tensos, esgotados; procura irresistivelmente estar perto de pessoas ligadas à literatura e à arte, sem ser reconhecido, sem ser sequer notado, sempre com medo de encarar os outros nos olhos, como um jogador inveterado que está sem um centavo no bolso para apostar. Eu não conhecia o meu leitor mas, por algum motivo, na minha imaginação, ele se mostrava hostil, desconfiado. Eu temia o público, para mim ele era uma coisa assustadora e, toda vez que eu tinha de apresentar uma peça nova, me parecia que as pessoas morenas tinham um ânimo hostil e que as pessoas loiras eram frias e indiferentes. Ah, como era horrível! Que tormento!

NINA Perdoe-me, mas acaso a inspiração e o mesmo processo de criação não lhe proporcionam momentos elevados e felizes?

TRIGÓRIN Sim. Quando escrevo, é bom. E ler as provas impressas é bom. Mas... tão logo o livro é publicado, vejo que não era nada daquilo, vejo os erros e entendo que o livro não deveria absolutamente ter sido escrito e aí fico aborrecido, me sinto péssimo... [Ri] Mas o público lê e diz: "Sim, é bonito, tem talento... É bonito, mas fica

longe de Tolstói". Ou então: "Uma obra magnífica, mas *Pais e filhos*, de Turguêniev, é melhor". E assim, até a sepultura, tudo será apenas bonito e talentoso, bonito e talentoso, nada mais do que isso e, quando eu morrer e já for bem conhecido, vão passar pelo meu túmulo e falar assim: "Aqui jaz Trigórin. Foi um bom escritor, mas não escrevia tão bem quanto Turguêniev".

NINA Não me leve a mal, mas não posso entender o senhor. O sucesso deixou-o simplesmente mal-acostumado.

TRIGÓRIN Que sucesso? Eu nunca agradei a mim mesmo.

Não gosto de mim como escritor. O pior de tudo é que me sinto numa espécie de embriaguez e muitas vezes nem entendo o que escrevo... Veja, eu adoro essa água, essas árvores, esse céu, sinto a natureza, ela desperta em mim um entusiasmo, um desejo irresistível de escrever. Mas não sou apenas um paisagista, sou também um cidadão, amo o país, o povo, sinto que, se sou um escritor, estou obrigado a falar do povo, dos seus sofrimentos, do seu futuro, a falar da ciência, dos direitos do homem etc etc, e então falo sobre tudo, me afobo, me pressionam de todos os lados, se irritam comigo, eu corro de um lado para o outro, como uma raposa acoçada por cães de caça, vejo que a vida e a ciência avançam cada vez mais, enquanto eu vou ficando sempre para trás, como um muji que chegou atrasado para pegar o trem, e no fim tenho a sensação de que só sei mesmo descrever paisagens e em tudo o mais sou falso, sou falso até a medula dos ossos.

NINA O senhor trabalhou em excesso e não teve tempo nem vontade de reconhecer a própria importância. Talvez esteja

descontente consigo mesmo, mas para os outros o senhor é brilhante e extraordinário! Se eu fosse um escritor como o senhor, entregaria a minha vida inteira para a multidão, mas com a consciência de que, para eles, a felicidade estaria apenas em elevar-se à minha altura, e aí a multidão me puxaria em uma carruagem.

TRIGÓRIN Numa carruagem... Por acaso sou o rei Agamênon?

[*Os dois sorriem.*]

NINA Em troca da felicidade de ser uma escritora ou uma atriz, eu suportaria o desprezo dos meus conhecidos, a penúria, as decepções, eu moraria num sótão, só comeria pão de centeio, suportaria a insatisfação comigo mesma, sofreria com a consciência das minhas imperfeições, mas em compensação eu exigiria para mim a glória... a glória autêntica, estrondosa... [*Esconde o rosto nas mãos*] Minha cabeça está rodando... Ah!

[*Da casa, soa a voz de Arkádina: "Boris Aleksieievitch!"*.]

TRIGÓRIN Estão me chamando... Tenho de fazer as malas. Mas não sinto a menor vontade de partir. [*Volta os olhos para o lago*] Que lugar maravilhoso! É lindo!

NINA Está vendo uma casa e um jardim do outro lado do lago?

TRIGÓRIN Estou.

NINA É a propriedade de minha falecida mãe. Nasci lá. Passei a vida toda nas margens deste lago e conheço muito bem cada ilhota.

TRIGÓRIN A senhorita vive num lugar lindo! [*Vendo a gaivota*]

E isso, o que é?

NINA Uma gaivota. Konstantin Gavrilitch a matou.

TRIGÓRIN É um pássaro bonito. Na verdade, não sinto a menor vontade de partir. Quem sabe, se a senhorita pedisse, Irina Nikoláievna ficaria aqui mais uns dias? [*Escreve no caderninho*]

NINA O que está escrevendo?

TRIGÓRIN Estou fazendo anotações... É que me veio uma idéia... [*Guarda o caderninho*] Uma idéia para um conto curto: uma jovem vive na beira de um lago, desde a infância, como a senhorita; ama o lago, como uma gaivota, e é feliz e livre, como uma gaivota. Mas de repente aparece um homem, ele a avista e, por pura falta do que fazer, ele a destrói, assim como aconteceu a essa gaivota.

[*Pausa. Na janela, surge Arkádina.*]

ARKÁDINA Boris Aleksieievitch, onde está o senhor?

TRIGÓRIN Aqui! [*Caminha e olha para trás, para Nina; ao chegar à janela, fala para Arkádina*] O que foi?

ARKÁDINA Nós vamos ficar.

[*Trigórin entra na casa.*]

NINA [*aproxima-se do tablado, reflete um pouco*] Isto é um sonho!

[*Cortina.*]

A gaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou. Terceiro ato ("Agora ele é meu"): Trigórin (K. S. Stanislávski), Arkádina (O. L. Knipper):



TERCEIRO ATO

Sala de jantar, na casa de Sórin. Portas à direita e à esquerda. Um bufê. Um armário de remédios. Uma mesa no meio da sala. Uma mala e caixas de papelão, evidentes preparativos para uma viagem. Trigórin toma o café da manhã, Macha está de pé ao lado da mesa.

Terceiro ato ("Aqui está, um rublo para os três").



MACHA Conto tudo isso porque o senhor é um escritor. Pode usar. Digo com toda sinceridade: se ele tivesse ficado gravemente ferido, eu não agüentaria viver nem mais um minuto. Mas sou corajosa. Tomei uma decisão: vou arrancar este amor do meu coração, e vou arrancar pela raiz.

TRIGÓRIN De que modo?

MACHA Vou me casar. Com Miedviediêenko.

TRIGÓRIN O professor?

MACHA Sim.

TRIGÓRIN Não entendo qual a necessidade disso.

MACHA Amar sem ter esperança, ficar anos inteiros à espera de que uma coisa aconteça... Depois que eu casar, não vou mais nem pensar em amor, preocupações novas vão abafar tudo o que é antigo. Vai ser mesmo uma transformação, sabe? Vamos tomar mais uma?

TRIGÓRIN Não será demais?

MACHA Ora, vamos lá! [*Enche os cálices*] Não olhe para mim desse jeito. As mulheres bebem mais vezes do que os homens imaginam. Só uma minoria bebe na frente dos outros, como eu; a maioria bebe às escondidas. E é sempre vodka ou conhaque. [*Brindam, tocando os cálices*] Saúde! O senhor é um homem simples, é uma pena que vá embora.

[*Bebem.*]

TRIGÓRIN Eu mesmo não tenho vontade de partir.

MACHA Por que não pede para ela ficar?

TRIGÓRIN Não, agora ela não vai mais ficar. O filho tem se comportado de modo muito inconveniente. Primeiro, tentou se matar, e agora, pelo que dizem, vai me desafiar para um duelo. E qual o motivo? Ele se enfurece, bufa e apregoa formas novas... Mas há lugar para todos, os novos e os velhos — para que brigar?

MACHA Também há o ciúme. Mas isso já não é da minha conta.

[Pausa. Iákov atravessa o palco da esquerda para a direita com uma mala; entra Nina e se detém ao lado da janela.]

MACHA O meu professor não é lá muito inteligente, mas é um homem bom e pobre, e me ama com ardor. Sinto pena dele. Tenho pena da sua mãe idosa. Mas, então, permita que eu lhe deseje tudo de bom. Não me queira mal. [Aperta com força a mão de Trigórin] Sou muito grata ao senhor por sua generosidade. Mande-me seus livros — e têm de ser autografados. Mas não escreva “prezada senhora”, mas apenas “para Maria, que não sabe de onde veio nem para que vive neste mundo”. Adeus! [Sai]

NINA [estende a mão fechada na direção de Trigórin] Par ou ímpar?

TRIGÓRIN Par.

NINA [suspira] Errou. Só tenho um grão de ervilha na mão. Resolvi tirar a sorte para saber se devo ou não ser atriz. Quem dera alguém me orientasse.

TRIGÓRIN Nesse tipo de coisa, é impossível dar conselhos.

[Pausa.]

NINA Vamos nos separar e... talvez não nos vejamos mais. Peço ao senhor que aceite, como uma lembrança minha, este pequeno medalhão. Mandei gravar suas iniciais... e do outro lado, o título de um livro seu: *Dias e noites*.

TRIGÓRIN Mas que beleza! [Beija o medalhão] Que presente encantador!

NINA Lembre-se de mim, de vez em quando.

TRIGÓRIN Lembrarei. Vou me lembrar da senhorita tal como estava naquele dia de sol, lembra? Uma semana atrás, quando a senhorita estava com um vestido claro... Nós conversamos... Havia uma gaivota branca estirada sobre o banco.

NINA [pensativa] Sim, a gaivota...

[Pausa.]

NINA Agora não podemos mais conversar, vem gente aí... Antes de ir embora, me dê dois minutos, eu lhe imploro... [Sai pela esquerda; ao mesmo tempo, entram pela direita Arkádina, Sórin, de fraque com uma medalha em forma de estrela no peito, e em seguida Iákov, atarefado com as bagagens]

ARKÁDINA Vamos, fique em casa, meu velho. Com esse seu reumatismo, acha conveniente sair para fazer visitas? [Para Trigórin] Quem acabou de sair daqui? Nina?

TRIGÓRIN Sim.

ARKÁDINA Pardon, nós o atropalhamos... [Senta-se] Acho que as malas já estão prontas. Fiquei cansada.

TRIGÓRIN [lê o medalhão] *Dias e noites*, página 121, linhas 11 e 12.

IÁKOV [*tirando a mesa*] O senhor quer que eu embale também as varas de pescar?

TRIGÓRIN Quero, sim, ainda vou precisar delas. Quanto aos livros, dê para alguém.

IÁKOV Perfeitamente.

TRIGÓRIN [*falando consigo mesmo*] Página 121, linhas 11 e 12. O que haverá nessas linhas? [*Para Arkádina*] Há exemplares de meus livros aqui, nesta casa?

ARKÁDINA No escritório do meu irmão, na estante do canto.

TRIGÓRIN Página 121... [*Sai*]

ARKÁDINA Sinceramente, Pietruchka, era melhor você ficar em casa.

SÓRIN Vocês vão embora e vai ser triste para mim ficar sem vocês nesta casa.

ARKÁDINA E o que há de bom na cidade?

SÓRIN Nada de especial, mas não importa. [*Ri*] Vão lançar a pedra fundamental da casa do conselho rural e outras coisas assim... Quem dera, pelo menos uma vez ou outra, poder me livrar desta vida de peixinho de aquário, já estou farto de me sentir imprestável, como se eu fosse uma piteira velha. Mandei que os cavalos estivessem prontos quando desse uma hora, assim vamos todos partir ao mesmo tempo.

ARKÁDINA [*após uma pausa*] Escute, vá levando sua vida, não se aborreça, não se esfrie. Cuide bem do meu filho. Proteja-o. Dê conselhos.

[*Pausa.*]

ARKÁDINA Vou partir daqui a pouco sem saber por que Konstantin tentou se matar com um tiro. Acho que o motivo principal foi o ciúme e, quanto mais depressa eu levar Trigórin embora daqui, melhor.

SÓRIN Como posso explicar a você? Houve também outros motivos. É uma coisa compreensível: um jovem inteligente, que mora no campo, metido neste fim de mundo, sem dinheiro, sem emprego, sem futuro. Ignorado por todos. Tem vergonha e medo da sua ociosidade. Eu gosto imensamente de Konstantin, e ele, por sua vez, é muito apegado a mim, mas, apesar de tudo, ele tem a sensação de ser desnecessário nesta casa, de que não passa de um vadio, um parasita. É uma coisa compreensível, uma questão de amor-próprio...

ARKÁDINA Ele me dá muito desgosto! [*Pensativa*] E se arranjássemos um emprego para ele, quem sabe...

SÓRIN [*assovia, depois hesita*] Acho que seria melhor se você... lhe desse algum dinheiro. Ele precisa, antes de tudo, vestir-se de modo apropriado. Usa o mesmo casaquinho velho há três anos, porque não tem um paletó... [*Ri*] E passear um pouco também não ia fazer mal nenhum... Viajar para o exterior, quem sabe... Não custa tão caro.

ARKÁDINA Mesmo assim... Talvez eu ainda possa pagar uma roupa nova, mas uma viagem para o exterior... Não, e para dizer a verdade, não tenho condições nem de pagar uma roupa nova. [*Categoricamente*] Não tenho dinheiro!

[*Sórin ri.*]

ARKÁDINA Não tenho!

SÓRIN [*assobia*] Está certo. Por favor, querida, não se irrite comigo. Acredito em você... É uma mulher generosa e de bom coração.

ARKÁDINA [*entre lágrimas*] Não tenho dinheiro!

SÓRIN Se eu tivesse dinheiro, é claro que eu mesmo daria algum para ele, mas não tenho nada, nem um centavo. [*Ri*] O administrador fica com todo o dinheiro da minha aposentadoria e gasta na lavoura, no gado, nas abelhas, o meu dinheiro vai-se todo embora, em vão. As abelhas morrem, as vacas morrem, nunca me trazem cavalos quando peço...

ARKÁDINA Está bem, eu tenho dinheiro, mas sou uma atriz; só as roupas já consomem o dinheiro todo.

SÓRIN Você é boa, minha querida... Gosto de você... Mas... Há alguma coisa errada comigo de novo... [*Cambaleia*] Minha cabeça está rodando. [*Segura-se na mesa*] Estou me sentindo mal.

ARKÁDINA [*assustada*] Petrushka! [*Tenta ampará-lo*] Petrushka, meu querido... [*Grita*] Venham me ajudar! Ajudem!

[*Entram Trepliov, com uma atadura na cabeça, e Miedviediêenko.*]

ARKÁDINA Ele está passando mal!

SÓRIN Não é nada, não é nada... [*Sorri e bebe água*] Já passou... pronto...

TREPLIOV [*para a mãe*] Não se assuste, mamãe, não é grave. Isso tem acontecido muitas vezes com o titio. [*Para o tio*] É melhor ir deitar, titio.

SÓRIN Sim, vou me deitar um pouco... Mesmo assim, não deixarei de ir à cidade... Vou me deitar um pouco, mas depois irei até lá... Podem ter certeza... [*Caminha apoiando-se na bengala*]

MIEDVIEDIÊNKO [*leva-o pelo braço*] O senhor conhece esta charada: o que é que de manhã anda com quatro pernas, ao meio-dia, com duas, e à tardinha, com três?

SÓRIN [*Ri*] É exatamente assim. E à noite fica deitado de costas. Muito obrigado, posso andar sozinho...

MIEDVIEDIÊNKO Ora, deixe de cerimônias! [*Ele e Sórin se retiram*]

ARKÁDINA Que susto ele me deu!

TREPLIOV Não é bom para a saúde do titio morar aqui no campo. Fica triste. Se você, mamãe, por um momento se mostrasse generosa e emprestasse ao titio uns mil e quinhentos ou uns dois mil rublos, ele poderia morar na cidade um ano inteiro.

ARKÁDINA Não tenho dinheiro. Sou uma atriz, e não uma banqueira.

[*Pausa.*]

TREPLIOV Mãe, troque a minha atadura. Você faz isso tão bem.

ARKÁDINA [*apanha, num armário de remédios, iodo e uma caixa com material para curativos*] O médico já devia ter chegado.

TREPLIOV Prometeu vir às dez horas e já é meio-dia.

ARKÁDINA Sente-se. [*Retira a atadura da cabeça do filho*] Até parece que você está de turbante. Ontem, na cozinha, uma pessoa que não é de casa viu você assim e perguntou aos

outros de que país você tinha vindo. Olhe só, já está quase curado. Só restou uma coisinha à toa. [*Beija-o na cabeça*] Quando eu for embora, você não vai fazer *clique-clique* outra vez, não é?

TREPLIOV Não, mamãe. Foi um minuto de desespero e loucura, não consegui me dominar. Isso não se repetirá mais. [*Beija a mão dela*] Você tem mãos de ouro. Lembro que, muito tempo atrás, quando você ainda representava em teatros estatais e eu era muito pequeno, houve uma briga no prédio onde morávamos e uma inquilina lavadeira levou uma tremenda surra. Lembra? Eles a deixaram inconsciente... Você ia sempre visitá-la, levava remédios, dava banho nos filhos dela, numa tina. Será que você não lembra mais?

ARKÁDINA Não. [*Põe uma atadura nova*]

TREPLIOV Na época, duas bailarinas moravam naquele mesmo prédio em que nós... Elas costumavam vir tomar café com você.

ARKÁDINA Disso eu me lembro.

TREPLIOV Eram muito religiosas. [*Pausa*] Ultimamente, de uns dias para cá, eu tenho amado você com ternura e devoção, como na infância. Agora, não tenho mais ninguém, só você. Mas por que, por que você se submete à influência daquele homem?

ARKÁDINA Você não o compreende, Konstantin. Ele é uma personalidade de grande nobreza...

TREPLIOV No entanto, quando ele soube que eu pretendia desafiá-lo para um duelo, a nobreza não o impediu de fazer papel de covarde. Está indo embora. É uma fuga vergonhosa!

ARKÁDINA Mas que absurdo! Fui eu mesma que pedi a ele que fosse embora.

TREPLIOV Uma personalidade de grande nobreza! Aqui estamos nós dois, quase brigando por causa desse sujeito, enquanto ele, neste exato momento, anda metido em algum canto por aí, na sala de visitas ou no jardim, e ri de nós... Exibe sua cultura para Nina, tenta convencê-la de que é um gênio.

ARKÁDINA Você tem mesmo prazer em me dizer coisas desagradáveis. Eu respeito esse homem e peço que não diga coisas ruins sobre ele na minha presença.

TREPLIOV Pois eu não o respeito. Você quer que eu também o considere um gênio, mas, me desculpe, não sei mentir, as obras dele me dão enjôo.

ARKÁDINA Isto é inveja. Para as pessoas sem talento, mas pretensiosas, não resta outra coisa senão criticar os verdadeiros talentos. Que triste consolo!

TREPLIOV [*irônico*] Os verdadeiros talentos! [*Rairoso*] Pois, se quer mesmo saber, eu tenho mais talento do que todos vocês! [*Arranca a atadura da cabeça*] Vocês são apenas banais, tomaram a arte em seu poder e só julgam legítimo e autêntico aquilo que vocês mesmos fazem, e quanto ao resto, tratam de perseguir e sufocar! Não reconheço o valor de vocês! Não reconheço nem a ele nem a você!

ARKÁDINA Seu decadente!

TREPLIOV Volte para o seu adorado teatro e represente as suas pecinhas medíocres e lamentáveis!

ARKÁDINA Nunca, em toda minha vida, representei em peças desse tipo. Deixe-me em paz! Você não é capaz

nem de escrever um reles *vaudeville*. Seu burguesinho de Kíev! Parasita!

TREPLIOV Sovina!

ARKÁDINA Seu esmolambado!

[*Trepliov senta-se e chora em silêncio.*]

ARKÁDINA Você é uma nulidade! [*Caminha agitada*] Não chore! Não há por que chorar... [*Chora*] Não deve chorar... [*Beija-o na testa, na face, na cabeça*] Minha criança querida, me desculpe... Perdoe a sua mãe pecadora. Perdoe esta infeliz.

TREPLIOV [*abraça-a*] Se você soubesse! Eu perdi tudo. Ela não me ama, eu já nem consigo mais escrever... Todas as esperanças acabaram...

ARKÁDINA Não se desespere... Tudo se resolverá. Trigórin vai embora, daqui a pouco, e ela vai amar você de novo. [*Enxuga as lágrimas do filho*] Chega. Já fizemos as pazes.

TREPLIOV [*beija a mão dela*] Sim, mãe.

ARKÁDINA [*com carinho*] Faça as pazes com ele também. Não há motivo para um duelo... Não é verdade?

TREPLIOV Está bem... Só peço uma coisa, mãe: que eu não tenha de falar com ele. Seria demais para mim... Está além das minhas forças...

[*Entra Trigórin.*]

TREPLIOV Pronto... Já vou indo... [*Às pressas, guarda os remédios no armário*] Daqui a pouco o médico vai fazer um novo curativo...

TRIGÓRIN [*procura nas folhas de um livro*] Página 121... linhas 11 e 12... Aqui está... [*Lê*] "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a."

[*Trepliov pega do chão a atadura e sai.*]

ARKÁDINA [*depois de olhar para o relógio*] Logo trarão os cavalos.

TRIGÓRIN [*para si mesmo*] "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a."

ARKÁDINA Suas malas já estão prontas?

TRIGÓRIN [*com impaciência*] Sim, sim... [*Pensativo*] Por que este apelo de uma alma pura me dá uma sensação de tristeza e deixa meu coração tão angustiado? "Se algum dia você precisar da minha vida, venha e tome-a." [*Para Arká-dina*] Podemos ficar mais um dia?

[*Arká-dina balança a cabeça para negar o pedido.*]

TRIGÓRIN Vamos ficar!

ARKÁDINA Meu querido, eu sei o que prende você aqui. Mas tente se controlar. Você está um pouco embriagado, só isso; fique sóbrio de novo.

TRIGÓRIN Seja sensata, você também, seja razoável, ponderada, eu lhe imploro, encare tudo isto como faria uma verdadeira amiga... [*Aperta a mão dela*] Você é capaz de fazer um sacrifício... Seja minha amiga, me dê a liberdade...

ARKÁDINA [*com forte emoção*] Está tão apaixonado assim?

TRIGÓRIN Sinto-me atraído para ela! Quem sabe não é disso exatamente que eu preciso?

ARKÁDINA O amor de uma mocinha do campo? Ah, como você se conhece pouco!

TRIGÓRIN Às vezes sonhamos acordados e eu mesmo, enquanto converso com você, adormeço e vejo Nina num sonho... sonhos doces, maravilhosos tomam conta de mim... Liberte-me...

ARKÁDINA [*trêmula*] Não, não... Sou uma mulher comum, é impossível esperar de mim uma coisa dessas... Não me torture, Boris... Tenho medo...

TRIGÓRIN Se você quiser, pode se tornar uma mulher extraordinária. Um amor jovem, fascinante, poético, que nos leva para um mundo de sonhos — nesta vida, só isso e nada mais pode nos trazer a felicidade! Até hoje, não experimentei um amor assim... Na juventude, eu tive de ficar batendo à porta de todas as redações de jornal, tive de lutar contra a miséria... Agora, aí está ele, esse amor chegou, afinal, e me seduz... Qual o sentido de fugir?

ARKÁDINA [*com raiva*] Você perdeu a cabeça!

TRIGÓRIN E o que importa?

ARKÁDINA Hoje, parece que todos vocês se combinaram para me fazer sofrer! [*Chora*]

TRIGÓRIN [*segurando a própria cabeça*] Você não entende! Não quer entender.

ARKÁDINA Será que já estou tão velha e tão feia que você nem mais se acanha de falar comigo sobre outras mulheres? [*Abraça-o e beija-o*] Ah, você enlouqueceu! Meu lindo, meu maravilhoso... Você é a última página da minha vida! [*Põe-se de joelhos*] Minha alegria, meu orgulho, minha felicidade suprema... [*Abraça-o pelos joelhos*]

Se você me abandonar, ainda que só por uma hora, não vou sobreviver, ficarei louca, meu bravo, meu glorioso, meu soberano...

TRIGÓRIN Alguém pode vir. [*Ajuda-a a se levantar*]

ARKÁDINA Não importa, eu não me envergonho do meu amor por você. [*Beija suas mãos*] Meu tesouro, meu desmiolado, você quer fazer loucuras, mas eu não quero, não vou deixar... [*Ri*] Você é meu... é meu... Esta testa é minha, estes olhos são meus, estes lindos cabelos sedosos também são meus... Você é todo meu. Você é tão talentoso e inteligente, é o melhor de todos os escritores contemporâneos, é a única esperança da Rússia... No que você escreve, há tanta sinceridade, simplicidade, tanto frescor, e um humor tão sadio... Com um único traço, você é capaz de revelar o que há de mais importante e característico num personagem ou numa paisagem, e como são vivas as pessoas que você cria. Ah, é impossível ler você e não se entusiasmar! Acha que isto é bajulação? Que quero lisonjear você? Então olhe-me bem nos olhos... olhe... Pareço uma mentirosa? Abra os olhos, só eu sei apreciar o seu valor; só eu lhe digo a verdade, meu querido, meu admirável. Vai vir comigo? Vai? Não vai me abandonar?

TRIGÓRIN Não tenho vontade própria... Nunca tive vontade própria... Mole, frouxo, sempre submisso — como será possível que isto agrade a uma mulher? Leve-me embora, tire-me daqui, mas não deixe que eu me afaste de você nem um passo...

ARKÁDINA [*consigo mesma*] Agora ele é meu. [*Com naturalidade, como se nada tivesse ocorrido*] Olhe, se você quiser, pode

ficar. Irei sozinha e você seguirá depois, daqui a uma semana. Na verdade, por que tanta pressa?

TRIGÓRIN Não, iremos juntos.

ARKÁDINA Como preferir, iremos juntos, então...

[Pausa. Trigórin escreve no seu caderno.]

ARKÁDINA O que foi?

TRIGÓRIN Ouvi, de manhã, uma expressão bonita: "o bosque das donzelas"... Vai me servir para alguma coisa. [Espreguiça] Quer dizer que vamos partir? Novamente os vagões de trem, as estações, as cantinas, os bifés empanados, as conversas...

CHAMRAIEV [entra] Tenho a triste honra de anunciar que os cavalos estão prontos. Já é hora de ir para a estação, minha prezadíssima senhora; o trem chega às duas horas e cinco minutos. Mas então, Irina Nikoláievna, por favor, não se esqueça de tomar informações sobre aquele assunto: por onde anda o ator Susdaltsev? Está vivo? Está bem de saúde? Naquele tempo, nós bebíamos juntos... Na peça *O correio roubado*, ele representou de forma inigualável... Lembro que, em Ielizavetgrad, contracenava com ele o ator trágico Izmailov, outra personalidade admirável... Não se apresse, minha prezadíssima senhora, ainda temos mais cinco minutos. Certa vez, num melodrama, eles representavam o papel de conspiradores e, na hora em que, de súbito, eram apanhados em flagrante, era preciso exclamar: "Caímos numa cilada!". E o Izmailov disse: "Caímos numa salada!". [Gargalha] Numa salada!

[Enquanto Chamraiev fala, Iákov se ocupa das malas, a criada traz para Arkádina o chapéu, o mantô, o guarda-chuva e as luvas; todos ajudam Arkádina a se agasalhar. O cozinheiro espia da porta da esquerda e, depois de esperar um pouco, avança hesitante. Entram Polina Andréievna e, depois, Sórin e Miedviediêenko.]

POLINA [com um cestinho] Ameixas para a senhora comer na viagem... Estão muito doces. Talvez sinta vontade de beliscar alguma coisa...

ARKÁDINA A senhora é muito boa, Polina Andréievna.

POLINA Adeus, minha cara! Desculpe se alguma coisa não correu como devia. [Chora]

ARKÁDINA [abraça-a] Tudo correu muito bem, tudo esteve ótimo. Ora, não é preciso chorar.

POLINA Nosso tempo já está passando!

ARKÁDINA O que se pode fazer?

SÓRIN [de casaco, capa, chapéu e bengala, entra pela porta da esquerda, atravessa o aposento] Irmã, está na hora, senão vai acabar se atrasando. Vou tomar o meu lugar.

MIEDVIEDIÊNKO Eu irei a pé até a estação... para acompanhar a sua partida. Eu sou ligeiro... [Sai]

ARKÁDINA Adeus, meus queridos... Se estivermos vivos e com saúde, nos veremos de novo no próximo verão...

[A criada de quarto, Iákov e o cozinheiro beijam a mão dela.]

ARKÁDINA Não se esqueçam de mim. [Dá um rublo ao cozinheiro] Aqui está, um rublo para os três.

COZINHEIRO Agradecemos muitíssimo, senhora patroa. Que faça uma ótima viagem! É uma enorme satisfação servir a senhora!

IÁKOV Que Deus a acompanhe!

CHAMRAIEV Uma cartinha nos deixaria muito felizes! Adeus, Boris Aleksieievitch.

ARKÁDINA Onde está Konstantin? Avisem a ele que estou de partida. Temos de nos despedir. Então, não me queiram mal. [*Para Iákov*] Dei um rublo para o cozinheiro. Mas é para os três.

[*Todos saem pela direita. O palco fica vazio. Ouve-se, vindo de trás do palco, o rumor das despedidas. A criada volta para pegar a cesta de ameixas sobre a mesa e sai de novo.*]

TRIGÓRIN [*retornando*] Esqueci minha bengala. Acho que ficou na varanda. [*Caminha para lá e, na porta da esquerda, encontra-se com Nina, que entra*] É a senhorita? Estamos de partida...

NINA Tive o pressentimento de que ainda nos veríamos uma vez. [*Agitada*] Boris Aleksieievitch, tomei uma decisão irrevogável, minha sorte está lançada, vou seguir a carreira de atriz. Amanhã, já não estarei mais aqui, vou deixar meu pai, vou abandonar tudo e começar uma vida nova... Vou partir para Moscou, assim como o senhor. Nós nos veremos por lá.

TRIGÓRIN [*olhando para trás*] Hospede-se no hotel Bazar Eslavo... Avise-me assim que chegar... Rua Moltchánovka, edifício Grokhólski... Não tenho mais tempo...

[*Pausa.*]

NINA Só mais um minuto...

TRIGÓRIN [*em voz baixa*] A senhorita é tão linda... Ah, que felicidade saber que, em breve, nos veremos!

[*Ela se encosta ao peito de Trigórin.*]

TRIGÓRIN Verei de novo estes olhos deslumbrantes, este sorriso indescritivelmente belo, meigo... Estas feições dóceis, este rosto de uma pureza angelical... Minha querida...

[*Um beijo prolongado.*]

[*Cortina.*]

*A gaiivota encenada pelo Teatro de Arte de Moscou.
Quarto ato: o jogo de cartas.*



QUARTO ATO

Entre o terceiro e o quarto ato, há um intervalo de dois anos.

Uma das salas na casa de Sórin, que Konstantin Trepliov transformou em escritório. Portas à direita e à esquerda, dando para os aposentos internos. Defronte, uma porta de vidro que dá para a varanda. Além dos móveis habituais numa sala, há uma escrivaninha no canto direito, um divã turco perto da porta da esquerda e uma estante de livros; livros nas janelas, nas cadeiras. Noite. Um lampião está aceso atrás de um quebra-luz. Ouve-se o rumor das árvores e o uivo do vento nas chaminés. Soam as batidas do vigia noturno. Miedviediênko e Macha entram.

MACHA [*grita, chamando*] Konstantin Gavrílitch! Konstantin Gavrílitch! [*Olha em volta*] Não há ninguém. Toda hora, o velho pergunta onde está Kóstia, onde está Kóstia? Não consegue viver sem o sobrinho...

MIEDVIEDIÊNKO Tem medo da solidão. [*Escuta*] Mas que tempo horrível! Já faz dois dias que está assim.

MACHA [*aumenta a chama do lampião*] Há ondas no lago. Ondas enormes.

MIEDVIEDIÊNKO O jardim está com um aspecto tenebroso. Deviam mandar desmontar aquele palco no meio do jardim. Continua lá, nu, macabro, como um esqueleto, e a cortina balança ao vento. Quando passei por lá, ontem à noite, tive a impressão de que alguém estava chorando.

MACHA Ora, deixe de bobagem...

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Vamos para casa, Macha!

MACHA [*balança a cabeça, negando*] Vou passar a noite aqui.

MIEDVIEDIÊNKO [*suplicante*] Macha, vamos embora! Nosso bebê deve estar com fome.

MACHA Bobagem. Matriona vai amamentá-lo.

[*Pausa.*]

MIEDVIEDIÊNKO Dá até pena. Já é a terceira noite que ele fica longe da mãe.

MACHA Você é um estorvo. No início, só queria saber de filosofar e agora só fala do bebê e de ir para casa, do bebê e de ir para casa... não se ouve outra coisa da sua boca.

MIEDVIEDIÊNKO Vamos para casa, Macha!

MACHA Vá você sozinho.

MIEDVIEDIÊNKO O seu pai não vai me emprestar os cavalos.

MACHA Vai, sim. É só você pedir que ele empresta.

MIEDVIEDIÊNKO Por favor, eu imploro. Então, amanhã você virá para casa?

MACHA [*aspira rapé*] Está bem, amanhã. Mas que coisa enjoada...

[*Entram Trepliov e Polina Andréievna; Trepliov traz almofadas e um cobertor, Polina traz roupas de cama; põem tudo sobre o sofá turco; em seguida, Trepliov vai para a sua mesa e senta-se.*]

MACHA Para que isso, mamãe?

POLINA Piotr Nikoláievitch pediu para fazer a cama dele nos aposentos de Kóstia.

MACHA Deixe-me ajudar... [*Faz a cama*]

POLINA [*suspira*] O velho está igual a uma criança... [*Aproxima-se da escrivaninha e, apoiando-se no cotovelo, olha para um manuscrito; pausa*]

MIEDVIEDIÊNKO Então vou embora. Até logo, Macha. [*Beija sua mão*] Adeus, mamãe. [*Tenta beijar a mão da sogra*]

POLINA [*aborrecida*] Ora! Vá com Deus.

MIEDVIEDIÊNKO Adeus, Konstantin Gavrílich.

[*Trepliov estende a mão em silêncio; Miedviediênko sai.*]

POLINA [*olhando para o manuscrito*] Ninguém pensava, ninguém podia sequer imaginar que você ainda viria a ser um escritor de verdade. E agora, graças a Deus, até as revistas começaram a lhe mandar dinheiro. [*Passa a mão pelo cabelo dele*] Além do mais, ficou bonito... Querido Kóstia, seja bondoso, seja mais carinhoso com a minha Máchenka!

MACHA [*fazendo a cama*] Deixe-o em paz, mãe.

POLINA [*para Trepliov*] É uma boa moça.

[*Pausa.*]

POLINA Uma mulher não precisa de quase nada, Kóstia, basta ser olhada com carinho. Sei disso por experiência própria.

[*Trepliov se levanta da mesa e sai em silêncio.*]

MACHA Pronto, a senhora o irritou. Será que não consegue deixá-lo em paz?

POLINA Sinto pena por você, Máchenka.

MACHA Não precisa ter pena!

POLINA Meu coração sofre por você. Pois eu vejo tudo, entendo tudo.

MACHA É tudo bobagem. Amor sem esperança... essas coisas só existem nos romances. Tolices. Não se pode amolecer, não se pode ficar a vida toda na beira da praia, esperando que o tempo melhore... Quando o amor se instala no coração, é preciso expulsá-lo. Já prometeram transferir meu marido para

outro distrito. Depois que eu e ele nos mudarmos para lá, tudo isso será esquecido... vou arrancar do coração, pela raiz.

[*A dois cômodos dali, tocam uma valsa melancólica.*]

POLINA Kóstia está tocando. Quer dizer que está triste.

MACHA [*sem ruído, dá alguns passos de valsa*] O principal, mãe, é que meus olhos não o vejam. Assim que derem essa transferência ao meu Siemion, acredite, esquecerei Kóstia em um mês. Tudo isso é uma bobagem.

[*Abre-se a porta da esquerda. Dorn e Miedviediênko empurram a cadeira de rodas de Sórin.*]

MIEDVIEDIÊNKO Agora somos seis em casa. E a farinha custa setenta copeques o *pud*.

DORN Lá vem ele com a mesma história.

MIEDVIEDIÊNKO Para o senhor é fácil zombar. Tem dinheiro de sobra.

DORN Dinheiro? Depois de trabalhar trinta anos como médico, meu amigo, e trabalhar sem descanso, sem poder dispor só para mim nem do dia nem da noite, consegui economizar apenas dois mil rublos, que gastei faz pouco tempo, numa viagem ao exterior. Não possuo nada.

MACHA [*para o marido*] Mas você não ia embora?

MIEDVIEDIÊNKO [*com ar culpado*] De que jeito, se não me emprestam os cavalos?

MACHA [*irritada e amarga, à meia voz*] Eu gostaria de nunca mais ver você na minha frente!

[*A cadeira de rodas se detém na parte esquerda do cômodo; Polina Andréievna, Macha e Dorn sentam-se junto a ela; Miedviediênko, entristecido, se põe à parte.*]

DORN Mas quantas novidades, por aqui! Transformaram a sala de visitas em um escritório de trabalho.

MACHA Aqui é mais cômodo para Konstantin Gavrílitich trabalhar. Ele pode sair para o jardim, quando tem vontade, e ficar lá, pensando.

[*Ouvem-se as batidas do vigia noturno.*]

SÓRIN Onde está minha irmã?

DORN Foi à estação, encontrar-se com Trigórin. Daqui a pouco, estará de volta.

SÓRIN Se o senhor achou necessário escrever para a minha irmã e pedir que viesse para cá, isso só pode significar que meu estado de saúde é mesmo grave. [*Após um momento de silêncio*] Essa é boa! Estou gravemente enfermo e ninguém me dá nenhum remédio.

DORN Mas que remédio o senhor quer? Gotas de valeriana? Bicarbonato de sódio? Quinino?

SÓRIN Pronto, lá vem sermão. Ah, que suplício! [*Acena com a cabeça na direção do sofá*] Fizeram essa cama para mim?

POLINA Sim, para o senhor, Piotr Nikoláievitch.

SÓRIN Muito obrigado.

DORN [*cantarola*] "A lua flutua no céu da noite..."

SÓRIN Eu queria sugerir ao Kóstia o tema para uma história. O título deve ser o seguinte "O homem que queria", "*L'Homme*

qui a voulu”. Nos bons tempos, quando era moço, eu queria ser escritor, e não fui; queria falar bonito, e falava pessimamente [*zombando de si mesmo*]. “E portanto, não obstante, conforme eu ia dizendo, outrossim...” E acontecia que, em vez de fazer um resumo, eu me alongava, a ponto de ficar todo suado. Queria casar, e não casei; queria muito viver na cidade, e fui acabar minha vida no campo, e assim por diante.

DORN Queria ser um autêntico Conselheiro de Estado, e foi.

SÓRIN [*ri*] Não foi algo que desejei com ardor. Simplesmente, aconteceu.

DORN Expressar descontentamento com a vida, aos sessenta e dois anos de idade, o senhor há de convir, não é uma atitude generosa.

SÓRIN Mas que sujeito cabeça-dura! Entenda, isto é vontade de viver!

DORN Isso não passa de leviandade. Segundo as leis da natureza, toda vida precisa ter um fim.

SÓRIN O senhor raciocina como um homem saciado. O senhor está saciado e por isso é indiferente à vida; para o senhor, tanto faz. Mas espere só a hora de morrer e aí verá como é horrível.

DORN O temor da morte é um medo animal... É preciso sufocá-lo. Só temem a morte de forma consciente aqueles que crêem na vida eterna e sentem um medo terrível de seus pecados. Mas o senhor, em primeiro lugar, não acredita nisso; em segundo lugar... quais são os seus pecados? O senhor trabalhou durante vinte e cinco anos numa repartição da Justiça. Só isso e nada mais.

SÓRIN [*ri*] Vinte e oito anos...

[*Entra Trepliov e senta-se num banquinho aos pés de Sórin. Macha não desvia dele o olhar, nem por um momento.*]

DORN Estamos atrapalhando o trabalho de Konstantin Gavrilovitch.

TREPLIOV Não, de maneira alguma.

[*Pausa.*]

MIEDVEDIÊNKO Permita que lhe pergunte, doutor, que cidade mais lhe agradou, quando esteve no exterior?

DORN Gênova.

TREPLIOV Por que Gênova?

DORN A multidão nas ruas é uma coisa magnífica. À noite, quando você sai do hotel, a rua inteira está apinhada de gente. Então você se deixa levar pela multidão, caminha ao léu, para um lado e para o outro, em ziguezague, você se sente unido às pessoas, funde-se à psique da multidão e começa até a acreditar na possibilidade real de existir uma alma do mundo, semelhante àquela alma do mundo que Nina Zariêchnaia representou na sua peça, naquela ocasião. Por falar nisso, por onde anda a senhorita Zariêchnaia? Como vai ela?

TREPLIOV Deve estar bem.

DORN Ouvi dizer que levava uma vida um tanto fora do comum. É verdade?

TREPLIOV Essa, doutor, é uma longa história.

DORN Pois faça um resumo.

[Pausa.]

TREPLIOV Ela fugiu de casa e foi viver com Trigórin. O senhor sabia disso?

DORN Sabia.

TREPLIOV Ela teve um filho. A criança morreu. Trigórin se cansou dela e voltou para os seus amores de antes, como já era de esperar. Aliás, ele nunca abandonou seus antigos amores e, como não tem nenhum caráter, sempre conseguiu dar um jeitinho para estar dos dois lados. Até onde posso avaliar, por tudo o que soube, a vida particular de Nina foi um redundante fracasso.

DORN Mas... e o teatro?

TREPLIOV Pior ainda, ao que parece. Ela estreou num teatro pequeno, em uma estação de veraneio nos arredores de Moscou, e depois seguiu para o campo. Eu nunca a perdia de vista e, por algum tempo, onde quer que ela estivesse, eu também estaria. Ela sempre era escalada para papéis importantes, mas representava de forma tosca, com mau gosto, aos berros e com gestos bruscos. Em alguns momentos, erguia a voz com talento, morria com talento, mas eram só alguns momentos.

DORN Então, apesar de tudo, ela tem talento?

TREPLIOV É difícil avaliar. Talvez tenha. Eu a via, mas ela não queria me ver, e a empregada não me deixava entrar no seu quarto de hotel. Eu entendia os sentimentos dela e não insistia para vê-la.

[Pausa.]

TREPLIOV O que mais posso lhe dizer? Depois, quando voltei para casa, recebi cartas de Nina. Cartas sensatas, cordiais, interessantes; ela não se queixava, mas eu percebia que estava profundamente infeliz; cada linha era um nervo retesado, doente. A imaginação também estava um pouco abalada. Ela assinava A Gaivota. Na peça *A sereia*, de Púchkin, o moleiro diz que é um corvo, da mesma forma que Nina, nas cartas, sempre repetia que era uma gaivota. Agora ela está aqui.

DORN Como assim, está aqui?

TREPLIOV Na cidade, numa hospedaria. Já faz uns cinco dias que está hospedada num quarto. Fui até lá para vê-la, e ~~mas~~ Maria Ilínitchna também foi, mas ela não recebe ninguém. Siemion Siemiónovitch garante que ontem, após o almoço, estive com ela no campo, a duas verstas daqui.

MIEDVIEDIÊNKO É verdade, eu a vi. Ela estava voltando de lá para a cidade. Eu a cumprimentei, perguntei por que não vinha nos visitar. Respondeu que viria.

TREPLIOV Não vai vir.

[Pausa.]

TREPLIOV O pai e a madrasta nem querem ouvir falar dela. Puseram vigias em toda parte, para impedir que a filha sequer se aproxime da propriedade. [*Juntamente com o médico, dirige-se à escrivania*] Como é fácil ser filósofo no papel, doutor, e como é difícil, na vida real!

SÓRIN Era uma jovem fascinante.

DORN Como disse?

SÓRIN Eu disse que era uma jovem fascinante. Durante um tempo, até o Conselheiro de Estado Sórin esteve apaixonado por ela.

DORN Seu velhote namorador.

[*Ouve-se uma risada de Chamraiev.*]

POLINA Parece que já estão de volta da estação...

TREPLIOV Sim, estou ouvindo a voz de mamãe.

[*Entram Arkádina, Trigórin e, atrás deles, Chamraiev.*]

CHAMRAIEV [*entrando*] Todos nós estamos envelhecendo, nos degradando sob o efeito das intempéries, mas a prezadíssima senhora continua sempre jovem... de blusinha clara, cheia de vida... cheia de graça...

ARKÁDINA O senhor está querendo pôr mau olhado em mim de novo, homem enfadonho!

TRIGÓRIN [*para Sórin*] Como vai, Piotr Nikoláievitch? Continua adoentado? Mas isso não é bom! [*Ao ver Macha, se alegra*] Maria Ilínitchna!

MACHA O senhor me reconheceu? [*Aperta a mão dele*]

TRIGÓRIN Casou-se?

MACHA Há muito tempo.

TRIGÓRIN Está feliz? [*Cumprimenta Dorn e Miedviediênko e, em seguida, hesita antes de se aproximar de Trepliov*] Irina Nikoláievna me disse que o senhor já esqueceu o que houve e deixou sua raiva para trás.

[*Trepliov estende a mão para ele.*]

ARKÁDINA [*para o filho*] Boris Aleksieievitch trouxe a revista que publicou o seu novo conto.

TREPLIOV [*apanha o volume; para Trigórin*] Muito obrigado. O senhor é muito gentil.

[*Senta-se.*]

TRIGÓRIN Seus admiradores lhe mandam cumprimentos... Em Petersburgo e em Moscou, todos estão muito interessados pelo senhor e não param de me fazer perguntas a seu respeito. Perguntam: como ele é, quantos anos tem, é moreno ou loiro? Por alguma razão, imaginam que o senhor já não é jovem. E ninguém sabe o seu sobrenome verdadeiro, pois o senhor assina com um pseudônimo. O senhor é misterioso, como o Máscara de Ferro.

TREPLIOV Vai ficar muito tempo aqui?

TRIGÓRIN Não, acho que amanhã mesmo sigo para Moscou. É preciso. Tenho de me apressar para terminar um romance e além disso prometi mandar alguma coisa para uma coletânea. Em suma, é a mesma história de sempre.

[*Enquanto os dois conversam, Arkádina e Polina Andréievna põem uma mesa de jogo no centro da sala e a desdobram; Chamraiev acende velas, arruma cadeiras. Retiram do armário um jogo de víspera.*]

TRIGÓRIN O clima não me deu uma acolhida muito aprazível. O vento está cortante. Amanhã de manhã, se o vento acalmar, irei até o lago para pescar. Por falar nisso, preciso rever o jardim e aquele local onde... o senhor se lembra...

encenaram a sua peça. Tenho um tema já bem maduro para desenvolver, só me falta recuperar a memória do local em que a ação se passa.

MACHA [*para o pai*] Papai, empreste um cavalo para o meu marido! Ele precisa ir para casa.

CHAMRAIEV [*irritado*] Cavalo... casa... [*Com severidade*] Você mesma é testemunha: eles acabaram de chegar da estação. Não se pode abusar dos cavalos.

MACHA Mas há outros cavalos... [*Vendo que o pai se mantém calado, abana as mãos*] Não adianta falar com o senhor...

MIEDVIEDIÊNKO Eu vou a pé, Macha. Não se preocupe...

POLINA [*com um suspiro*] A pé, num tempo desses... [*Senta-se à mesa de jogo*] Por favor, senhores. Sentem-se.

MIEDVIEDIÊNKO Afinal, são só seis verstas de distância... Adeus... [*Beija a mão da esposa*] Adeus, mamãe. [*A sogra, de má vontade, lhe dá a mão para beijar*] Eu bem que preferia não incomodar ninguém, mas o bebê... [*Faz um cumprimento com a cabeça para todos*] Adeus... [*Sai, com um ar de culpa*]

CHAMRAIEV Isso, tem mesmo de ir a pé. Não é nenhum general.

POLINA [*dando pancadinhas na mesa*] Por favor, senhores. Não vamos perder tempo, daqui a pouco vão nos chamar para o jantar.

[*Chamraiev, Macha e Dorn sentam-se à mesa.*]

ARKÁDINA [*para Trigórin*] Aqui, quando começam as noites longas de outono, é costume jogar víspora. Veja só: o velho

jogo de víspora, o mesmo que a falecida mamãe ainda jogava conosco, quando éramos crianças. O senhor não gostaria de tomar parte do nosso jogo, até a hora do jantar? [*Senta-se à mesa com Trigórin*] É um jogo enfadonho mas, depois que a gente se acostuma, não é tão ruim assim. [*Dá três cartas para cada jogador*]

TREPLIOV [*folheando a revista*] Ele leu o próprio conto de fio a pavio, mas nem soltou a ponta das folhas do meu conto. [*Põe a revista sobre a escrivaninha, em seguida se dirige para a porta da esquerda; ao passar pela mãe, beija sua cabeça*]

ARKÁDINA E você, Kóstia?

TREPLIOV Desculpe, não estou com vontade... Vou caminhar um pouco. [*Sai*]

ARKÁDINA A aposta é de dez copeques. Faça a aposta por mim, doutor.

DORN Com todo prazer.

MACHA Todos já apostaram? Então vou começar... Vinte e dois!

ARKÁDINA Eu tenho.

MACHA Três!

DORN É meu.

MACHA O senhor já marcou o três? Oito! Oitenta e um! Dez!

CHAMRAIEV Não corra.

ARKÁDINA Mas que recepção consagradora eu tive em Khar-kov, meu Deus, minha cabeça está rodando até agora!

MACHA Trinta e quatro!

[*Por trás do palco, tocam uma valsa melancólica.*]

ARKÁDINA Os estudantes me aclamaram... Três corbelhas, duas coroas e ainda por cima isto aqui... [Tira um broche do peito e o joga sobre a mesa]

CHAMRAIEV Sim, é autêntica...

MACHA Cinquenta!

DORN Cinquenta redondos?

ARKÁDINA Usei roupas maravilhosas... Digam o que disserem, para me vestir, eu não sou nada boba.

POLINA Kóstia está tocando piano. Está triste, coitado.

CHAMRAIEV Os jornais o criticam demais.

MACHA Setenta e sete.

ARKÁDINA É só vontade de chamar atenção.

TRIGÓRIN Ele não tem tido sorte. Não consegue, de maneira alguma, alcançar o seu tom autêntico. Há algo estranho, vago, por vezes até semelhante à loucura. Nenhum personagem com vida própria.

MACHA Onze!

ARKÁDINA [olhando para trás, na direção de Sórin] Petrushka, está aborrecido?

[Pausa.]

ARKÁDINA Pegou no sono.

DORN O Conselheiro de Estado dorme.

MACHA Sete! Noventa!

TRIGÓRIN Se eu morasse numa propriedade como esta, à beira de um lago, vocês acham que eu teria vontade de escrever? Eu trataria de sufocar essa loucura e não faria outra coisa senão pescar no lago.

MACHA Vinte e oito!

TRIGÓRIN Pescar uma acerina ou uma perca, isto sim é o auge da felicidade!

DORN Pois eu acredito em Konstantin Gavrílitch. Há alguma coisa nele! Há alguma coisa! Ele sabe pensar por meio de imagens, seus contos são expressivos, vivazes, e provocam em mim sentimentos fortes. Só lamento que ele não tenha propósitos mais definidos. Cria impressões e mais nada, e o problema é que não se pode ir muito longe apenas com impressões. Irina Nikoláievna, a senhora está contente por seu filho ser escritor?

ARKÁDINA Imaginem só: eu ainda não li. Nunca tenho tempo.

MACHA Vinte e seis!

[Trepliov entra em silêncio e caminha até a sua escrivaninha.]

CHAMRAIEV [para Trigórin] Ah, Boris Aleksiêievitch, ficamos com uma coisa que lhe pertence.

TRIGÓRIN Que coisa?

CHAMRAIEV Certa vez, Konstantin Gavrílitch matou uma gai-vota com um tiro e o senhor me encarregou de pedir que a empalhassem.

TRIGÓRIN Não me lembro disso. [Pensativo] Não me lembro!

MACHA Sessenta e seis! Um!

TREPLIOV [abre a janela, põe-se a escutar] Como está escuro! Não entendo de onde me vem essa angústia.

ARKÁDINA Kóstia, feche a janela, há uma corrente de ar.

[Trepliov fecha a janela.]

MACHA Oitenta e oito!

TRIGÓRIN Completei a minha cartela, senhores.

ARKÁDINA [*alegre*] Bravo! Bravo!

CHAMRAIEV Bravo!

ARKÁDINA Esse homem sempre tem sorte em tudo. [*Levanta-se*] E agora vamos beliscar alguma coisa. A nossa celebridade não almoçou hoje. Depois do jantar, vamos continuar o jogo. [*Para o filho*] Kóstia, largue os seus escritos e venha comer.

TREPLIOV Não quero, mamãe, não estou com fome.

ARKÁDINA Como quiser. [*Acorda Sórin*] Pietrucha, jantar! [*Dando o braço para Chamraiev*] Vou contar ao senhor como fui recebida em Kharkov...

[*Polina apaga as velas sobre a mesa, em seguida ela e Dorn empurram a cadeira de rodas. Todos saem pela porta da esquerda; no palco, resta apenas Trepliov, sentado à escrivaninha.*]

TREPLIOV [*põe-se a escrever; passa os olhos pelo que já escreveu*] Eu, que falava tanto em formas novas, agora sinto que, pouco a pouco, vou também caindo na rotina. [*Lê*] “Um cartaz na cerca apregoava... Um rosto pálido, emoldurado por cabelos escuros...” Apregoava, emoldurado... Isto é medíocre. [*Risca*] Vou começar com o herói acordando com o barulho da chuva, e todo o resto vai para o lixo. A descrição da noite de luar está longa e rebuscada. Trigórin desenvolveu algumas técnicas para uso próprio e assim ficou fácil para ele... Basta escrever que o gargalo de uma garrafa quebrada cintila na beira de um açude e que a

sombra da roda de um moinho se estende negra — e está pronta a noite de luar, mas para mim é preciso uma luz bruxuleante, estrelas cintilantes e serenas, e sons longínquos de um piano, que se extinguem no ar perfumado e silencioso... Isto é um suplício.

[*Pausa.*]

TREPLIOV Cada vez mais me convenço de que a questão não consiste em formas novas e formas velhas, mas sim em que a pessoa escreva sem pensar em formas, sejam quais forem, que ela escreva porque isso flui livremente da sua alma.

[*Alguém bate à janela próxima à escrivaninha.*]

TREPLIOV Quem é? [*Olha pela janela*] Não vejo nada... [*Abre a porta de vidro e olha para o jardim*] Alguém desceu correndo pela escada. [*Ergue a voz*] Quem está aí? [*Sai; ouvem-se seus passos ligeiros pela varanda; após meio minuto, retorna em companhia de Nina Zariêtnaia*] Nina! Nina!

[*Nina abraça a cabeça de Trepliov contra o peito e tenta abafar os soluços.*]

TREPLIOV [*comovido*] Nina! Nina! É você... você... Foi como se eu tivesse um pressentimento, minha alma ficou terrivelmente aflita o dia todo. [*Toma de Nina seu chapéu e seu manto*] Ah, minha querida, minha adorada, ela voltou! Não vamos chorar, nada de choro.

NINA Tem alguém aqui.

TREPLIOV Ninguém.

NINA Tranque as portas para que não entrem.

TREPLIOV Ninguém vai entrar.

NINA Eu sei que Irina Nikoláievna está aqui. Tranque as portas...

TREPLIOV [*fecha a porta da direita à chave, dirige-se à porta da esquerda*] Esta não tem tranca. Vou barrar a entrada com uma poltrona. [*Põe uma poltrona encostada à porta*] Não tenha medo, ninguém vai entrar.

NINA [*olha fixamente para o rosto dele*] Deixe-me olhar para você. [*Olha em volta*] Aqui dentro está quente, agradável... Antes, aqui ficava a sala de visitas. Mudei muito?

TREPLIOV Sim... emagreceu, e seus olhos ficaram maiores. Nina, nem acredito que eu esteja vendo você. Por que não quis me receber? Por que não veio antes? Eu sei que você está aqui já faz quase uma semana... Fui todos os dias até onde você está hospedada, várias vezes por dia, me plantei embaixo da sua janela, como um mendigo.

NINA Eu tinha medo de que você estivesse com ódio de mim. Sonho todas as noites que você olha para mim e não me reconhece. Se você soubesse! Desde a minha chegada, caminhei muitas vezes por aqui... na beira do lago. Quantas vezes estive perto da sua casa e não me atrevi a entrar. Vamos sentar.

[*Sentam-se.*]

NINA Vamos sentar e ficar conversando, conversando. Aqui é agradável, quente, acolhedor... Escute... é o vento? Há em

Turguêniev um trecho que diz: "feliz de quem, numa noite como esta, tem um teto para se abrigar e um cantinho aquecido". Eu sou uma gaivota... Não, não é isso. [*Esfrega a testa*] O que eu estava dizendo? Ah, sim... Turguêniev... "E que Deus proteja todos os desabrigados que vagam sem rumo..." Não é nada. [*Soluçã*]

TREPLIOV Nina, você está de novo... Nina!

NINA Não é nada, isso me alivia... Já fazia dois anos que eu não chorava. Ontem, tarde da noite, fui ao jardim, ver se o nosso teatro ainda estava de pé. E ele está lá até hoje. Chorei pela primeira vez, em dois anos, e me senti aliviada, minha alma ficou mais serena. Veja, já não estou mais chorando. [*Segura a mão dele*] Mas quer dizer que você agora já é um escritor... Você é um escritor e eu, uma atriz... Caímos nós dois no mesmo turbilhão... Eu vivia alegre, como uma criança... acordava de manhã e começava a cantar; amava você, sonhava com a glória, e agora? Amanhã, bem cedo, partirei para Iêlets, num vagão de terceira classe... junto com os camponeses, e em Iêlets os comerciantes que se julgam instruídos vão me importunar com as suas atenções. Que vida sórdida!

TREPLIOV Para que você vai a Iêlets?

NINA Assinei um contrato para o inverno inteiro. Está na hora de partir.

TREPLIOV Nina, eu amaldiçoei você, senti ódio, rasguei suas cartas e fotografias, mas sabia o tempo todo que minha alma estava ligada à sua, para sempre. Deixar de amar você, Nina, é uma coisa que está além de minhas forças. Desde que perdi você e desde que meus textos começaram a ser publicados,

a vida para mim se tornou insuportável... eu soffro... De uma hora para outra, minha juventude foi como que arrancada à força, e eu me sinto como se já tivesse vivido noventa anos neste mundo. Eu chamo o seu nome em voz alta, beijo a terra em que você pisou; para onde quer que eu olhe, aparece sempre o seu rosto, este sorriso carinhoso, que me iluminava nos melhores anos da minha vida...

NINA [*desconcertada*] Para que ele está falando isso, para que ele está falando isso?

TREPLIOV Estou sozinho, nenhum afeto me conforta, estou frio, como num subterrâneo, e tudo o que escrevo é seco, duro, sombrio. Fique aqui, Nina, eu imploro, ou então permita que eu vá com você!

[*Nina, rapidamente, põe o chapéu e veste o manto.*]

TREPLIOV Por quê? Pelo amor de Deus, Nina... [*Observa, enquanto ela se arruma; pausa*]

NINA Meus cavalos estão à minha espera, na porteira. Não me acompanhe, irei sozinha... [*Entre lágrimas*] Me dê um pouco de água...

TREPLIOV [*dá de beber a ela*] Para onde vai agora?

NINA Para a cidade.

[*Pausa.*]

NINA Irina Nikoláievna está aqui?

TREPLIOV Está... Na quinta-feira, titio não passou bem, nós telegrafamos para ela, pedindo que viesse.

NINA Por que você disse que beijava a terra em que eu pisava? O certo seria me assassinar. [*Inclina-se sobre a mesa*] Estou tão esgotada! Quem me dera poder descansar... descansar! [*Levanta a cabeça*] Eu sou uma gaivota... Não, não é isso. Eu sou uma atriz. É isto! [*Ouve o riso de Arkádina e de Trígorin, põe-se à escuta, em seguida corre até a porta da esquerda e olha pelo buraco da fechadura*] Ele também está aqui... [*Volta para perto de Trepliov*] Ora... Não é nada... Sim... Ele não acreditava no teatro, sempre ria dos meus sonhos, e assim, pouco a pouco, eu também fui deixando de acreditar e caí num desânimo... E então vieram as aflições do amor, os ciúmes, os receios incessantes com o bebê... Eu me tornei mesquinha, fútil, representava de forma leviana... Não sabia o que fazer com as mãos, não sabia como me postar no palco, não dominava a minha voz. Você nem pode imaginar o que é isso, um ator perceber que está representando pessimamente. Eu sou uma gaivota. Não, não é isso... Lembra que você matou uma gaivota com um tiro? Um homem chegou por acaso, viu uma gaivota e, por pura falta do que fazer, matou a gaivota... O tema para um pequeno conto. Mas não é isso... [*Esfrega a testa com a mão*] Do que eu estava falando?... Falava sobre o teatro. Agora não sou mais assim... Sou uma atriz de verdade, represento com satisfação, com entusiasmo, uma embriaguez me domina no palco e eu me sinto linda. Agora, enquanto estou aqui, caminho o tempo todo, caminho e penso, o tempo todo, caminho e sinto que meu espírito se torna mais forte a cada dia... Agora eu sei, Kóstia, agora eu compreendo que no nosso trabalho, representando no

palco ou escrevendo, o que importa não é a glória, não é o esplendor, não é aquilo com que eu tanto sonhava, mas sim a capacidade de suportar. Aprenda a carregar a sua cruz e acredite. Eu acredito e, assim, nem sofro tanto e, quando penso na minha vocação, não sinto medo da vida.

TREPLIOV [*com tristeza*] Você encontrou o seu caminho, sabe para onde ir, enquanto eu continuo mergulhado no caos dos devaneios e das visões, sem saber para que e para quem isso serve. Eu não acredito e não sei qual a minha vocação.

NINA [*escutando atentamente*] Psss... Eu já vou. Adeus. Quando eu me tornar uma grande atriz, venha me ver. Promete? Mas agora... [*Aperta a mão dele*] Já é tarde. Mal me agüento em pé... Estou exausta, sinto fome...

TREPLIOV Não vá embora, eu lhe trarei um jantar...

NINA Não, não... Não me acompanhe, eu irei sozinha... Os meus cavalos estão perto daqui... Quer dizer que ela veio com ele? Ora, tanto faz. Quando estiver com Trigórin, não lhe conte nada... Eu amo Trigórin. Eu o amo ainda mais do que antes... O tema para um pequeno conto... Eu amo, amo apaixonadamente, amo até o desespero. Como era bom, nos velhos tempos, Kóstia! Lembra? Que vida radiante, afetuosa, alegre, pura, que sentimentos... sentimentos semelhantes a flores delicadas, graciosas... Lembra? [*Recita*] "Homens, leões, águias e perdizes, cervos de grandes chifres, gansos, aranhas, peixes silenciosos que habitavam as águas, estrelas do mar e criaturas que os olhos não eram capazes de ver — em suma, todas as vidas, todas as vidas, depois de concluírem seu triste ciclo, se extinguíram... Há muitos milhares de anos

não existe mais uma única criatura viva sobre a terra e esta pobre lua acende sua lanterna em vão. No prado, os groux já não despertam com um grito, nem se ouvem os besouros nos bosques de tílias..." [*Abraça Trepliov impetuosamente e foge pela porta de vidro*]

TREPLIOV [*após uma pausa*] Não vai ser nada bom se alguém topar com ela no jardim e depois contar para mamãe. Isso pode deixar mamãe transtornada... [*Durante dois minutos, em silêncio, ele rasga todos os seus manuscritos e os atira embaixo da mesa, depois destranca a porta da direita e sai*]

DORN [*tentando abrir a porta da esquerda*] Que estranho. Parece que a porta está trancada... [*Entra e põe a poltrona no lugar*] É como uma corrida de obstáculos.

[*Entram Arkádina, Polina Andréievna, mais Iákov, que traz algumas garrafas, e Macha, em seguida Chamraiev e Trigórin.*]

ARKÁDINA Ponha o vinho tinto e a cerveja aqui na mesa, para Boris Aleksîievitch. Vamos jogar e beber. Sentem-se, senhores.

POLINA [*para Iákov*] Traga logo o chá, também. [*Acende as velas, senta-se à mesa de jogo*]

CHAMRAIEV [*leva Trigórin até o armário*] Eis o objeto a respeito do qual eu lhe falei há pouco... [*Retira do armário a gaiivota empalhada*] A encomenda que o senhor me fez.

TRIGÓRIN [*examinando a gaiivota*] Não me lembro! [*Depois de pensar um pouco*] Não me lembro!

[*À direita do palco, ouve-se o som de um tiro; todos se sobressaltam.*]

ARKÁDINA [*assustada*] O que foi isso?

DORN Não foi nada. Na certa estourou algum frasco na minha valise de remédios. Não se preocupe. [*Sai pela porta da direita e volta meio minuto depois*] Exatamente o que pensei. Um frasco de éter estourou. [*Cantarola*] “De novo enfeitado estou diante de ti...”

ARKÁDINA [*senta-se à mesa*] Puxa, que susto levei. Isso me fez lembrar o dia em que... [*Cobre o rosto com as mãos*] Meus olhos até escureceram...

DORN [*folheando uma revista, para Trigórin*] Uns dois meses atrás, saiu publicado aqui um artigo... uma carta da América, e eu gostaria de perguntar ao senhor, a respeito disso... [*puxa Trigórin pela cintura e o conduz para a frente do palco*] ... pois estou muito interessado nesse assunto... [*Em tom grave, à meia voz*] Leve Irina Nikoláievna embora daqui, para qualquer lugar. A verdade é que Konstantin Gavrilovitch se matou...

[*Cortina.*]

UM PÁSSARO NA MÃO *Posfácio*



Dr. Tchekhov, médico rural em Melikhovo, 1892.

Numa carta de 1892, Anton Tchekhov relatou: “o pintor Levitan está passando uns dias no meu sítio. Ontem, ao entardecer, eu e ele fomos à zona de caça às galinholas. Levitan disparou e uma ave, ferida na asa, caiu num charco. Eu a levantei. Tinha um bico comprido, olhos grandes e pretos e uma plumagem bonita. Olhava para nós, espantada. O que podíamos fazer? Levitan franziu a testa, fechou os olhos e me suplicou, com voz trêmula: ‘Por favor, esmague a cabeça dela com a coronha do rifle.’ Respondi que não podia. Ele não parava de sacudir os ombros, nervoso, contraía o rosto e suplicava. A galinhola olhava para mim, espantada. Tive de obedecer a Levitan e matá-la. E, enquanto dois imbecis voltavam para casa e sentavam-se para jantar, havia uma criatura fascinante a menos no mundo.”

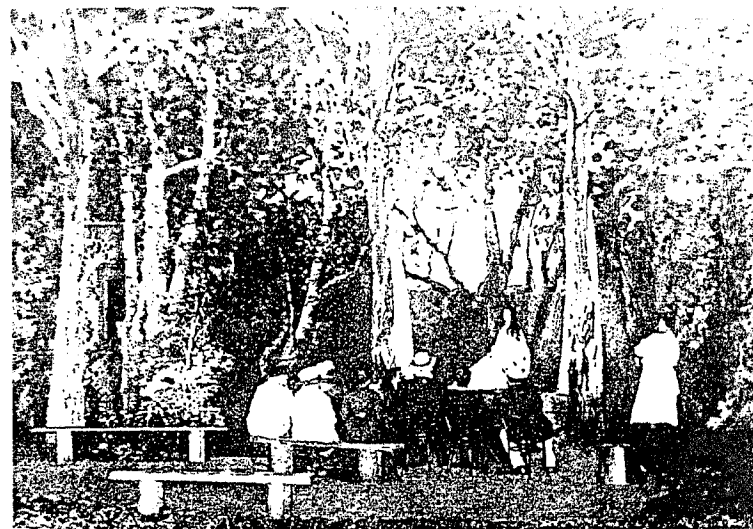
Esse episódio irá ecoar na peça que Tchekhov escreverá três anos depois, em 1895. No lugar da galinhola, uma gaiivota: alvejada por um escritor e empalhada por outro. Mas o pressentimento da índole predatória que assombra a atividade do artista e a inevitável frieza com que o forte desfruta o fraco se fazem presentes na peça com a mesma revolta impotente que marca a recordação anotada naquela carta.

“Estou escrevendo uma peça que na certa não terminarei antes do fim de novembro. Não posso negar que me agrada escrevê-la, embora esteja obviamente desrespeitando os princípios elementares do teatro. A comédia tem três papéis femininos,

seis masculinos, quatro atos, uma paisagem (uma vista para um lago), muita conversa sobre literatura, pouca ação e cinco arrobas de amor.” Assim Tchekhov, numa carta de 21 de outubro de 1895, deu notícia de sua peça *A gaiivota*. Cinco dias depois, escreveu para outra pessoa: “Terminei minha peça. Não é nada demais. No conjunto, diria que sou um dramaturgo medíocre”. Mas parece que a reescreveu e, no dia 21 de novembro, em outra carta, registrou: “Terminei minha peça. A despeito de todas as regras da arte dramática, eu a comecei *forte* e acabei *pianissimo* [...]. Estou antes de tudo insatisfeito e vejo que não sou de forma alguma dramaturgo”. Tchekhov enviou o manuscrito para o amigo e pediu: “Não mostre para ninguém”. Continuou a reescrever e só em julho de 1896 mandou o texto final para a aprovação da censura.

A gaiivota foi a primeira peça a que Tchekhov conseguiu dar uma feição equivalente ao modo como, já havia algum tempo, construía seus contos. Suas primeiras obras para o teatro foram curtas e humorísticas. Duas tentativas mais ambiciosas, *Ivanóv* e *O demônio da floresta*, o frustraram e atraíram críticas. Não foi diferente o destino de *A gaiivota*, pelo menos em sua primeira apresentação, na noite de 17 de outubro de 1896, em São Petersburgo. A platéia vaiou, gritou, zombou dos atores em cena, alguns espectadores levantaram-se para conversar aos brados. Tchekhov assistiu aos dois primeiros atos e depois se refugiou nos bastidores. Ao fim do primeiro ato, jornalistas e críticos de teatro correram ao bar e exclamavam: “Onde está a ação?”, “Ele está acabado”, “Perdeu o talento”, “É tudo tão insípido”. E os jornais da manhã seguinte, em coro, publicaram críticas ásperas.

Por mais que isso o tenha abalado, Tchekhov não foi apalhado de surpresa. Numa carta escrita poucos dias antes da estréia, já registrara sua apreensão e até relatara um pesadelo: “casam-me com uma mulher que não amo e sou insultado nos jornais”. O escritor vinha acompanhando os ensaios apressados e caíra em desânimo, ante o desempenho dos atores. Além disso, Tchekhov sabia não contar com muita simpatia nos meios literários de São Petersburgo. O ambiente pretensioso da capital quase sempre o aborrecera e o ânimo pouco sociável demonstrado por Tchekhov em suas estadas na cidade havia deixado um rastro de ressentimento. “Meus amigos e conhecidos de Petersburgo estão aborrecidos comigo? [...] Pois que fiquem”, escreveu numa carta em 1890. E, um ano depois, descreveu



A gaiivota, primeiro ato, na estréia em São Petersburgo, 1896.

Краматурга в беломощи, на котле у демагогов, (по поводу воскресных проповедей «Чайка» и «Крокодил».)



Криволинейная линия.

Charge de época: “A gaiivota nas garras da decadência”, 1896.

nestes termos uma nova visita à capital: “Eu me vi cercado por uma atmosfera de absurda e indefinível má vontade [...]. Eles me entopem com jantares, me cobrem de elogios triviais e ao mesmo tempo gostariam de me comer vivo [...]. Não são gente, mas algum tipo de mofó ambulante”.

Porém a causa imediata do fracasso da primeira montagem pode ter sido algo mais simples. Vigorava, na época, a tradição de dedicar a estréia em benefício de um ator famoso. Às vezes, nessas ocasiões, duas peças eram encenadas na mesma noite e assim aconteceu a 17 de outubro. A homenageada foi a atriz cômica Levkêieva, que entraria em cena numa comédia após a apresentação de *A gaiivota*. A platéia, em sua maior parte formada por admiradores de Levkêieva, estava ansiosa para rir de suas personagens burlescas.

O fiasco da estréia de *A gaiivota* levou Tchekhov a partir de São Petersburgo bem cedo na manhã seguinte, depois de

deixar um bilhete para o amigo em cuja casa estava hospedado: “Nunca mais escreverei outra peça”. Este amigo, dias depois, o censurou pela sua partida precipitada e Tchekhov assim se explicou: “Agi com a sensatez e a frieza de um homem que apresentou um pedido de casamento e foi recusado [...]. Quando cheguei à minha casa, bebi óleo de rícino, tomei um banho de água fria e agora estou pronto para escrever outra peça”.

Antes de ser retirada de cartaz, *A gaiivota* teve mais oito apresentações em São Petersburgo, diante de um público mais apropriado. As notícias que chegaram a Tchekhov davam conta da boa recepção do espetáculo, mas nada disso alcançou os



Charge de época: “Caça à gaiivota”, 1896.



Konstantin Stanislávski:
Tchekhov reprovou sua
idéia de trazer para o palco
um grupo de mães e crian-
ças chorosas, na cena final
do terceiro ato.

jornais e a péssima impressão da estréia não se desfez. Embora Tchekhov não autorizasse a montagem da peça nas principais cidades do país, *A gaiivota* foi representada por companhias modestas, em Kíev, Odessa e em várias províncias do império russo, com boa repercussão, e houve até uma montagem em Praga, numa tradução para o tcheco. Desse modo, quando a peça afinal chegou a Moscou, em 1898, por iniciativa do recém-criado Teatro de Arte de Moscou, os comentários em favor da obra já vinham se acumulando gradualmente.

Coube ao ator e diretor Nemiróvitch-Dântchenko dobrar a resistência de Tchekhov, após o fiasco de 1896, e convencê-lo a ceder a peça à sua companhia: “Eu lhe asseguro, você não encontrará um diretor que o idolatre mais ou uma companhia que



Em vez de fazer soar o coaxar
dos sapos na cena da peça de
Trepliov, Nemiróvitch-
Dântchenko preferia “o com-
pleto e enigmático silêncio”.

o admire mais”. Coube também a ele, mais afeito à obra de Tchekhov, orientar os companheiros na montagem dessa peça que exigia uma produção, conforme insistia Dântchenko, “livre de toda rotina”. Konstantin Stanislávski, também diretor da nova companhia, representou o papel de Trigórin, enquanto o jovem Meierhold representou o papel de Trepliov. À atriz Olga Knipper, futura esposa de Tchekhov, coube o papel de Irina Nikoláievna.

O êxito não poderia ter sido maior e abriu caminho para o talento renovador desses artistas, que viriam a deixar sua marca no teatro do século xx. Tchekhov, de fato, se empolgou com o grupo de atores, cujos ensaios por vezes presenciou. Mas advertia a Stanislávski que Trigórin devia usar um sapato furado,

СЕДМОНАСТАНО-ВЕЩЕДЪТЪ ИЛИ
 (Наретный рядъ "Зрители"). (Наретный рядъ "Зрители").
 Въ Четвергъ, 17-го Декабря,
 поставлено будетъ въ первомъ ряду:
ЧАЙКА

Драма в 4-хъ действияхъ отъ Антона Чехова.
 Исполняютъ: Роль Тургенева — М. Ф. Френкельский, Тургенев — В. В. Мельничковъ, Дроздъ — А. А. Николаевскій, Тургенев — В. Ф. Луисскій, Шуринъ — А. Р. Артемьевъ, Мухоморовъ — Е. В. Ткаченко, Мухоморовъ — А. М. Андреевъ, Мухоморовъ — В. Д. Самаринъ, Андреевъ — С. П. Шенниковъ, Гурьевъ — М. Д. Раменский, Мухоморовъ — М. П. Павловъ, Мухоморовъ — А. М. Андреевъ, Мухоморовъ — Е. В. Мельничковъ, Тургеневъ — М. В. Николаевскій.
 Режиссеры К. С. Станиславскій и В. И. Немировичъ-Данченко.
 Начало въ 7½ ч. веч., окончаніе около 11½ ч. ночи.
 Лица, записавшіяся на первое представленіе драмы "Чайка", благоволятъ получить билеты до 4-хъ час. среды 18-го Декабря, послѣ чего они построются въ очередь предъду.
 Въ Пятницу, 18-го Декабря, второе представленіе драмы: **ЦѢЛНА МѢСТАМЪ ОБЫКНОВЕННАЯ.**
 Всесо открыта отъ 10 час. утра до 8 час. вечера.
 Главная роль отъ К. С. Станиславскія. Режиссеры К. С. Станиславскій и В. И. Немировичъ-Данченко.

Cartaz da estreia de *A gaviota* na encenação do Teatro de Arte de Moscou, dezembro de 1898.

A gaviota, segundo ato, 1898.



vestir calça xadrez e fumar um charuto fedorento, em vez de mostrar-se como um dândi. O dramaturgo também reprovou a concepção de Stanislávski para o final do terceiro ato — a cena da despedida —, em que o diretor imaginara trazer para o palco um grupo de mães e crianças chorosas. No geral, Tchekhov insistia em que os atores evitassem toda ênfase sentimental. Isso talvez ajude a esclarecer uma dúvida freqüente entre os seus leitores: a rubrica que Tchekhov acrescentou ao título da peça — “comédia”.

Afinal, são raros os momentos de riso ou de mera alegria em *A gaviota*, ao passo que não faltam, para os personagens, motivos para tristeza ou mesmo para o desespero. O problema pode se tornar compreensível se lembrarmos que a noção rigorosa de comédia equivale menos ao riso do que ao estilo baixo — em contraste com o estilo elevado, da tragédia. Tchekhov negava crédito aos ideais alçados além da medida do cotidiano e da vida comum. Não pretendia pôr em cena gênios, heróis ou mártires desses ideais, nem os vilões que por força os acompanham. Em vez de fazer soar, no palco, falas graves a todo instante em meio a uma sucessão de acontecimentos terríveis, Tchekhov imaginara personagens que comentavam o calor, o frio ou as doenças, calavam-se por falta de assunto e pouco agiam em uma história quase desprovida de acontecimentos. Pois assim a vida se mostrava, na maior parte do tempo, aos seus olhos.

A rigor, em *A gaviota*, há antes coisas que não acontecem, em um enredo que parece não caminhar para parte alguma. No entanto, entre diálogos triviais, aspirações e desavenças corriqueiras, apenas rompidas por reflexões nada idealizadas sobre a atividade do artista, uma crise obscura se avoluma pouco a pouco.

Um desajuste sutil impede que os personagens entendam uns aos outros e subtrai de cada um a compreensão do que eles mesmos desejam e pensam. Esse desajuste e essa crise fazem as vezes de uma estrutura para a peça, soldam as partes que parecem à deriva. Ao mesmo tempo, permitem pressentir o que há subjacente às camadas de banalidade e de frustração.

Em uma composição desse tipo, mesmo que sobrevenha ao final um acontecimento de impacto – como é o caso em *A gaiivota* –, não haverá um desfecho propriamente dito. Tal acontecimento, por mais dramático que pareça, por mais sofrimento que concentre em si, não representa nem solução, nem desvelamento, nem catarse. O espectador subentende que a mesma crise e o mesmo desajuste prosseguirão intactos e apenas se agravarão na vida futura dos personagens.

A gaiivota foi a primeira das quatro peças que Tchekhov escreveria até 1904 e que o tornaram um clássico do teatro. Reúne, mais do que as outras, as reflexões literárias do autor, em especial no tocante à degradação do impulso criador do artista, quando se integra ao curso da sociedade. Os dois escritores e as duas atrizes que formam o núcleo dos personagens configuram um movimento de contrastes, ao qual no entanto falta um eixo, ou qualquer ponto de apoio constante. Nenhum deles tem um modelo em que confiar, nem um caminho por onde fugir.

Tchekhov inseriu no primeiro ato uma pequena peça dentro da sua peça, em um esquema que alude a *Hamlet*. Reforçou essa alusão nos diálogos entre Trepliov e sua mãe, uma atriz famosa, com caprichos de rainha. A linguagem usada na peça dentro da peça nos parece estranha, mas representa, de maneira

algo deformada, uma alusão à poética simbolista, que se introduzira pouco tempo antes na Rússia e causava certa sensação. A mãe de Trepliov classifica a obra do filho de “decadente”, termo usado então de forma rotineira para desdenhar das obras simbolistas. Liev Tolstói, por sua vez, também classificou *A gaiivota* de decadente. Assim, sem notar, com uma única palavra, ergueu um tablado sob os próprios pés e transformou a si, mas também a nós, em personagens de uma outra peça. Por sinal, a mesma a que ainda assistimos.

Rubens Figueiredo

IV^o
MOSTRA DE
EM PEQUENOS FORMATOS CÊNICOS DO CCSP
DRAMATURGIA



BURA- QUI NHOS

TEXTO DE JHONNY SALABERG

OU O VENTO
É INIMIGO
DO PICUMÃ



Centro Cultural São Paulo



Associação
Centro Cultural

texto

JHONNY SALABERG

direção

NARUNA COSTA

elenco

AILTON BARROS

CLAYTON NASCIMENTO

JHONNY SALABERG


realização

CARÇAÇA DE POÉTICAS NEGRAS

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS

BURA- QUI NHOS



OU O VENTO
É INIMIGO
DO PICUMÃ

S





IV **MOSTRA DE** EM PEQUENOS FORMATOS CÊNICOS DO CCSP **DRAMATURGIA**

: CONSOLI- DAÇÃO

Este quarto movimento da Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do Centro Cultural São Paulo é sem dúvida o que consolida o projeto, lindamente amadurecido com a participação de nove autores e autoras selecionados nas edições anteriores e a inscrição de algumas centenas de outros e outras, que enviaram seus textos.

A edição atual ensaia mais deliberadamente as pontes entre estética e política em um momento em que esta relação volta a ganhar recorrência na cena brasileira. Foram selecionados para montagem os textos de Ave Terrena Alves, *As 3 uiaras de SP City - barbante roxo do mural da memória*, Jhonny Salaberg, *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* e Marcos Barbosa, *Necropolítica*. Nos dois primeiros prevalecem as discussões de gênero, raça, lugares de classe e de uma microfísica do poder, como dizia Michel Foucault. São fábulas que acompanham o momento de emergência de temas poucas vezes tratados a partir de posições tão afirmativas e críticas como agora. No texto de Ave Terrena liberdade e contingência ganham campo de embate a partir da história de personagens transgêneros, em espelhamento de diferentes momentos da história do país. É projeto que está no raio de um tempo novo para o teatro, em que vozes até então silenciadas passam a falar em seu próprio nome e com seus próprios modos.

A peça de Salaberg é uma história altamente concentrada, que articula-se em recursos fantásticos e conta, em sofisticada, poética estratégia narrativa, sobre a tragédia ordinária de jovens negros nas periferias do Brasil e do mundo. Por fim, a quase anti-peça de Marcos Barbosa observa a sociabilidade em uma visada mais ampla, discutindo as formas atuais do ativismo agora travadas na suspensão da aporia e nas suas variações, em torno de temas como representatividade e engajamento - palavras que ali ganham significados díspares. O campo de ficcionalização lambe o nonsense. Vistos no conjunto são três retratos livres mas generosamente críticos sobre o Brasil atual, em que a pertinência dos temas não limita a experiência de criação ao mero relato da conjuntura em forma teatral. Ao contrário, convidam para a invenção de um imaginário interessado na invenção de linguagem e, portanto, na expansão dos horizontes da dramaturgia.

PROJETO

O projeto da Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos nasceu em 2015, de uma necessidade: diante dos meios de produção existentes no panorama teatral de São Paulo, o que poderia ser útil? O que poderia ser relevante em uma cidade cujo teatro é já mais que razoavelmente subvencionado? Os editais de montagem não têm necessariamente compromisso com o autor. A autoria dramática original é um acidente, pode estar como não estar, dependendo do projeto. A impressão das brochuras com as peças, distribuídas à plateia, é uma tentativa de tornar mais íntima e quem sabe um pouco mais duradoura a experiência fugidia do espectador frente ao fenômeno teatral em uma época na qual o texto de teatro ainda é pouco publicado e é dos nichos menos representativos no mercado editorial. A ideia de pequenos formatos não é novidade. Nas artes visuais há Mostras e salões de pequenos formatos. No cinema, os chamados filmes de baixo orçamento. E nestas duas áreas a expectativa é a de que o "pequeno" não seja indicador de obras artísticas de má qualidade. Ao contrário, são condições a partir das quais a própria linguagem se articula. No caso do teatro é ideia que pressupõe dramaturgias sintéticas no plano formal. Em que o plano de pensamento seja mais importante e não dependa de muitos recursos materiais para a encenação. Então o pequeno formato já não será uma contingência e sim um campo de provocações, de fomento criativo.

E assim tem sido. Nos dois primeiros editais tivemos cerca de duzentos inscritos (por edição). No terceiro o número subiu. Destes, selecionamos três textos por ano, que foram montados e ganharam a cena durante as Mostras. Os textos escolhidos perfazem um amplo painel da sociabilidade e das subjetividades emergentes no Brasil. A repercussão pública do projeto tem sido uma alegria.

As Mostras têm acontecido com boas plateias, o público está vindo. E o reconhecimento institucional também. Nas duas primeiras edições ao menos um dos três espetáculos nascidos do edital esteve entre os mais premiados do ano e o próprio Centro Cultural São Paulo foi indicado ao Premio Shell de teatro, na categoria Inovação, “pelo estímulo à experimentação de novas formas cênicas, dramáticas e de produção”.

No Edital do CCSP, pelas contingências (que tentamos transformar em adubo) escolhemos, entre estas tantas possibilidades, jogar luz sobre o texto. Que não é necessariamente “a peça”. Temos recebido e premiado inúmeras escritas experimentais e textos tradicionais também. A resposta ao chamado, com quase trezentos textos inscritos na última edição, nos diz que aquela intuição inicial estava em bom caminho. E vamos. Bem vindos/bem vindas a mais uma Mostra. Que seja mais uma vez o espaço de observação e fruição da vida através do teatro e destas histórias imaginadas mas já tão nossas irmãs, criadas por Ave, Jhonny e Marcos.

KIL ABREU

Curador de Teatro do CCSP

Nossa participação como produtoras deste projeto tão relevante para a cena jovem do teatro de São Paulo, que é a Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do CCSP, nos honra e envaidece.

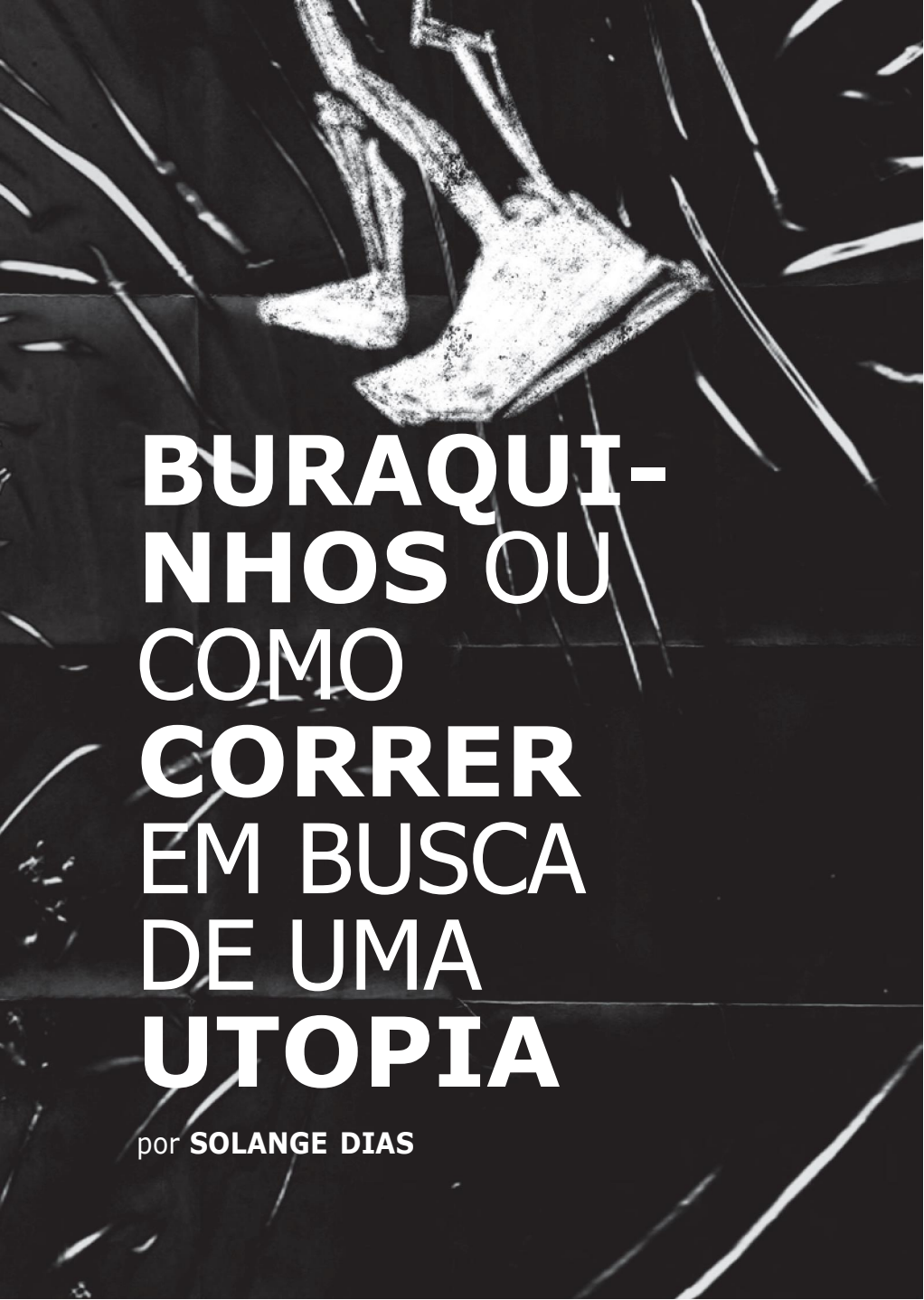
Tem sido um trabalho prazeroso, neste momento tão delicado de nossa cultura, de nossa história. As dramaturgias nos inspiram e estimulam... Realmente um aprendizado de força, alegrias e resistência.

Agradecemos a confiança em nós depositada, seguimos em parceria, vislumbrando novos horizontes para a cultura brasileira.

BIA FONSECA e IZA MARIE MICELI

Nós 2 Produtoras Associadas





**BURAQUI-
NHOS OU
COMO
CORRER
EM BUSCA
DE UMA
UTOPIA**

por **SOLANGE DIAS**

*“Corro porque ele está atrás de mim
e está atirando em minha direção.
Corro porque eu sou preto.
Corro porque as balas perdidas
correm mais rápido que eu.
Corro porque o dedo no gatilho se
mexe mais do que os meus pés.
Corro porque acabei de levar um tiro.
Corro porque acabei de levar outro tiro.
Corro porque é mais um tiro.
Corro e mais tiro.
Mais tiro.
Mais tiro.
Mais tiro.
Corro porque até aqui eu já levei
a minha idade de tiros.”*
JHONNY SALABERG

Em tempos de retrocesso, em que a cultura tem sido tão sucateada, presenciamos nesta IV edição da **Mostra de Dramaturgia em Pequenos Formatos Cênicos** do Centro Cultural São Paulo um feito heroico, conduzido magistralmente pelo seu curador, Kil Abreu: a proposta de publicação e produção de textos inéditos. É também mais uma evidência de que, nos últimos anos, a dramaturgia voltou a ser foco de discussão, não somente do ponto de vista temático e formal, como também de seus processos, dos mecanismos de viabilização da produção e de aprofundamento da pesquisa de um projeto artístico.

Dentro deste movimento, foi no Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro de Santo André, orientado por mim, mas conduzido pelos estudos e reflexões compartilhados entre cada participante, que tive a alegria de presenciar o processo de criação da belíssima obra *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* de Jhonny Salaberg em 2016.

No texto, um menino corre para não ser baleado pela polícia quando trazia pão para mãe que está em casa. Corre entre ruas apertadas pelas casas sobrepostas da periferia. Corre se equilibrando nos fios de luz com seus “gatos” mal ajambrados. Corre pelos esgotos e vielas e, durante sua corrida, vai percorrendo as durezas de um mundo grande chamado Brasil, chamado América Latina. E por mais que corra, seu corpo vai sendo invadido por inúmeras balas e, mesmo assim, ele continua correndo em sua enorme resistência em não se deixar morrer.

Quantos tiros são necessários para abater os voos e sonhos de meninas e meninos pretos e pobres do mundo? Um, cinco, dez, cento e onze tiros?

Logo nas primeiras leituras realizadas no Núcleo, eram notáveis a contundência e importância de cada imagem que Jhonny concebeu em seu texto. Ele incorporou em sua escrita, elementos narrativos que, organizados por meio da combinação precisa de palavras, foram capazes de trazer à tona um tema terrível, mas tratado com uma leveza poética que nos enleva e ao mesmo tempo nos provoca incômodos que conduzem às reflexões e questionamentos deste mundo que nos cerca.

Uma das bases para se trabalhar com essa forma de lidar com o tema, Jhonny trouxe do conceito de *leveza* proposto pelo escritor Ítalo Calvino, que foi estudado para o desenvolvimento de criações dramáticas.

Neste conceito, Calvino sugere que a busca da leveza surge como possibilidade de resistência, como reação ao peso do viver, e é em *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã* que esta leveza se cria no próprio ato da escrita, no ato de narrar com sensibilidade a percepção de fatos dolorosos. O que poderia ser uma espécie de dramaturgia bruta que transpira uma violência insustentável, com suas tramas cruas e duras, torna-se um elogio à vida, à utopia.

Diante do peso do viver, a leveza do narrar.

Desde o surgimento do teatro, a narrativa sempre esteve presente nas mais variadas manifestações e gêneros dramáticos, mas tem sido nas encenações contemporâneas que dramaturgas e dramaturgos têm incorporado ao drama, narrativas inspiradas em roteiros de cinema, contos e romances, como proposição estética e de discurso que estão além do meramente narrar.

São dramaturgias que se propõem a transpassar cada espectador, provocando diversas camadas de leitura do objeto cênico para a busca de um teatro do possível, como esta de Jhonny, que com sua corrida na procura de uma utopia vital para todos nós, consegue lindamente trazer à superfície, como pérola fina, o que há de poético e sublime deste submerso que temos vivido ultimamente.

SOLANGE DIAS

*Mestre em Artes Pela UNICAMP,
Fundadora e integrante do grupo do
Teatro da Conspiração de Santo André.
Diretora, arte-educadora e dramaturga andreense,
mas que muito deve ao bairro Parque São Rafael,
Zona Leste de São Paulo,
para sua formação humana e artística.*



**ESCREVER
TEATRO
NEGRO
É
ESCREVER
JUSTIÇA**

por **JHONNY SALABERG**

A arte de escrever uma peça de teatro, carregando todos os direitos e deveres de uma manifestação artística é uma metáfora que somente a vida não da conta. Aqui nesse mesmo espaço, somos indivíduos perdidos na contemporaneidade, estamos sempre a mercê de direcionamentos mal acostumados e muito diferentes entre si. Escrever uma peça de teatro é difícil, mas escrever uma peça de teatro negro é três vezes mais. Penso que diante disso, e de toda a massificação criminosa que pesa sobre esse assunto, é comum produzir o tão falado panfleto artístico como pauta de discussão e revolução. Alguns panfletos são coloridos, outros chamam a atenção pela criatividade de se colocar as palavras no seu devido lugar, outros são de uma cor só e sem culpa. Não há certo e nem errado, há escolhas.

Escrever dramaturgia contemporânea requer uma série de atenções e desafios diários que só a palavra mais justa consegue dizer sobre. E a justiça nada mais é que proporcionalidade, então quando se usa um recurso pra dizer algo que normalmente não é dito, usa-se uma escolha de proporcionalidade. A justiça tanto funciona na literalidade quanto na metáfora, mas sempre será uma escolha. Mas quando se fala de dramaturgia negra essa escolha de justiça tende a pesar mais para um lado do que para o outro. Vivemos em um tempo em que as peças de teatro negro estão afiadíssimas na realidade, levando em consideração cada palavra com todo o cuidado, já que o cotidiano ordinário e pouco falado vira assunto do prólogo ao epílogo. É uma escolha de justiça, nada mais. E como toda escolha precisa ser respeitada e valorizada artisticamente, socialmente e historicamente. Para mim que sei só deste tempo que estou agora, tenho a sensação de que é o tempo em que se produz muitas coisas, estamos na era vomitar todo o ar preso na garganta. Mas e se, diante de todo o caos, escrevêssemos com leveza? E se em vez de entregarmos um panfleto, comermos uma sopa de letrinhas? Escrever com leveza, neste caso, é a luz no

fim do túnel ou o paredão no fim da rua. Alguns gostam e outros não. A noção de leveza é algo relativamente intuitivo e recorrente, usado para dizer coisas não tão leves de outra maneira. É uma vírgula que dói mais que um soco! Mas como pode nesse mundo tão cabreiro, o açúcar que falta no pote sobrar em nossas palavras? Como pode a existência ainda que desgraçada ser doce?

A leveza é o dispositivo que desperta empatia no leitor e conseqüentemente no espectador. Parafraseando Ítalo Calvino: "A metáfora não impõe o objeto sólido, e nem a palavra pedra chega a tornar pesado o verso".

Deste modo, o que seria dessa história sem a leveza? Sem os sonhos pendurados nos postes? Nas nuvens? Na ponta dos olhos? O vento é inimigo do picumã quando o alvo cria asas e foge. O vento é inimigo do picumã quando ratoeiras são colocadas nos portões das casas, nas escolas, nas vielas, nos supermercados, nos bancos, nos trens e nas padarias. Que vento é esse que sopra somente para um lado? Eu, morador de Guaianases - extremo leste de São Paulo – estou acima de tudo VIVO para contar essa história que passa por mim e por muitos outros corpos-picumãs. Buraquinhos que se abrem sem pudor, é preciso expor de onde vêm as flechas. Voa Picumã!

JHONNY SALABERG

Formado na Escola Livre de Teatro de Santo André.

Ator, dramaturgo e bailarino.

*Fundador e integrante da Carcaça de Poéticas Negras
e do coletivo O Bonde.*



**DIAS
BONS,
DIAS
RUINS,
MAS
TODOS
OS
DIAS,
VIVOS**



por **NARUNA COSTA**

Um convite enviado Inbox pelas redes sociais, e um abismo se abre no coração. Aquela velha vontade de dizer “Não, obrigada, não posso. Muito trabalho”. Ou qualquer outra desculpa que me fizesse seguir a vida, fingindo que 16 minutos passarão e nenhum jovem negro será assassinado nesta nossa cidade. Nossa? Nossa! Não dá! Não se trata de dirigir uma boa peça que entrará em cartaz no CCSP, terreiro tão disputado na cidade-cinza. Trata-se de uma mulher negra dirigir uma boa peça, com atores negros, que entrará em cartaz no CCSP.

Corpos negros são corpos políticos e só isso justificaria meu “sim” àqueles jovens, que usaram como cartada final, um vídeo-convite que foi impossível recusar.

Mas não se trata só disso.

Se trata de ser instrumento de luta contra o genocídio institucionalizado; se trata de denunciar com o próprio ofício a tragédia cotidiana promovida pelo racismo estrutural; se trata de fazer política em tempos de intervenção militar; e se trata, acima de tudo, de se curar um pouco da ferida aberta, que sempre dói ao ser cuidada, mas que um dia há de fechar, deixando apenas a cicatriz para que a memória não se apague da história, e a mesma não se repita. Mas isto é sonho.

Saindo do sonho... Vamos ao teatro!

Buraquinhos é uma grande obra literária. Fiquei impressionada com a qualidade do texto de Jhonny Salaberg. Muita sensibilidade o levou a escrever este trabalho cheio de potencia, poesia e refinamento. Mas coloca-lo em cena não é tarefa fácil. Uma poesia narrada, fantástica, cheia de elementos que só o imaginário, ou o cinema, poderiam dar conta. O que foi maravilhoso! Quebrar todas as expectativas primeiras, abandonar as ideias óbvias e leituras iniciais e mergulhar inteiramente no texto, em cada frase, palavra, descobrir sua poética para que dela surgisse, de fato, o que era necessário ir para a cena. Confiar que o teatro pudesse indicar o seu próprio caminho sem imposições vazias, ou formulas prontas. Observar para se surpreender. Para isso: Disponibilidade! Clayton Nascimento, Ailton Barros e Jhonny Salaberg são artistas emocionantes. A confiança e a entrega pro trabalho fez com que mergulhássemos profundamente e logo descobríssemos as regras para que o jogo começasse. Objetivo: Estarmos VIVOS em cena (e fora dela).

E é para lá que estamos indo. Com o amparo de musicxs, cenário e luz nos encaminhamos para um jogo aberto com a plateia, que vai tratar de contar a aventura-saga de um menino da quebrada de Guaianazes e, através dela, oferecer a oportunidade de reflexão do papel de cada um de nós nesta “estória real”.

Ofereço este trabalho ao
Grupo Clariô de Teatro,
minhas asas,
meu vôo,
meu pouso.

NARUNA COSTA

Formada na Escola de Arte Dramática - ECA/USP.

Atriz, diretora e cantadeira (Clarianas).

Fundadora e integrante do Grupo Clariô de Teatro





**MASSA,
CARDÍACA
TRAVESTIDO
DE
SONHOS
E COM
ARRITMIA**

por **AILTON BARROS**



é sobre ser atento e forte
é sobre ser um ajo caído
é sobre ser mais um, apenas um
é sobre ser coletivo Okan
é sobre ser Clayton Nascimento sendo assistido nos
palcos e nas ruas brancas
é sobre ser Ailton Barros bixa preta macumbeiro
periférico e artista
é sobre ser Jhonny Salaberg no corredor do
supermercado
é sobre ser pele perigosa
é sobre ser Os crespos
é sobre ser agulha linha penas e esperança
é sobre ser sangue fora do corpo
é sobre ser coletivo O Bonde
é sobre ser asfalto quente bebendo vermelho
é sobre ser pele e poro e buraco e esgoto a céu aberto
é sobre ser Coletivo Negro
é sobre ser tema do Rap mais violento
é sobre ser margem
é sobre ser Haiti Cuba Etiópia Gana Nigéria Angola
Moçambique e Guaianases
é sobre ser Capulanas
é sobre ser sangue cabelo força curvas ginga e axé
é sobre ser o que se é
é sobre ser Carça de Poéticas Negras
é sobre ser
é sobre
é!

AILTON BARROS

formado na Escola Livre de Teatro de Santo André.

Ator, bailarino, cenógrafo e figurinista.

Fundador e integrante da Cia Coité e do coletivo O Bonde.

Ator nos grupos Contadores de Mentiras e Carça de Poéticas Negras

DA SÉRIE: **COMBATE DE NEGRO E DE CÃES**

por **CLAYTON NASCIMENTO**



Esse é uma publicação escrita por mim na semana do Carnaval de 2018. Texto retirado do Facebook. Isso não é teatro!

“Meia noite e meia. Avenida Paulista. Logo ali. Hoje ou amanhã. Já não importa. Aproveitando a última semana antes do início das aulas na Universidade de São Paulo e dos processos artísticos, tenho ido ao cinema, ao teatro, a exposições, carnavalizar, encontrar os amigos, namorar, enfim, engrandecer a alma. Esses dias ainda no Carnaval, comentei com um amigo branco lá da Escola de Arte Dramática sobre os roubos de celulares: ‘Amigo, a sociedade é tão preconceituosa. Eu, um homem negro de 30 anos, sinto que sou raramente assaltado. Na maioria das vezes, nunca acham que eu tenho poder de consumo, logo, sempre acham que eu que vou assaltar’ – ‘Nossa Clayton, que absurdo!’ Ouvi. Pois bem senhoras e senhores: leiam essa história. Hoje, após a última sessão de cinema no Itaú Cultural, acompanhado de uma Professora da Universidade, a qual sempre me acolheu muito e alguém que eu gostaria de ser amigo. Depois de uma caminhada, um bom papo e muito aprendizado, me despedi, deixei num táxi, e rumei à Avenida Paulista para pegar o meu ônibus para casa. Noite gostosa, pipoca e filme bom. Claro, que como um Homem Negro levei anos para entrar na Universidade Pública, e eu me sentia muito realizado por ter ido à uma sessão de filme com uma mestra que respeito muito, e que fiz questão de pagar pelo ingresso de nós dois. Na minha alegria interna, conectei com Marisa Monte e Bem que Se Quis no celular, e avistei o meu ônibus chegando lá atrás, já em minha direção. Era só acelerar um pouco mais o passo, e esperar então. Assim que cheguei ao ponto, me deparei com 2 jovens garotas, 5 garis, e 2 seguranças parados na frente de um Banco Itaú. Repentinamente, antes da chegada do ônibus que estava há poucos metros, surge um homem branco, acompanhado de uma mulher, o semblante dele era de não

alterado quimicamente, mas sim de muita ira. Com uma chave de braço no meu pescoço ele gritava: 'Esse aqui é um ladrãozinho que roubou o meu mercado, que bate em mulher, e agora ele vai ter o que merece'. Começamos uma luta. Eu só consegui dizer: 'Você está me confundido. (...) eu não fiz nada, cara'. Outra chave de braço. Me desvencilhei. Então ele novamente me alcançou, me colocou no mesmo golpe, mas agora mais forte. Todos olhavam a cena. A mulher que o acompanhava, se aproximou e disse: 'Vai me roubar de novo? Vai? Vai bater em mulher? Vai me roubar de novo?' Ele: 'Não é você o preto zica, malandro? Aquele que bate em mulher? Toma aqui o que você merece, ladrão'. Eu, o cara que execra quando os conhecidos dizem que roubaram chocolate no mercado. Eu, artista que pratico teatro desde os 8 anos. Eu, criado amorosamente pelas mãos de pais muito simples da periferia do Piauí e que me ensinaram que a saída é estudar. Eu, que tenho que me arrumar 3 vezes mais para ser bem recebido. Eu, que preciso falar bonito, ser politizado e ter eloquência para não ouvir mais um 'não'. Eu, um criador de uma peça de teatro que fala justamente sobre o Racismo Institucionalizado nessa nossa terra onde o sabiá não canta desde 1500. Eu, que consigo a vaga de trabalho ou de estudos sempre muitos anos depois. Eu era o ladrão!

Chave de braço mais forte.

(...)

(...)

Socos dele, socos meus.

Chave de braço.

(...)

Aquele tempo foi eterno. E eu não estava entendendo nada realmente. Cada vez que eu me mexia, os braços dele pareciam uma anaconda que aproveitava cada centímetro livre de ar para apertar mais. Eu comecei a sentir os olhos incharem. A boca secar e a perna enfraquecer. Eu olhava para as pessoas e com o braço esticado eu balbuciava: "Pessoas, por favor, me ajudem. Por favor!" Caí no chão de chuva da Avenida Paulista, a "Avenida mais importante do Brasil". Que belo epíteto. Caí. Num giro no meio da luta e antes da queda, olhei no fundo dos olhos de cada um ali presente pedindo uma mísera gota de compaixão. Meus incríveis 1,68m e 58kgs de corpo negro ali, retirados dos palcos, sedento pela criação do teatro, para ganhar aquele personagem na vida real. O ônibus que se aproximava, chegou. Motorista e 40 novos espectadores. Consegui ainda pensar: 'Que irônico, Clay! Você vai morrer aqui nesse lugar horrórico, com 50 espectadores completamente apáticos ao show de horror. Você não esperava por isso, meu amigo, ainda bem que você viu a mãe ontem e deu um beijo nela. Seja forte aqui, resiste até quando der'. Veio então, uma última chave de braço suficientemente forte para enrolar minha língua. A última imagem que tenho é a deles vindo para cima do meu corpo, e apalpando meus bolsos.

Apaguei.

(...)

(...)

Ali eu fiquei.

Não tenho ideia de quanto tempo depois, eu ali, ainda no chão, acordei com as roupas rasgadas. Me levantei sozinho. Recuperei com muito prazer cada molécula de

oxigênio presente ali na Avenida mais importante do Brasil. Eu estava vivo. Obrigado, eu gosto muito de viver. Eu tenho muito para criar ainda. Quero ver meu sobrinho crescer, eu acho a gente muito parecido. Percebi que eu já não tinha mais nada. Celular, carteira, chave de casa, nada. Eu era o ladrão, e eu havia sido assaltado. Metassalto. Me sentei no banco completamente desnordeado. Quando a sociedade medíocre ali presente percebeu o que acontecera, conseguiram dizer: 'Meu Deus, eles falaram que você batia em mulher e era o assaltante da loja, e nós acreditamos. Acho que se acontecesse de novo, eu não faria nada, outra vez, te deixaríamos apanhar. A gente viu eles te roubando, mas a gente achou que eles vieram pegar o que era deles de volta. Estou chocada. Toma aqui 4 reais'.

Passou um novo ônibus. O motorista viu meu estado, e não parou. Eu: 'Vocês por favor, poderiam dar sinal para o próximo ônibus? Eu já nem sei mais que horas são, só gostaria de ir embora, me ajudem?'

No próximo ônibus elas deram o sinal, eu entrei, e foi isso.

Amigos eu estou bem, estou em casa, estou seguro. Tenho amigos, faço análise, me sinto amado. Gostaria de dizer para vocês que existe uma pesquisa que diz que na maioria das vezes em que um jovem negro estava prestes a morrer em casos de racismo, suas últimas palavras foram: 'Eu não sei do que você está dizendo. O senhor está me confundindo.' Me peguei fazendo o mesmo hoje, eu senti na pele. Mas, aqui vai o resumo da ópera: Isso não é uma ópera. É uma tragédia. daquelas bem xifrim que você já vê há 518 anos. Se fosse ópera, nem no Teatro vocês me deixariam entrar, por exemplo. Nesse Mundo de Discurso de ódio que a gente inventou e alimenta muito bem todos os dias, toda aquela sociedade presente, entre ricos e pobres, quiseram me punir quando, racistamente, acreditaram que eu era o ladrão. Resolvendo com as próprias mãos. Nem os seguranças me propuseram segurança. Com medo de perder

seus próprios Iphones, foi eu quem quase perdeu a minha vida, hoje gente. O nosso plano de sociedade deu errado, turma. Está acontecendo um genocídio negro na nossa terra, e vocês são omissos a isso. Nós falhamos miseravelmente.”

“Com a mão firme na sacola que carrega pães, terra, rim, céu e pulmão, eu vou escorregando da rede esperançosa da costureira e caio nas nuvens, onde os sonhos ficam presos até que alguém os capture. Há muitos sonhos perdidos e outros entediados a procura de melhores ideias. Eu avisto meu sonho preso num punhado de nuvem, chego perto e tento pegá-lo. O sonho desaparece e reaparece atrás de mim feito mágica. Eu tento tocá-lo novamente e mais uma vez ele não me abraça, foge de mim!”

Texto “Buraquinhos ou O vento é inimigo do picumã” Jhonny Salaberg

Eu continuarei ocupando os espaços públicos.

Cabeça Erguida.

Minha arma é a Arte.

Eu sou firme como uma Bandeira Preta enfiada em Pau Forte.

Eu sou a arte que tem me feito continuar para lembrar da felicidade e do privilégio que é poder acordar e respirar nessa nossa terra, fazendo o que faço, sendo quem sou.

Eu sou Jhonny

Eu sou Ailton

Eu sou Naruna

Eu sou um dos buraquinhos

Eu sou Resistência.

Eu sou Clayton Nascimento.

CLAYTON NASCIMENTO

*Formado na Escola Célia Helena e
pela Escola de Arte Dramática - ECA/USP.*

*Fundador e integrante da Cia do Sal,
onde desenvolve o espetáculo autoral “Macacos”.*

SOBRE O GRUPO



Fundada em 2016, Carcaça de Poéticas Negras é formada por artistas negrxs periféricxs, oriundxs de duas escolas de teatro do estado de São Paulo: Escola Livre de Teatro de Santo André e Escola de Arte Dramática ECA/USP. Tem como pesquisa de linguagem o corpo negro urbano e o etnocentrismo na contemporaneidade, como dispositivo de transformação e representatividade artística; a carcaça de símbolos da cultura negra que revela as camadas de uma história apagada e sem alforria.

Em 2017 o grupo foi contemplado pela 14º edição do Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) pelo projeto Preto Urbano, com pesquisa realizada nos distritos Cidade Ademar e Jabaquara - periferia da zona sul de São Paulo - que resultou na construção do espetáculo "MATO CHEIO – FUGA DEGENERADA".

BURA- QUI NHOS

TEXTO DE JHONNY SALABERG

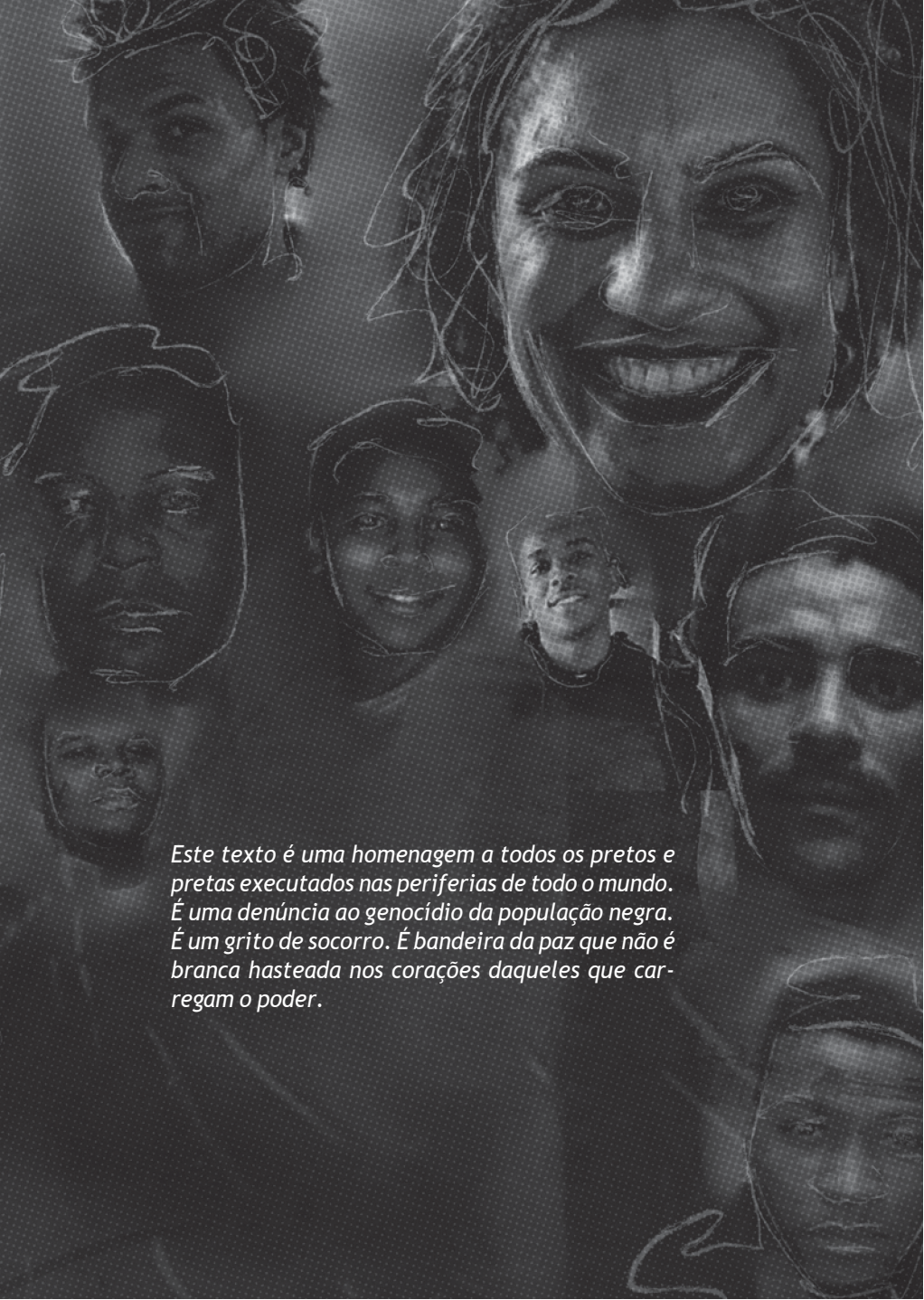
OU O VENTO
É INIMIGO
DO PICUMÃ



BURAQUINHOS
OU
O VENTO É INIMIGO DO PICUMÃ
Texto de Jhonny Salaberg
Guaianases / São Paulo
2016







Este texto é uma homenagem a todos os pretos e pretas executados nas periferias de todo o mundo. É uma denúncia ao genocídio da população negra. É um grito de socorro. É bandeira da paz que não é branca hasteada nos corações daqueles que carregam o poder.



*“Que Deus abençoe os brancos para que os negros possam
dormir tranquilos”.*

Carolina Maria de Jesus (1960)

1. O PRIMEIRO PÃO DO ANO

Em algum extremo da cidade, eu me levanto meio cangalha em direção ao banheiro. É 1º de janeiro e ainda é possível ouvir o barulho dos fogos de artifício, sirene de viatura e a música "O que pensa que eu sou" da banda Djavú, que tocou 17 vezes na noite anterior. Eu contei. O que não contei foi a quantidade de copos de refrigerante que bebi. Já que ainda não posso beber cerveja, eu acabo caindo na frenética do Dolly. O cheiro da fumaça da churrasqueira permanece em minha roupa. Eu não me dou muito bem com festas. Todas as vezes que o carvão, a caixa de som e os engradados invadem a minha casa, eu me sento no quintal ao lado de minha avó que não suporta música alta. Fico observado minha tia dançar forró com uma cerveja na mão. Meu tio pilotar a churrasqueira com linguiça, asa de frango e carne de segunda. Crianças correndo e estourando bombinha no chão. Outras andando e olhando para os pés, vendo a luz vermelha piscar embaixo da sola dos sapatos novos. O vinagrete na vasilha de vidro azul cheio de moscas e o cachorro roendo o osso deitado no fundo do quintal. No banheiro, eu recapitulo todas as imagens em minha cabeça como num filme de trás para frente. Eu observo o cesto de lixo que está transbordando e imagino que o quintal deve estar muito pior.

Na cozinha, minha mãe está em frente ao fogão passando o café. A pia está cheia de louça. Na mesa, ao lado do vaso de flores artificiais, tem dois reais em moedas. Eu sei que a tarefa de ir à padaria é minha, todo o santo dia. As moedas de dez e cinquenta centavos estão encapadas com durex encardido. O sol que entra pela janela da cozinha ilumina o cabelo de minha mãe que, nesse momento, parece estar vermelho. A barra de sua blusa está úmida devido ao contato com a beira da pia. Seus dedos estão enrugados, mas firmes.

MÃE Vai ficar aí parado, é? Vai logo na padaria, menino!

EU Mas é preciso mesmo comprar pão hoje, mãe? Re-
quenta qualquer sobra de ontem e pronto. Ainda tem
Dolly ou já acabou?

MÃE Se você não for comprar esse pão agora eu juro que...

EU Tá bom! Tô indo...

Eu pego as moedas em cima da mesa e saio rumo à pa-
daria. No meio do caminho, eu me lembro que é feriado e
sou obrigado a andar cinco quadras para chegar na única
padaria aberta. As ruas estão completamente vazias. O sol
está forte e elimina todas as possíveis sombras que se pode-
ter. Uma viatura se aproxima de mim e passa bem rente
ao meu corpo. Se passasse um pouco mais perto, seria
possível me engolir com as suas rodas cheias de sangue.
Lá de dentro, dois policiais me olham como se eu fosse o
Osama Bin Laden nas ruas da periferia, pronto para jogar
uma bomba dentro do carro. Eu entro na padaria e torço para
que a viatura vá embora e não mais me encontre.

Me deparo com uma fila que eu não esperava. Há apenas um
funcionário na padaria. Encosto no vidro do balcão gelado
coberto com várias bolhas de água. O contato da minha pele
quente com o vidro gelado traz uma sensação interessante.
Há uma televisão suspensa na parede, parece ser dessas
modernas que não tem botão, nem controle e, se duvidar,
nem tomada. O jornal encaixotado anuncia a morte de cinco
jovens negros na virada do ano. Chega minha vez na fila! Eu
pego a sacola de pão e saio da padaria. As pessoas da fila
parecem não escutar a televisão ou não se importar com
a notícia. Afinal, em terra de fogos de artifício, quem ouve
tiro é rei.

Na volta para casa, me deparo com a viatura vindo em minha direção. Um dos policiais está com os olhos fixos na sacola de pão. Eu diminuo os passos e observo as rodas da viatura capturarem toda a poeira do chão por conta do excesso da graxa. As folhas das árvores dançam vagarosamente com o vento.

POLICIAL O que você tem aí, menino?

EU Alguns pães que a minha mãe mandou comprar.

POLICIAL Mentira! Abre essa sacola aí!

EU Eu preciso voltar para casa, senhor, minha mãe está me esperando. Juro que é só pão.

POLICIAL Você tá surdo? Abre essa sacola, agora!

EU Senhor, eu preciso ir.

POLICIAL Até? Vamos ver se você não vai abrir essa sacola agora!

O policial que está no banco do passageiro sai da viatura com a mão direita na arma pendurada em seu cinto. Eu começo a correr para o sentido contrário. Ele corre atrás de mim com toda a fúria que se pode ter. Os pães pulam dentro da sacola e eu os agarro em minha barriga. As folhas das árvores dançam agora com as tiras de rabiola que estão presas nos fios de eletricidade. Perto delas estão alguns pares de tênis amarrados pelo cadarço. Em rua de periferia, sempre tem muitos postes e muitos fios. As teias eletrônicas dão luz aos "gatos" que iluminam uma vila inteira. Eu avisto um poste com alguns buracos e começo a subir até chegar nos fios de eletricidade. Ele me olha lá de baixo com arma

apontada em minha direção. Eu corro nos fios tentando me equilibrar para não cair. Seguro a sacola cheias de pães com força e olho para os postes, existem muitos deles, vou correndo nos fios alcançando todos os postes que vejo. Eu olho para baixo e o vejo correndo com uma mão no cinto e a outra segurando a arma. Aqui começa a jornada para salvar esse pequeno corpo negro ambicioso, que corre com uma sacola de pães nas mãos. Por essas ruas, a saga é diária e é preciso ser ligeiro. Os pássaros voam ao meu lado tentando bicar os pães dentro da sacola. Por aqui, criam-se asas em dias de emergência. Os meninos pretos dessa terra nascem com ligamentos nas costas, ao lado das escápulas, são pequenas penas que se desenvolvem a medida que o perigo aumenta. As asas ajudam os meninos pretos a fugir do alçó branco e peitudo. Não se tem manual de instrução, o jogo pode começar em qualquer lugar e a qualquer momento. É preciso estar atento, pois as balas perdidas voam para todos os lados. Eu sigo correndo nos fios tentando me equilibrar entre a sorte e o azar.

2. SEBO NAS ASAS

Os pães dançam dentro da sacola como pulgas saltitantes no pelo do cachorro da vizinha. Consigo senti-los com as minhas mãos e os agarro para que não caiam no chão. Eu continuo fugindo da bala midiaticamente perdida, da bala que persegue o corpo magro, suado, pequeno e preto. A bala que tem por objetivo me perfurar, rasgando o tecido áspero e quente que se encontra perdido no imenso e assustador vazio. Eu corro para que não haja outro buraco destapado com sete palmas de choro de minha mãe ajoelhada na terra molhada. Eu corro para que as velas de casa sirvam para iluminar a cozinha em dia de falta de luz e não para me iluminar.

Eu corro assim, meio sem saber se vou chegar em casa, se vou comer meu pão, se vou à escola esse ano. Eu puxo todo ar que um menino pode ter nos pulmões para aguentar essa cidade feita de bonecos de chumbo, que insistem em nos arquivar nas velhas gavetas enferrujadas. Minha pisada é ligeira e sagaz feito rato que corre em esgoto aberto.

Meus pés se equilibram nos fios cheios de rabiola ligados aos postes do bairro. Eu corro pulando de fio em fio. A minha sorte é que os fios formam uma grande teia a cada poste que alcanço. A afiação elétrica da periferia são grandes bolos emaranhados que suportam a descarga das casas, mais conhecidos como "gatos". Por aqui, cada poste possui tetas metálicas que amamentam os chuveiros, as geladeiras e as grandes e plasmáticas televisões. Eu vou pulando de fio em fio, fugindo para o lado utópico do meu mundo. A cada pisada, o peso do meu corpo faz o fio balançar feito trampolim para baixo e para cima. Com esse impulso, vou cada vez mais longe. Às vezes, olho para baixo. Quero ter certeza que não estou num sonho. Quero me certificar que os pães ainda estão dentro da sacola.

Em casa, minha mãe varre o quintal juntando a poeira dos cantos das paredes, formando grandes punhados de terra. Ela sabe que a casa é velha e é preciso varrer no mínimo duas vezes por dia. Minha mãe é dessas certezas absolutas de um velho ancião fumando seu cachimbo. Ela sabe de tudo. Sabe que vai chover mesmo quando o céu explode o azul. Sabe que o cachorro da vizinha não vai vingar por muito tempo. Sabe que semana que vem o leite vai aumentar ainda mais. Ela só não sabe que, num instante, meu corpo vai ter tantos buracos quanto o muro que separa minha casa e o esgoto.

Eu continuo correndo nos fios de alta tensão onde só os pombos habitam. Há uma grande quantidade deles, é possível encontrá-los por todo lado. Alguns pelo menos dançam para compensar a falta de vento nas asas, outros se aquietam no meio do fio esperando a sorte de serem levados para as montanhas mais altas que um prédio de cinquenta andares. Eles depenam para alcançar. As montanhas da Bolívia são altas e assustadoras, quase que não consigo chegar. Correndo nos fios, observo uma fiação perfeita para poder pular. Pulo e vou tão alto que quase chego perto de Deus. As montanhas de La Paz são belas e parecem os bolinhos de chuva que minha mãe faz quando não temos o que comer. São marrons com as pontas brancas feito açúcar. Eu corro subindo as montanhas de La Paz como quem busca a medalha de ouro na Corrida de São Silvestre. Daqui de cima, é possível ver as casinhas amontoadas brigando por espaço. As casinhas vão diminuindo à medida que alcanço o topo da montanha. Pela primeira vez me sinto tão grande quanto os postes em que pulei. Consigo ver todo o horizonte bem rente à linha do meu nariz. As nuvens parecem estar mais perto e sinto que, se a montanha fosse um pouquinho maior, seria possível pegar as estrelas à noite. Olho para a sacola e percebo que perdi um pão, provavelmente deve ter sido no salto dos fios até aqui. Encontro uma mulher

vestida com uma saia rodada azul, até os tornozelos, uma bata vermelha com detalhes verdes, um tecido amarrado nos ombros e um chapéu com as abas viradas para cima. Ela tem cabelos pretos e olhos puxados. É uma *cholita*. Ela me olha surpresa e acena a cabeça em cumprimento. Observa os pães pulando dentro da sacola e sorri. Eu corro rasgando o céu com as minhas mãos, sentindo o vento passar entre meus dedos. Pego um pedaço de céu e coloco na sacola para poder compensar a falta do pão perdido. Eu sigo sem olhar para trás, mas sei que a *cholita* me observa com o sorriso no rosto, feito a criança que está nos seus ombros e que, só agora, tira a cabeça do tecido para poder me ver. “*Buena suerte ave pequeña, buena suerte*” – ela disse.

3. É PRECISO ESTANCAR O REAL E CAPTURAR A UTOPIA

Eu pulo da montanha com a coragem de uma formiga ao escalar uma árvore carregando um pedaço de folha. Eu pulo com a coragem de quem tem as asas remendadas. Minhas patas estão cansadas e minhas barbatanas sangram. Sou um pardal perdido em vento forte, pronto para mergulhar na primeira lagoa que vir e sair rastejando até onde se possa encontrar terra seca. Eu permaneço no silêncio de quem chora em cima de uma foto, desaguando os órgãos para poder hidratar a dor. Ele aponta a arma em minha direção e deixa jorrar a raiva metalizada do cano quente que perfura o meu corpo. Essa ferida aberta que agora pulsa em minha costela é o gatilho sem sentido de quem gosta de abatedouros. O tiro que perfura meu tecido é a mão que invade a galinha e arranca tudo o que sente com os dedos. Espaço se abre entre meus órgãos e uma forte corrente de ar passa por eles. Meu corpo desce desordenado girando feito manga mole do topo mais alto da montanha. Eu levei cinco tiros e com eles vem a certeza de que outras balas perdidas tentam me encontrar.

5

Caio sobre os fios e reconheço o lugar, estou na rua de baixo da rua de minha casa. Por aqui, as janelas emolduram mães, avós, tias, meninas e bebês lavando a louça pesada da festa de ano novo. Eu desço dos fios escorregando pelo poste, deixando uma grande listra vermelha. Corro na calçada sentindo os pães e meus rins balançarem no mesmo ritmo. É possível ouvir o barulho da bota pisando no asfalto e as fivelas do colete se chocando enquanto ele corre atrás de mim. Eu continuo correndo com o ar solto na barriga e preso na garganta. Arranco um dos meus rins e guardo na sacola para que não caia no chão. Avisto um bueiro aberto a vinte metros e não penso duas vezes em me esconder. Sou um tatu que avista com sagacidade a oca recém construída. Eu pulo dentro do bueiro e caio num encanamento escuro e apertado. Começo a descer, o encanamento que parece ser infinito. O cheiro é forte e avassalador. Também pudera, com todas as carnes nos becos e vielas, elas têm que escorrer para algum lugar. Por aqui não existe urubu, não se tem meio de sobrevivência, o sol faz o favor de dissecar todos os tecidos estendidos no chão, antes que eles cheguem.

O ritmo da descida diminui à medida que se chega ao fim do encanamento com saída para um quarto escuro e abafado. Observo a grade de ferro que direciona o pouco da luz que ilumina um caixão deteriorado e sujo. Percebo que estou dentro de um túmulo e empurro a grade para poder sair. Os túmulos de Santa Rosa, na cidade de Lima, no Peru, são pequenas caixas de fósforo que lutam por espaço com seres vivos e seres mortos. Há grandes muros com quadrados de azulejos coloridos, cada quadrado contém os restos de alguém, talvez sejam as carnes estendidas no chão da viela onde eu moro. Por aqui as casas são túmulos e os túmulos são casas, não há diferença. Nesse lugar, a vida após a morte faz tanto sentido quanto um vaso de flores amarelas que eu esbarro sem querer quando tento pular o túmulo de

uma senhora. Por essas terras, há casas para descanso e casas à procura de descanso. Pedras que se misturam com pedaços de ferro e azulejo, que se transformam em casas, que cobrem pessoas, que seguram bebês, que mamam em seios de gesso. Os pequenos peruanos sabem que não podem habitar por muito tempo o lombo da mãe. Logo terão que descer e enfrentar outros seres perdidos. As casas são portais mágicos onde se pode sentir o gostinho da morte. Os seres vivos andam, dormem, comem, defecam, choram, gargalham, conversam - e tudo a que têm direito - com os seres mortos. Eles dividem o espaço que, por lei, não pertence a nenhum deles.

Eu corro por entre os corredores estreitos e curtos cheios de olhares curiosos. É difícil diferenciar as janelas e as lápides. Os grandes muros vão se apertando à medida que eu corro entre eles. As fotos dos seres mortos me olham com piedade e simpatia. Juntos, tentam me esconder o máximo possível para que ele não me encontre. As lápides soltam rangidos e mudam de cor enquanto conversam.

LAPIDE 1 *¿Ahora, que hacemos nosotros? (E agora, o que faremos?)*

LAPIDE 3 *¿Cómo así, que hacemos nosotros? Nada hay que podemos hacer. (Como assim, o que faremos? Não há nada que possamos fazer).*

LAPIDE 2 *Lo está en peligro, tenemos que ayudar. (Ele está em perigo, temos que ajudar).*

LAPIDE 3 *Mucho hemos hecho nosotros mientras cuerpo en vida, si los vivos nada hacen para ayudar, no seremos nosotros que iremos hacer. (Muito fizemos enquanto corpo em vida, se os vivos não fazem nada, não somos nós que iremos fazer).*

LAPIDE 4 *Los seres vivos están muertos mi señora, somos más vivos que ellos.* (Os seres vivos estão mortos, minha senhora, somos mais vivos que eles).

LAPIDE 3 *¡Mira quién viene a hablar! Pepe Borracho, que si emborrachaba en el bar de la esquina.* (Olha quem fala! Zé Pinguço, que enchia a cara no bar da esquina).

LAPIDE 5 *Personas, nosotros tenemos que ayudar.* (Pessoal, temos que ajudar).

LAPIDE 3 *Se quieren ayudar, ayuden. Yo no voy mover incluso un grano de ceniza para acoger a la gente intrusa.* (Se querem ajudar ajudem. Eu não vou mover um único grão de cinza para acolher gente intrusa).

LAPIDE 1 *Esta murió ahogada en la angustia, estaba atascada en deudas, debía al alma. ¡Pobretea!* (Essa morreu afogada na angustia, estava atolada em dívidas, devia a alma. Pobrezinha!).

LAPIDE 3 *¿Que dijiste tú?* (O que você disse?).

LAPIDE 2 *Mientras viva era yo, vi a morir mi hijo en mis brazos. Ni por eso deje se convertir en piedra mi corazón.* (Quando era viva, vi meu filho morrer em meus braços. Nem por isso deixei o meu coração virar pedra).

LAPIDE 4 *¿Será alguien tiene alguna garrafa salva en el lado del lado, o nadie ha recordado de pedir a su familia?* (Será que alguém tem uma garrafa guardada aí do lado ou ninguém lembrou de pedir à família?).

LAPIDE 1 *¡Arre, Pepe Borracho! Escuché que el dono del bar viene para recoger su cenizas e dar de comida a su perro. Ello está furibundo por el señor ha viajado debiendo más de media vida.*

(Ô, Zé Pinguço, ouvi dizer que o dono do bar está vindo para pegar as suas cinzas e dar pro cachorro comer. Ele está furioso porque o senhor viajou devendo mais de meia vida).

LAPIDE 5 *¿Podemos volver a o asunto? Ello tiene miedo.* (Podemos voltar ao assunto? Ele está com medo).

LAPIDE 2 *Yo también tendría miedo se estuviera corriendo con un riñón que balancea.* (Eu também teria medo se estivesse correndo com um rim que balança).

LAPIDE 3 *Eso es su problema. Nada tenemos con eso. ¿Lo que piensan que somos nosotros, sus abogados? Yo soy una señora de setenta e tres años de edad. Setenta años con vida e tres años sin vida. He enfriado hace poco. ¿Quieren ya que yo vuelva a la trabajar?* (Isso é problema dele. Não temos nada com isso. O que pensam que somos, seus advogados? Eu sou uma senhora de setenta e três anos de idade. Setenta anos com vida e três anos sem vida. Esfriei faz pouco tempo. Querem que eu já volte a trabalhar?).

LAPIDE 5 *¿Ello necesita alguna ayuda!* (Ele precisa de ajuda!).

LAPIDE 1 *¿Ándale, ándale! Abran espacio para que pueda entrar.* (Vamos, vamos! Abram espaço para ele entrar).

LAPIDE 4 *Yo ayudo si alguien me trae una bebida después.* (Eu ajudo se alguém me trazer uma bebida depois).

LAPIDE 3 *Si no para de me fastidiar a mí, juro que encontraré una manera de bailar con el viento, llegar a su lápida sepulcral e atascar su corriente de aire.* (Se você não parar de me encher o saco, juro que encontrarei uma maneira de dançar com o vento, chegar à sua lápide e tapar a entrada de ar).

LAPIDE 5 *¡Gente, por favor, escucha me, necesitamos abrir espacio para que ello pueda entrar. Abajo a mi lápida sepulcral hay un camino que puede llevar a ello para dentro de mi vieja casa.* (Gente, por favor, me escutem, precisamos abrir espaço para que ele possa entrar. Embaixo da minha lápide há um caminho que pode leva-lo para dentro da minha velha casa).

LAPIDE 1 *¡Si, si! Debemos abrir espacio. ¡Siento me tan útil!* (Sim, sim! Devemos abrir espaço. Sinto-me tão útil).

LAPIDE 3: *¿Ustedes están volviendo locos? Después, no digan que no los dice yo.* (Vocês estão ficando loucos, depois não digam que eu não avisei).

LAPIDE 4 *¡Porque no queda a su queja e ayuda a nosotros?* (Por que não para de reclamar e nos ajuda?).

LAPIDE 3 *¿E porque pide a nosotros que juguemos en sus cenizas un barril de cachaza?* (E por que pede que joguemos cachaça nas suas cinzas?).

LAPIDE 2 *¡Expedición, gente, por favor, expedición!* (Encaminhamento, gente, por favor, encaminhamento!).

LAPIDE 5 *¡Vámonos, Pepe, va un poquito más a derecha. Tu señorita, que perdiste a tu hijo, abra espacio a la izquierda e los otros van para cima.* (Vamos, Zé, vá um pouco mais à direita. A senhorita, que perdeu o filho, abra espaço à esquerda e os outros vão para cima).

LAPIDE 1 *¡Vámonos, vámonos!* (Vamos, vamos!).

LAPIDE 3 *¡Ay, no me empuje!* (Aí, não me empurre!).

LAPIDE 5 *Un poquito más. Vamos a conseguir.* (Um pouquinho mais, vamos conseguir).

LAPIDE 3 *Voy a ser obligada a ceder, se no yo me convertiré a mí misma en escombros. ¡Infierno! ¡Infierno!* (Vou ser obrigada a ceder, senão viro entulho. Inferno! Inferno!).

LAPIDE 2 *¡Santa Madre de Dios, este lugar es apretado! Si no pasa logo este chico, podemos nos convertir en una misma lapida sepulcral.* (Nossa Senhora, que lugar apertado! Se ese garoto não passa logo, é capaz de a gente virar uma só lápide).

LAPIDE 1 *¡Pasa chico, pasa!* (Passa garoto, passa!).

LAPIDE 5 *¡Dígale a ello que siento nostalgia!* (Diga a ele que sinto saudade!)

LAPIDE 4 *No si olvide del pan...* (Não se esqueça do pão).

As lápides abrem caminho e entro no espaço escuro e pequeno onde só consigo ver uma mesa com uma vela em cima. Aos poucos a vela vai iluminando um armário vazio, uma cama desarrumada e um filtro de barro. Na cama há um senhor cabisbaixo sussurrando algo. Ele segura um retrato com as duas mãos, olha para mim e se levanta. Cabelos brancos, roupas surradas. Em seu olhar, o brilho mais aguado que eu já vi na vida. Ele sorri para mim e balança a cabeça em aprovação, apertando a foto contra o seu peito. Depois me mostra o retrato velho e sujo de uma moça linda sorrindo atrás de um ramo de flores. Eu olho a foto por um tempo e percebo que a moça é uma das senhoras das lápides, que ofereceu sua antiga casa como refúgio. O velho beija o retrato, coloca em cima da mesa, pega uma xícara

com um pouco de café requentado e pousa em minha frente. Eu bebo o café e sinto o cheiro do pó marrom que minha mãe está fazendo em casa. Eu abro minha sacola e percebo que perdi mais um pão. Fecho os olhos para sentir o silêncio que se instaura no quarto, o silêncio que reina por toda cidade. Por aqui, moradia é sinônimo de bem-estar. Nada importa viver ao lado daqueles que já viajaram, a troca de experiência é o alimento para que a bombeamento de uma cidade-corpo se estabeleça. O velho segue sussurrando e olhando para foto enquanto eu bebo o café. O caldo preto e sem açúcar desce pela minha garganta, passando entre os vãos abertos em meu corpo, até sair por um buraco abaixo do meu umbigo. Tomo outro gole de café e o líquido continua saindo pelo buraco. Pego um pedaço do punhado de céu que está dentro da sacola e tampo o buraco, impedindo que o café escorra e manche todo o chão. O pedaço de céu me faz sonhar de olhos abertos feito um pássaro que toma liberdade. Vejo uma porta bem pequena entreaberta ao lado da cama. O senhor me olha com um sorriso tímido no canto da boca e abre a pequena porta que emana um raio muito forte de luz. Eu vou até a porta, me abaixo e tento colocar a cabeça para fora. As nuvens me puxam e me tomam por completo. Marco minhas digitais sujas e pretas nas leves e brancas nuvens. O velho me observa. Agachado dentro do quarto, ele acena e fecha a porta. Nesse momento, eu sou a pena preta da galinha que foi usurpada aos poucos. Eu sou aquilo que não se vê e o que se perde. Eu sou a bola de futebol que vai parar em cima do telhado. Quem sabe amanhã eu possa acordar e voar tranquilo sem saber para onde ir. O vento passa pelos meus buracos e o sangue vai secando aos poucos, feito a barra da blusa da minha mãe. Sei que o café em casa está pronto e, na sacola, eu tenho três pães, um pouco de terra, um punhado de céu e um rim.

4. PONTO POR PONTO

Eu corro. Corro mais. Corro mais ainda. Corro mais rápido. Corro passando por cima das minhas pernas. Corro tentando encontrar um refúgio. Corro porque é a única opção que eu tenho nesse primeiro dia do ano que eu não sei se é o último. Corro porque o café está me esperando. Corro porque em casa tem álcool e algodão e sei que minha mãe vai sarar esses buracos. Corro porque as minhas asas já não funcionam mais. Corro porque a boca do mundo tenta me engolir à medida que eu digo: NÃO! Corro porque tenho que costurar meu rim ainda hoje. Corro porque ele está atrás de mim e está atirando na minha direção. Corro porque eu sou preto. Corro porque as balas perdidas correm mais rápido que eu. Corro porque o dedo no gatilho se mexe mais do que os meus pés. Corro porque acabei de levar um tiro. Corro porque acabei de levar outro tiro. Corro porque é mais um tiro. Corro e mais tiro. Mais tiro. Mais tiro. Mais tiro! Corro porque, até aqui, eu já levei a minha idade de tiros.

12

Em casa o Roberto Carlos se calou e o silêncio tomou conta. Nesse momento, minha mãe está sentada na mesa pintando as unhas com esmalte vermelho, acetona e algodão. Ela diz que as unhas são como os cabelos, é preciso cuidar sempre. Ela pouso o vidro de esmalte na mesa e vai até o portão para ver se eu estou chegando. Ela olha a rua completamente vazia, levanta e sobranceira esquerda, leva as mãos ao peito e suspira lentamente com um olhar preocupado. Entra em casa e percebe que o café já está morno, a garrafa térmica não é das melhores. Ela volta para a mesa, pega o esmalte, tira o pincel, remove o excesso de tinta na borda do vidro e passa nas unhas. A tinta escorre nos meus braços tampando os buracos mais fundos, eles são os mais prejudicados. Dos doze tiros, seis entraram feito flecha. Ela passa o esmalte nas unhas pincelando os meus buracos devagar para que a tinta não escorra. A camada é fina e vai se desmanchar em pouco tempo. Minha mãe sabe que dessa vez as unhas não irão ficar tão bonitas quanto das outras vezes. A essa altura é possível sentir o cheiro do esmalte, da acetona, do pó das botas dele e do sangue. Os buracos dos meus braços agora estão levemente encapados com a esperança vermelha de minha mãe. O vidro de esmalte já está quase no fim e o meu corpo também.

Eu corro ao lado de um córrego sujo, ao fundo tem um muro pichado tapando o horizonte e o pôr do sol. Não se tem saída para o outro lado. Os poucos raios de sol atrás do muro iluminam as pegadas pretas nas nuvens em que eu corri. Ele continua correndo atrás de mim e sinto que o tempo está se esgotando. Eu jogo minha sacola do outro lado do muro e mergulho no córrego feito um peixe de patas ligeiras fugindo das redes cheias de queijo. Nada dá para ver dentro do córrego, tudo está embaçado e as minhas barbatanas têm dificuldade para desviar das garrafas pet, sacolas, sofás, geladeiras e corpos em decomposição. Eu nado sentindo as quinas das coisas baterem em meus pés e o barulho dos tiros na água suja.

Nado até a superfície do córrego e encontro outro corpo parado me olhando de cima para baixo. É uma menina. O tom de pele é igual ao meu. Ela usa um vestido rosa muito sujo, está descalça e com os cabelos amarrados em duas partes. Parece que tem a mesma idade que eu, bebe o mesmo café, tem a mesma mãe, segura a mesma sacola e parece estar cansada tão quanto eu. Ela me ajuda a sair do córrego e me olha por um tempo, um olhar curioso de quem nunca viu um menino molhado cheio de buracos pelo corpo. Ela me entrega a sacola, olha nos meus olhos e sorri. Ao redor tem uma grande quantidade de casas construídas com barro, madeira e folhas de bananeira. Corredores rasgam a pequena cidade de Sité Soleil que se expande nas águas sujas e o afeto descartável daqueles que saem e não voltam. As crianças da cidade correm descalças pelo barro batido feito de sangue e miséria. Parece até o meu bairro em época de chuva. Mas aqui não precisa de água para poder resistir, aliás, é a falta dela que faz que as mulheres e crianças saiam todos os dias com galões na cabeça à procura de gotas para beber, fazer comida, lavar as roupas e hidratar os peixes ligeiros que vivem nos córregos da cidade. Por aqui, o lixo é comum feito os fios emaranhados nos postes do meu bairro.

Ela segue sorrindo para mim e eu fico sem jeito e sem ter o que falar. Uma mulher com um vestido marrom e um lenço na cabeça aparece na porta de uma das casas, olha para mim com curiosidade e diz:

MULHER *Pitit fi vini andedan!* (Filha vem para dentro!).

MENINA *Gade ki moun mwen te jwenn, manman. Li sanble ke li te pèdi.* (Olha quem eu encontrei mãe. Ele parece estar perdido).

MULHER *Kouman pou sa? Ki moun ki ti gason sa a?* (Como assim? Quem é esse menino?).

MENINA *Mwen pa konnen, li te kite rivyè a. Mwen pa konnen ki kote li te soti nan oswa kote li paral.* (Eu não sei, saí de dentro do rio. Não sei de onde veio nem para onde vai)

MULHER *Vini non pitit fi. Ou bezwen ale jwenn dlo pou mwen.* (Venha cá, filha. Você precisa buscar um pouco de água para mim).

A menina pega em minha mão e me leva para dentro de sua casa. A mulher me olha com curiosidade e simpatia, me oferece um banco de madeira para sentar, pega um galão azul e entrega a menina que sai e fecha a porta. A casa só tem um cômodo, que abriga toda a família, duas redes, uma cama, um armário com restos de comida, um colchão amarrado e uma trouxa de roupas. Na parede tem um quadro escrito "Mwen renmen ou Ayiti" (Eu te amo, Haiti). A mulher observa os meus furos e suspira com pesar.

MULHER *Ki moun ki te fè sa aou ti gason?* (Quem fez isso com você, menino?).

EU Desculpa, mas eu não entendo a sua língua.

MULHER E por que não disse antes? Desculpe, me chamo Yaritza.

EU Eu me chamo... mas como consegue entender o que falo?

MULHER Meu marido mora no Brasil, ele me manda algumas cartas em crioulo e em português. Não sei ainda muito bem todas as palavras, mas aos poucos eu vou aprendendo.

EU Onde ele mora?

MULHER Acho que se chama... Guaianazes.

EU É o bairro onde eu moro. Saí de lá essa manhã e não sei se volto.

MULHER Porque, está perdido? Por aqui não tem esse luxo de ir e voltar, ou a gente fica e aguenta o tranco ou vai e não volta. Eu logo mais estou indo para o Brasil, meu marido diz que as coisas por lá também estão ruins, mas pior que aqui no Haiti não deve ser.

EU Estou fugindo de um policial que quer me matar. Já me acertou na barriga, nos braços e nas costas. Os meus buracos estão muito grandes e corro o risco de perder mais órgãos...

Eu sinto alguma coisa escorrer em meu corpo, é um dos meus pulmões. Ele sai pelo buraco da minha costela, escorrega pela minha barriga e pousa em minha coxa, eu o pego e coloco dentro da sacola. A mulher me olha assustada e deixa uma lágrima escorrer em sua pele preta marcada pelo sol. A menina abre a porta da casa, pousa o galão de água e me olha também assustada. A mulher se direciona até uma gaveta, pega uma linha e uma agulha e se senta na cama. Ela prepara a costura. O fio passando no buraco da agulha me faz arrepiar. Ela me deita na cama e começa a costurar alguns dos meus buracos. A agulha passa em minha pele fazendo outros buraquinhos para que mais órgãos não escorram. Nesse momento começa a chover em Sité Soleil e em pouco tempo a água invade o pequeno cômodo. A mulher e a menina sobem em cima da cama para escapar da água infecta. A mulher se equilibra com a agulha na mão costurando a minha pele, tentando prender os buracos abertos. A água começa a subir, o cheiro entra

correndo pelo nariz. Ela dá o último ponto e me coloca na rede. Minha visão vai ficando embaçada e adormeço em meio a água batendo na parte de baixo da rede. Com uma vassoura na mão e a coragem no peito, a menina joga a água para fora da casa à medida que a chuva vai baixando. Os pés dos móveis estão molhados e sujos de lama. A casa se torna a proteção mal-acabada de uma terra-lama sem nome e endereço.

MENINA *Manman, ki kote braslè ou a?* (Mãe, cadê o seu relógio de pulso?)

MULHER *O Bondye mwen!* (Ai meu deus!)

O relógio apita dentro da minha barriga. É hora de acordar e continuar correndo.

**5.
O
VENTO
SABE
ESPANTAR
O QUE
NÃO LHE
AGRADA**

O tempo que corre junto comigo me abraça pelas costas e, pelo meu cangote, acompanha a visão de quem não o vê por perto, não sente seu cheiro, não dança, não sorri, não chora, não economiza, não se estende, não se desespera, não organiza, não perde, não ganha, não come, não vomita o espaço que ele tem. Nesse momento, ele é a amпуlheta e a espingarda do caçador. Ele gruda em minha pele feito carrapato e faz questão de me avisar que está se esgotando junto comigo, vibrando e apitando ao lado do meu fígado, que dorme sem saber o que está acontecendo. Eu corro à medida que o apito do relógio vai ficando cada vez mais forte. Com a mão firme na sacola que carrega pães, terra, rim, céu e pulmão, eu vou escorregando da rede esperançosa da costureira e caio nas nuvens, onde os sonhos ficam presos até que alguém os capture. Há muitos sonhos perdidos e outros entediados a procura de melhores ideias. Eu avisto meu sonho preso num punhado de nuvem, chego perto e tento pegá-lo. O sonho desaparece e reaparece atrás de mim feito mágica. Eu tento tocá-lo novamente e mais uma vez ele não me abraça, foge de mim como zebras fogem do leopardo, desaparece e aparece alguns metros à frente. Eu tento pegá-lo mais algumas vezes sem sucesso. Desisto e fico admirando de longe sua estadia no campo de concentração branco e aparentemente macio.

Andando nas nuvens, percebo que a cidade daqui de cima é brinquedo para aqueles que tem permissão para brincar. Quase que consigo tocar os prédios, as torres, as poucas árvores, os soldados vestidos de cinza carregando blocos e cimentos para lá e para cá, os carrinhos, as motocicletas, os rios pretos e os bonequinhos perdidos. As nuvens não são as mesmas dos sonhos guardados em minha cama, estes que, a essa altura já, devem estar murchos e sem vida. As nuvens não são tão macias, os sonhos vazios as deixam mais firmes e carregadas. Elas margeiam a cidade com linhas

verticais. Os bonequinhos perdidos lá embaixo deixam os sonhos abandonados no bolso do casaco, dentro do sapato, entre os travesseiros, no meio da carteira de trabalho, no banco preferencial, pendurado na janela do ônibus, no ovo mexido da marmitta e nos olhos cansados dentro de carros que andam sobre os trilhos. Como balões desordenados, eles sobem para as nuvens e esperam o dia da chuva de meteoros “acanelados” que assinarão contratos de morte aos bonecos perdidos.

Daqui de cima é possível sentir o cheiro da poeira que o trem levanta quando passa pelos trilhos rasgando a cidade de Nairobi em duas partes. Os trens que passam pelos trilhos carregam as cores dos pichos que vão se desbotando com o tempo, as cores dão lugar à outras cores. Eu ando nas nuvens tentando encontrar uma brecha de algum sonho perdido para poder descer. Encontro um balão amarelo preso num pedaço de nuvem, arranco com força e desço pelo buraco que se abre. Vou descendo devagar segurando o balão com a mão direita e a sacola com a mão esquerda. Observo os pássaros magros e deprimidos que voam ao meu lado. Eles me rodeiam com as asas abertas e o bico ereto. Rasgam as nuvens num piscar de olhos e descem de vez em quando para descansar e procurar as penas perdidas. O balão que me sustenta vai descendo devagar na direção de um trem que percorre os trilhos. Eu pouso meus dois pés cansados na lataria do trem, seguro uma barra de ferro e me sento em cima do tampo de um dos vagões. É possível ver os telhados das casas encapados com lona desgastada e folhas de bananeira. Eu solto o balão que voa pelo céu e que só agora me apresenta sua legenda: “*Kenya ni katika moyo wangu*” (Quênia está no meu coração). O trem segue colorindo as casas cinzas e encapadas que margeiam os trilhos enferrujados e cheios de terra. As cores vão se espalhando pela cidade à medida que o trem corre tentando

alcançar o horizonte. Elas se desgrudam do trem e se espalham nas casas como uma grande manta de retalhos. As ferragens descascadas do trem vão aparecendo e o horizonte vai ficando cada vez mais longe. Eu me seguro na barra de ferro sentindo o vento passar pelos meus buracos, que só agora percebo: estão novamente destampados. A camada de esmalte vermelho se desfaz, voa e colore o poste de luz de uma estação ferroviária antiga e abandonada. Por aqui, tudo parece estar esquecido. Não fossem as cores do trem, a cidade se afundaria na terra.

Eu tento me equilibrar em cima de um dos vagões firmando os meus pés numa chapa de ferro antiderrapante. O vento que bate na sacola é muito forte e quase que a perco. Eu abro os braços com cuidado ainda tentando me equilibrar. O vento passa na velocidade da luz pelos meus buracos, entrando sem cor nenhuma e saindo pelas minhas costas com o absoluto vermelho do meu sangue, que vai-se embora junto com o meu sonho, que ficou lá atrás. Nesse momento eu sou uma máquina retinta humana pronta para pintar de vermelho todos os horizontes que já se passaram. Os poucos pássaros magros que voam por perto dançam em meio ao vento misturado com sangue. Eles se tingem de vermelho e ganham o céu. Tentam capturar os sonhos que sobem para as nuvens. Continuo com os braços abertos, o vento passa cada vez mais forte. Ouço o barulho de pegadas pisando com força nas ferragens do trem e não tenho dúvida de quem seja. Ele atira em minha direção. O primeiro tiro acerta a lataria do trem, o segundo tiro acerta a sacola, de onde despenca mais um pão, o terceiro tiro me acerta no ombro, o quarto, na minha mão esquerda e o quinto passa por cima de mim, rente a minha cabeça. Corro em cima do trem com toda a força que me resta, pulando os vãos entre um vagão e outro. Ele continua atirando e pisando firme na lataria do trem. O relógio apita mais uma vez e minha barriga vibra acordando os

outros órgãos. Ele me acerta no tornozelo, o sangue começa a jorrar, tropeço em um vão aberto em cima do trem e caio em um dos vagões. Meu corpo bate no chão do vagão feito saco de cimento em rua de barro. Permaneço no chão até conseguir levantar e olhar todo o vagão vazio e pichado. Os bancos são verdes e as janelas quebradas, restam poucos vidros inteiros. Olho para trás e visualizo toda a extensão desse trem que parece ser cada vez menor. O relógio apita novamente e mais uma vez minha barriga vibra. Olho para a sacola e percebo que, a essa altura, já não me resta mais nenhum pão. O relógio continua apitando e sei que o tempo está se esgotando. O pão que minha mãe espera é a dúvida do retorno de alguém que só foi à padaria. Eu olho para o meu corpo e conto os meus buracos.

15

Eu ando mancando pelo vagão observando a paisagem pelas janelas. As casas bem perto da linha do trem são as primeiras a receber a revoada de tinta que sai dos vagões. O rangido das ferragens se mistura com o assvio do vento forte e o estalo dos galhos das árvores que encostam no trem.

Continuo atravessando os vagões vazios e estreitos. Paro e observo a imagem mais assustadora que vi desde que saí de casa: num dos vagões há vários meninos pretos. Muitos estão em pé, outros sentados e deitados. Eles seguram bolsas, sacolas, mantas, redes, mochilas e cestas. Eles me olham assustados e ofegantes, todos eles têm buracos pelo corpo. Eu paro e os observo bem detalhadamente, alguns têm buracos um pouco maiores do que os meus, outros estão com buracos concentrados em uma parte do corpo. Alguns adormecem nos bancos sentindo o vento bater no rosto, outros permanecem de pé olhando para as janelas. O vento que rasga o horizonte espanta o picumã nos cantos das janelas, nos vãos dos bancos, nos galhos das árvores e nas barras de ferro. O vento é inimigo do picumã quando o alvo cria pernas e foge. O vento é inimigo do picumã quando os carros com rodas cheias de sangue capturam sonhos nas ruas. O vento é inimigo do picumã quando ratoeiras são colocadas nas portas das escolas, nos portões das casas, nas vielas escuras, no supermercado, nos bancos, no trem e nas padarias.

Nesse momento, meu inimigo é o vento que entra rasgando vagão adentro, atirando para tudo quanto é lado, sem se preocupar com a quantidade de buracos que vão se abrir. Vento esse que avança com um só objetivo: exercitar o dedo indicador direito apertando o gatilho em direção a sonhos que nem sequer se desenvolveram, sonhos recém-nascidos que, depois de baleados, sobem para as nuvens à procura de novos corpos. O vento que agora atira em minha direção é o chicote remendado que dança nas minhas costas.

6. O ENCONTRO DAS ORIGENS

Dentro do vagão, os meninos correm em direção contrária, enquanto os tiros fazem a festa perfurando os tecidos, vidros e sonhos. Eu me abaixo e tento me esconder em um dos bancos descascados. Os meninos pretos continuam correndo, tentando desviar das balas e pular do trem em movimento pelas janelas. Ele segue atirando como quem joga pedra no rio, mas aqui, a realidade sólida abre espaço para que a bala não mergulhe e fique escondida, ela desacelera na lataria, nas barras de ferro e nos corpos dos meninos pretos provocando mais um dos tantos buracos. Os meninos vão caindo no chão feito pássaro baleado em fazenda, um por um. Embaixo do banco, eu permaneço de braços sentindo o relógio apitar e pular dentro da minha barriga. O tempo está se esgotando e tudo diz que dessa vez não vai ter prorrogação. Ele continua atirando e a revoada de asas sangrentas dos meninos pretos diminui.

O PRIMEIRO TIRO ACERTOU A ESPERANÇA DE UM HAITIANO.

O SEGUNDO TIRO PERFUROU A FORÇA DE UM CUBANO.

O TERCEIRO TIRO ENTROU NA COSTELA DE UM ETÍOPE.

O QUARTO TIRO DECEPOU A ORELHA DE UM LIBERIANO.

**O QUINTO TIRO ENCONTROU O OMBRO DE
UM MOÇAMBICANO.**

O SEXTO TIRO ACERTOU A CORAGEM DE UM JAMAICANO.

O SÉTIMO TIRO PERFUROU O RIM DE UM NIGERIANO.
O OITAVO TIRO RASGOU A SAUDADE DE UM GANÊS.
O NONO TIRO DESTRUIU A CHANCE DE UM ANGOLANO.
O DÉCIMO TIRO ME ACERTA NO PEITO E ABRE MAIS UM
DOS TANTOS BURACOS EM MEU CORPO.

16

O trem diminui a velocidade e as portas vão se abrindo. Os meninos permanecem no vagão tentando recolher o pouco de força que lhes resta. Eu me levanto com todo o esforço, saio do vagão e continuo correndo. Eu preciso chegar em casa, eu preciso acordar amanhã cedo, eu preciso correr mais rápido que o relógio. Passarinho que sonha e leva tiro, sabe o coração que tem. Eu saio do vagão e piso no asfalto da minha rua ainda vazia, todas as janelas estão fechadas e o sol rasga o céu numa temperatura que dói nos órgãos. Eu corro na direção da minha casa sem olhar para trás, mas sei que ele ainda me persegue.

Minha mãe está em pé em frente à pia escolhendo feijão. Ela coloca um punhado de grãos de um lado e vai passando pouco a pouco para o outro lado. Tira os grãos amassados e queimados. Pequenas pedras se misturam no meio deles, é preciso tirar. Em cima do fogão há uma panela de pressão, um bule e um fósforo. A água que ferve na panela de pressão borbulha jatos de vento jorrando fumaça pela cozinha inteira. A máquina de lavar trabalha sem descanso no quintal. Soa o tec trec em potência não tão máxima assim para lavar o pouco de dignidade que nos resta. Minha mãe suspira escolhendo o feijão. Olha para janela de dez em dez segundos. Ela olha o céu, coloca a mão no peito e respira fundo. Termina de escolher o feijão, coloca na panela, fecha e deixa a incerteza cozinhar em fogo alto. As nuvens do céu vão desaparecendo e junto com elas os sonhos perdidos. Por aqui, não se tem certeza de nada. Cada dia é um dia e cada tiro é um tiro. O feijão borbulha, borbulha, borbulha... a panela apita e o relógio dentro de mim também. O som dos apitos ecoa por todo o bairro, que abre as janelas para ver o que se passa. A panela apita. O relógio apita. O feijão borbulha. O meu corpo vibra. O fogo alto do fogão dança embaixo da panela e o sol em minha cabeça. O pino que grita voa da tampa e o relógio para de apitar. Os ponteiros se mexem bem devagar em sentido horário. É preciso ter cuidado para que o feijão não passe do ponto. As janelas do bairro agora estão cheias de olhares curiosos vendo o rastro vermelho fixar no asfalto. Alguns cochicham, outros permanecem calados. O rastro de sangue que se estende por toda a rua é o xeque-mate de uma partida de xadrez sem acordos. Minhas asas estão caídas e não alçam voo, os bueiros estão destampados, os fios de eletricidade parecem estar mais altos, o córrego está longe e o refúgio também. O feijão está pronto. O relógio marca meio-dia. O sol corre para o meio do céu e me observa atentamente. Eu preciso chegar em casa e deixar a sacola de órgãos em cima da mesa que, nesse momento, contém um sonho perdido, um pouco de terra, um rim, um punhado de céu e um pulmão.

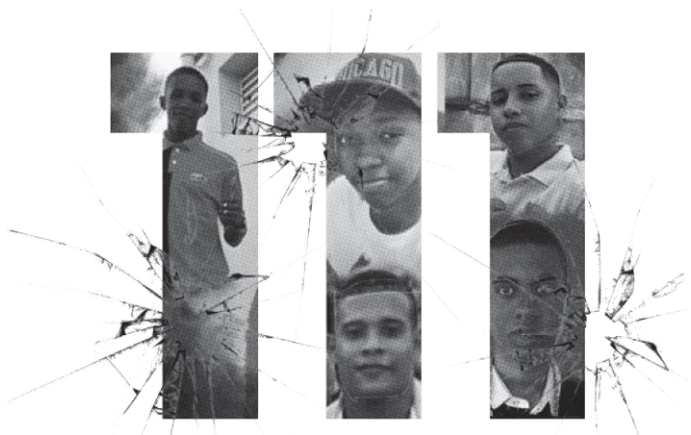
7. **DISRITMIA**

Ele corre atrás de mim como um leopardo corre atrás de sua presa. Um leopardo albino correndo atrás de um búfalo, uma pantera negra, um veado. Estamos a vinte metros de distância, mas é espaço suficiente para me acertar. Atirar várias vezes em minha direção e me matar. Por nossas cabeças, o sol reina queimando. O sangue escorre no asfalto criando raízes nos beirais das calçadas. Meu chinelo arrebenta e sinto o peito do pé esquerdo queimar. Ele me acerta com um tiro nas costas abrindo mais um buraco junto ao buraco no meu peito



Meu coração escorre pelo buraco e pousa em minhas mãos. Ele pulsa nos meus dedos, entrelaçado entre as veias finas e desbotadas. Eu tento recolocar em meu peito, mas a largura do buraco não deixa ele criar raízes dentro de mim. Eu o pego com as duas mãos e continuo correndo. Os olhares curiosos colocam as cabeças para fora das janelas. A imagem de um menino negro correndo com o coração nas mãos é de se guardar na memória e nunca mais esquecer. O coração continua pulsando em minhas mãos e eu tento correr cada

vez mais depressa. O sangue vai tomando conta da rua inteira. Tudo que tem dentro da sacola vai caindo pelo buraco que se abre no fundo. Eu puxo todo o ar do meu corpo e sopro o coração que sai voando, tentando se equilibrar. Ele me alcança e atira várias vezes. Atira! Atira! Atira sem dó nem piedade. Me vira de barriga para cima e mais tiros. Mais, mais, mais, mais, mais tiros! Mais tiros! Mais, mais, mais, mais tiros! Mais tiros! Mais tiros! A cada tiro meu tronco salta do asfalto como se pedisse socorro a Deus. Se isso fosse uma cena de novela e tivesse uma câmara em um helicóptero, seria possível ver de cima minha aura ensanguentada. Mas Deus não quis assim. Deus não assiste TV.



O coração segue voando e bombeando em direção à minha casa. A coragem de rodar o mundo inteiro agora volta ao seu ninho para dizer adeus. Coração que pulsa voa uma última vez antes de morrer. Ele entra pela janela e pousa em cima da mesa. Minha mãe está de costas mexendo o feijão em fogo baixo. O coração continua pulsando em cima da mesa. Minha mãe para, solta a colher de pau e permanece quieta.

O feijão borbulha na panela e o coração pulsa ao lado das flores artificiais.

EU Mãe, antes de você começar a chorar, se desesperar e vir me socorrer, pare e ouça o que tenho para dizer: Meu corpo está lá fora no chão perfurado com todos os buracos do mundo. Infelizmente não deu para trazer o pão. Essa nossa cor preta provoca os 50 tons de bege fortemente armados com seus dentes de sabre afiados, prontos para atacar. Mãe, prepare o velório como pode. Não precisa tirar o dinheiro da aposentadoria para comprar o caixão, peça à prefeitura. Caso não consiga, me enrole na cortina roxa que está na sala e pronto. Na gaveta do quarto tem duas velas pela metade. Tem também uma camiseta que a senhora me deu neste natal. Me vista e me perfume com sua colônia de rosas que eu roubava um pouquinho todos os dias para ir para escola. Não chore mãe, termine de lavar a louça com calma e depois vá me ver lá fora. Certamente estarei empacotado em um saco plástico preto. É bom assim, estou muito feio com todos os meus buracos. Haja lágrima para tapar cada um deles.

Ela se vira em direção ao coração. Suas mãos estão suspensas no ar, próximas aos seios e ao fogão. Os olhos estão marejados e cheio de dor. Parece não acreditar no que está vendo. O coração aos poucos para de pulsar e recolhe as asas. A máquina de lavar ainda soa o *tec trec* no quintal.

0. A UTOPIA

Em algum extremo da cidade, eu me levanto meio capenga em direção ao banheiro. É 1º de janeiro e ainda é possível ouvir o barulho dos fogos de artifício, sirene de viatura e a música "O que pensa que eu sou" da banda Djavú, que tocou 17 vezes na noite anterior. Eu contei. O que não contei foi a quantidade de copos de refrigerante que bebi. Já que ainda não posso beber cerveja, eu acabo caindo na frenética do Dolly. O cheiro da fumaça da churrasqueira permanece em minha roupa. Eu não me dou muito bem com festas. Todas as vezes que o carvão, a caixa de som e os engradados invadem a minha casa, eu me sento no quintal ao lado de minha avó que não suporta música alta. Fico observado minha tia dançar forró com uma cerveja na mão. Meu tio pilotar a churrasqueira com linguiça, asa de frango e carne de segunda. Crianças correndo e estourando bombinha no chão. Outras andando e olhando para os pés, vendo a luz vermelha piscar embaixo da sola dos sapatos novos. O vinagrete na vasilha de vidro azul cheio de moscas e o cachorro roendo o osso deitado no fundo do quintal. No banheiro, eu recapitulo todas as imagens em minha cabeça como num filme de trás para frente. Eu observo o cesto de lixo que está transbordando e imagino que o quintal deve estar muito pior.

Na cozinha, minha mãe está em frente ao fogão passando o café. A pia está cheia de louça. Na mesa, ao lado do vaso de flores artificiais, tem dois reais em moedas. Eu sei que a tarefa de ir à padaria é minha, todo o santo dia. As moedas de dez e cinquenta centavos estão encapadas com durex encardido. O sol que entra pela janela da cozinha ilumina o cabelo de minha mãe que, nesse momento, parece estar vermelho.

MÃE Vai ficar aí parado, é? Vai logo na padaria, menino!

EU Mas é preciso mesmo comprar pão hoje, mãe? Requentar qualquer sobra de ontem e pronto. Aliás, ainda tem Dolly ou já acabou?

MÃE Se você não for comprar esse pão agora eu juro que...

EU Tá bom! Tô indo.

Eu pego as moedas em cima da mesa e saio rumo a padaria. No meio do caminho, eu me lembro que é feriado e sou obrigado a andar cinco quadras para chegar na única padaria aberta. As ruas estão completamente vazias. O sol está forte e elimina todas as possíveis sombras que se pode ter. Coloco as moedas no bolso, elas se mexem provocando um barulho de sino a cada passo. Eu entro na padaria e me deparo com uma fila que eu não esperava. Há apenas um funcionário na padaria. Encosto no vidro do balcão gelado coberto com várias bolhas de água. O contato da minha pele quente com o vidro gelado trás uma sensação interessante. Há uma televisão suspensa na parede, parece ser dessas modernas que não tem botão, nem controle e, se duvidar, nem tomada. Chega a minha vez na fila, pego a sacola de pão e saio da padaria. Sigo até minha casa tentando achar as poucas sombras para me esconder do sol. As ruas ainda estão vazias e o picumã das brasas de churrasco ganha o céu com toda a liberdade do mundo.

Chego em casa e coloco os pães em cima da mesa. O café já está pronto e o cheiro invade a casa inteira. O vento dança com o aroma forte e o som de Roberto Carlos que sai das caixas de som na sala. Pego uma xícara, encho de café e sento para me alimentar do miolo seco e macio. Minha mãe lava o pouco de louça que está na pia, faz movimentos circulares em sentido horário para lavar a panela de pressão. A mão que segura a panela está molhada e a que segura a esponja está cheia de sabão. A barra de sua blusa está úmida devido ao contato com a beira da pia. Os dedos estão enrugados, mas firmes.

Olho para a geladeira e avisto um bilhete, é um lembrete que coloquei semana passada para não esquecer. Tenho que ajudar meu tio na construção de sua casa, na rua de cima. Eu pego a minha mochila, tomo o último gole de café e corro para porta. Minha mãe seca as mãos no pano de parato que está em seus ombros, abre um largo sorriso e me abraça.

EU Tchau, mãe!

**ficha
técnica
+
agrade-
cimentos**



texto :: JHONNY SALABERG
direção :: NARUNA COSTA
elenco :: AILTON BARROS, CLAYTON NASCIMENTO e JHONNY SALABERG
músicos em cena :: ERICA NAVARRO e GIOVANI DI GANZÁ
preparação corporal :: TARINA QUELHO
direção musical :: GIOVANI DI GANZÁ
cenografia e figurino :: ELISEU WEIDE
assistente de cenografia e figurino :: CAROLINA EMIDIO
criação de luz :: DANIELLE MEIRELES
operação de luz :: DANIELLE MEIRELES e THAYS DO VALLE
fotos :: JOÃO LUIZ SILVA e SOSSÔ PARMA
artista gráfico e ilustrações :: MURILO THAVEIRA <casadalapa
assessoria de imprensa :: NOSSA SENHORA DA PAUTA FREDERICO PAULA
assistente de produção :: LUCAS CANDIDO
produção :: NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS BIA FONSECA e IZA MARIE MICELI
realização :: CARÇA DE POÉTICAS NEGRAS, CENTRO CULTURAL SÃO PAULO e NÓS 2 PRODUTORAS ASSOCIADAS

agradecimentos ::

ANA APARECIDA, BETH NÉSPOLI, CLEONICE SANTINA DE LIMA, ELIETY TEIXEIRA, FUNARTE SP, GRUPO CLARIÔ DE TEATRO, ISAMARA CASTILHO, JOSÉ FERNANDO PEIXOTO DE AZEVEDO, LUCIENNE GUEDES FAHRER, MARIA DO CARMO VIEIRA SANTOS DO NASCIMENTO, MARIA JOSÉ BARROS, MARIETA DAMASCENO EDUARDO, MANXS PRETXS DA TURMA 69 DA EAD E DA FORMAÇÃO 19 DA ELT, NÚCLEO DE DRAMATURGIA ELT 2016, OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE, PATRICK CARVALHO, PRISCILA GUEDES, RONNY LEAL, ROSANGELA SALABERG, SOLANGE DIAS, VALDIR RIVABEN, VICENTE QUELHO e AS NOSSAS DIVINDADES QUE TANTO NOS AJUDAM NESTE PROCESSO :: IANSÁ, OXÓSSI E YEMANJÁ.

Prefeitura de São Paulo Bruno Covas
Secretaria de Cultura André Sturm

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Núcleo de Curadoria Cadão Volpato
Supervisão de Ação Cultural Adriane Bertini e equipe Supervisão de Acervo Eduardo Navarro Niero Filho e equipe Supervisão de Bibliotecas Maria Aparecida Reis Ribeiro da Silva e equipe Supervisão de Informação Álvaro Olyntho e equipe Supervisão de Produção Luciana Mantovani e equipe Núcleo de Gestão Everton Alves de Souza e equipe Núcleo de Projetos Kelly Santiago e Walter Tadeu Hardt de Siqueira

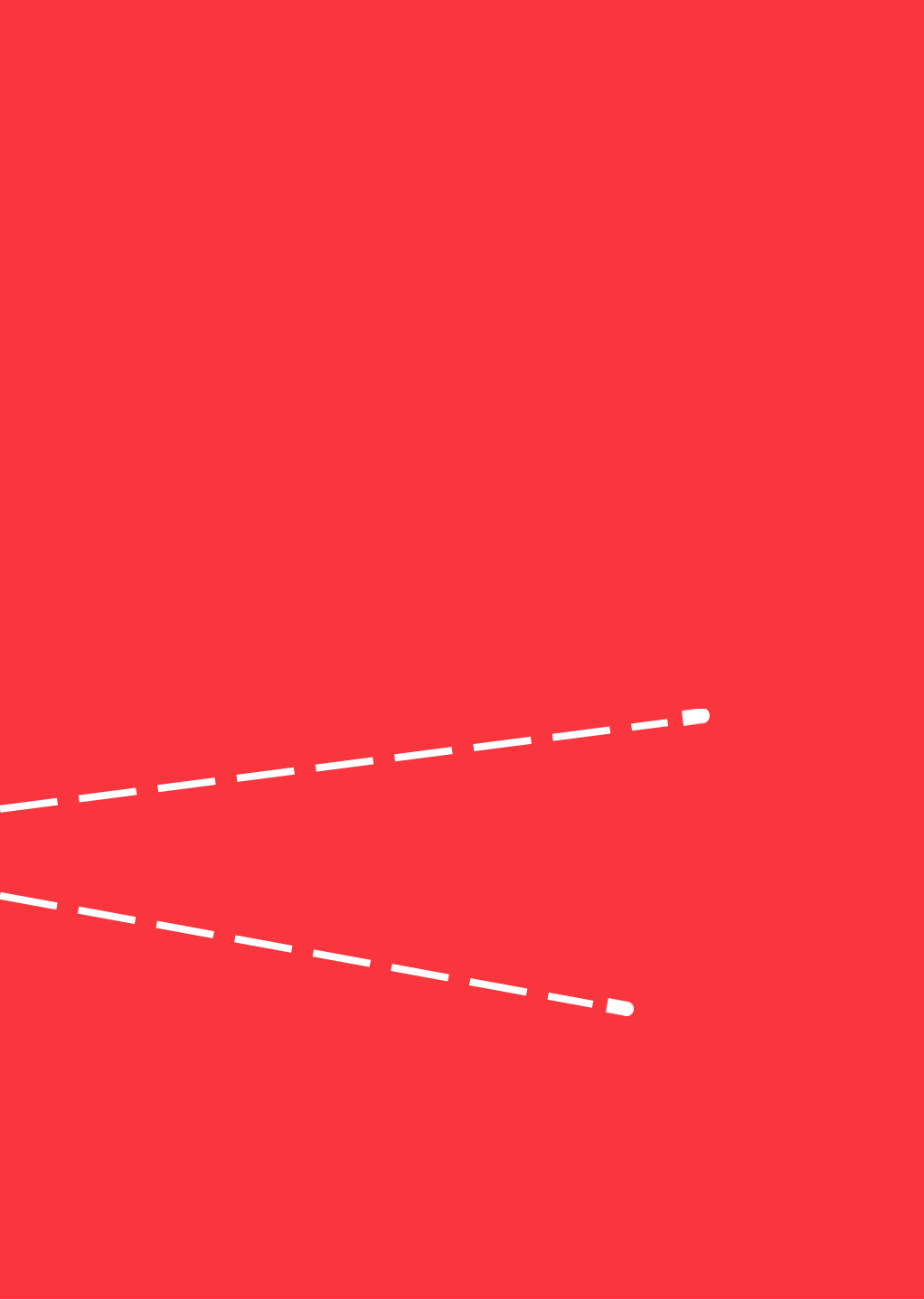
CCSP | Curadoria de Teatro Kil Abreu e Urion Braga Vieira (estagiário)
Comissão de Seleção do edital para a IVª Mostra de dramaturgia: Beth Néspoli,
José Fernando Peixoto de Azevedo, Lucienne Guedes Fahrler
Revisão Ana Aparecida
Impressão Laboratório Gráfico do CCSP

realização



apoio





R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraiso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro
11 3397 4002
ccsp@prefeitura.sp.gov.br



 CCSP
edições

Ânsia

De Sarah Kane

Tradução de Roseli e Laerte Mello (Revisão Paula Lopes – Revisão Final Giana Maria Gandini Gianni de Mello)

C – Você morreu pra mim.

B – Meu testamento diz, Foda com tudo isso e eu vou te perseguir pro resto da porra da tua vida.

C – Ele tá me seguindo.

A – O que você quer?

B – Morrer.

C – Em algum lugar fora da cidade, eu falei pra minha mãe, Você morreu pra mim.

B – Não, não é isso.

C – Se eu pudesse me livrar de você sem te perder.

B – Às vezes isso não é possível.

M – Eu vivo dizendo pra's pessoas que estou grávida. Eles perguntam Como isso aconteceu, o que você tá tomando? Eu digo que bebi uma garrafa de vinho do porto, fumei uns cigarros e trepei com um estranho.

B – Tudo mentira.

C – Ele precisa ter um segredo mas acaba logo contando tudo. Ele acha que nós não sabemos. Acredite, nós sabemos.

M – Uma voz no deserto.

C – Aquele que chega mais tarde.

M – Há uma coisa no caminho.

A – Ainda aqui.

C – Há três verões eu estava de luto. Ninguém morreu mas eu perdi minha mãe.

A – Ela teve ele de volta.

C – Eu acredito em aniversários. Que um estado de espírito pode ser repetido mesmo se o evento que o tenha causado seja insignificante ou tenha sido esquecido. Nesse caso não é um nem outro.

M – Eu envelhecerei e eu vou, ele vai, alguma coisa

B – Eu fumo até ficar enjoado.

A – Preto sobre branco e azul.

C – Quando eu acordei eu pensei minha menstruação deve ter descido ou melhor não deve ter parado já que só terminou três dias atrás.

M – O calor salta de mim.

C – O coração salta de mim.

B – Não sinto nada, nada.
Não sinto nada.

M – É possível?

B – Como?

A – Não sou estuprador.

M – David?

(tempo)

B – Sim.

A – Sou pedófilo.

M – Lembra de mim?

(tempo)

B – Sim.

C – Parece alemão,

A – Fala como espanhol,

C – Fuma como sérvio.

M – Você esqueceu.

C – Todas as coisas para todos os homens.

B – Não acho

M – É.

C – Não consegui esquecer.

M – Procurei você. Por toda a cidade.

B – Não acho mesmo

M – É. É.

A – Acha sim.

M – Sim.

C – Por favor, pare com isso.

M – E agora te achei.

C – Alguém que morreu não está morto.

A – E agora somos amigos.

C – A culpa não foi minha, nunca a culpa foi minha.

M – Tudo que acontece é pra acontecer.

B – Onde você estava?

M – Por aí.

C – Vá.

B – Onde?

C – Agora.

M – Lá.

A – É da natureza do amor desejar um futuro.

C – Se ela tivesse partido –

M – Quero um filho.

B – Não posso te ajudar.

C – Nada disso teria acontecido.

M – O tempo está passando e eu não tenho tempo.

C – Nada disso.

B – Não.

C – Nada.

A – No acostamento de uma estrada saindo da cidade, ou talvez entrando, dependendo de onde você olha, uma garotinha negra está sentada no banco de passageiros de um carro estacionado. Seu velho avô abre o zíper da calça e tira ele pra fora, grande e roxo.

C – Não sinto nada, nada.

Não sinto nada.

A – E quando ela chora, seu pai no banco traseiro diz Desculpe, normalmente ela não é assim.

M – Já não estivemos aqui antes?

A – E apesar de ela não se lembrar ela não consegue esquecer.

C – E vem fugindo daquele momento desde então.

B – Você virá me seduzir? Eu preciso ser seduzido por uma mulher mais velha.

M – Não sou uma mulher mais velha.

B – Mais velha do que eu, não uma mulher velha.

C – Você se apaixonou por alguém que não existe.

A – Tragédia.

B – É mesmo.

M – É, sim.

A – O que você quer?

C – Morrer.

B – Dormir.

M – Não mais.

A – E o motorista do ônibus fica doido, pára o ônibus no meio da estrada, desce, tira sua roupa e caminha pela rua, com sua charmosa bundinha brilhando ao sol.

B – Bebo até enjoar.

C – Todo lugar que vou, eu o vejo. Eu sei o número da placa, eu conheço o carro, será que ele acha que eu não reconheço?

A – Você nunca é tão poderoso como quando você sabe que está sem poder.

B – Eu tremo quando não tenho.

M – Sangrando.

B – Meu cérebro derrete quando tenho.

M – Eu corri através do campo de papoulas nos fundos da fazenda do meu avô. Quando entrei pela porta da cozinha, eu o vi com minha avó em seu no colo. Ele a beijou na boca e acariciou seus seios. Eles viraram e me viram, sorriram por me ver confusa. Quando dez anos depois contei isso para minha mãe, ela me olhou de um modo estranho e disse. “Isso não aconteceu com você. Aconteceu comigo. Meu pai morreu antes de você nascer. Quando isso aconteceu eu estava grávida de você, mas eu só fui saber da gravidez no funeral dele”.

C – Nós passamos essas mensagens.

M – Alguém em algum lugar chama por mim, deseja a minha morte.

B – Meus dedos dentro dela, minha língua na sua boca.

C – Eu queria viver comigo mesma.

A – Sem testemunhas.

M – E se isso não faz sentido então você entendeu perfeitamente.

A – Não é assim que você pensa.

C – Não, não é.

M – Sempre a mesma desculpa de merda.

C – SAI.

A – VOLTA.

Todos – FICA.

C – Não agüento mais isso.

A – Chocado.

B – Chapado.

M – Eu tenho um lado do mal, eu sei. Tenho um lado invejoso que você nunca conhecerá.

B – Tome mais uma, fume outro cigarro.

M – Às vezes o formato da minha cabeça me impressiona. Quando vejo a sombra da minha cabeça refletida em uma janela escura de trem, a paisagem passando através dela. Não que o formato da minha cabeça seja incomum ou ... alarmante... mas realmente... me impressiona.

A – Por que você faz isso?

C – Eu acho isso alarmante.

M – Há tão pouco tempo.

C – Odeio o cheiro da minha própria família.

B – Base 1.

Base 2.

Base 3.

Bingo.

C – Você vai cheirar melhor quando estiver morto do que agora.

A – Uma americana traduziu um romance do espanhol para o inglês. Ela pediu para seu colega espanhol dar uma opinião sobre seu trabalho. A tradução estava muito ruim. Ele se ofereceu para ajudá-la e ela disse que pagaria pelas horas que ele trabalhasse. Ele recusou. Ela se ofereceu para levá-lo para jantar. Isso para ele era aceitável e ele concordou. Mas ela esqueceu. O espanhol ainda está esperando o jantar.

B – Money comes alone.

C – Sozinho.

M – Se o amor chegasse.

B – Não sou eu.

A – Alguma vez já te ocorreu que você está procurando no lugar errado?

M – Agora.

B – Nunca.

C – Não.

B – É muito legal. Você faz um pra mim?

M – É feito de cascas de ovos e concreto.

B – Você faz um pra mim?

M – Concreto, tinta e cascas de ovos.

B – Não perguntei do que é feito, perguntei se você me faria um.

M – Toda vez que como um ovo, colo a casca ali e pinto com spray.

C – Ela vê através das paredes.

B – Você. Faz. Um. Pra. Mim.

C – Outras vidas.

A – A mãe bate em seu filho selvagemmente por ele ter corrido na frente de um carro.

M – Pare de pensar em você como eu, pense em nós.

B – Vamos de uma vez pra / cama.

C – não não não não não não não não não

A – Um desejo sob pressão.

C – Grite feito louco.

M – Não tire suas luvas até sair da última cidade.

B – Você é lésbica?

M – Ah, por favor.

B – Acho que é por isso que você não tem filhos.

A – Por quê?

M – Nunca conheci um homem em quem eu confiasse.

C – Por que o quê?

B – Você confia em mim?

M – Isso não tem nada a ver com você.

C – Por que o quê?

M – Não estou interessada em você.

C – Por que o quê, por que o quê?

M – Não estou interessada em merda nenhuma sobre você.

A – Não bebo. Odeio cigarro. Sou vegetariano. Não saio fazendo besteiras por aí. Nunca sai com putas nunca tive nenhuma doença sexualmente transmissível além de sapinho. Isso faz de mim, uma raridade, um ser único.

B – Olhe.

C – Escute.

B – Olhe. Meu nariz.

M – O que é que tem.

B – O que você acha?

C – Quebrado.

B – Nunca quebrei nenhum osso de meu corpo.

A – Como Cristo.

B – Mas meu pai, sim. Arrebentou o nariz em uma batida de carro quando tinha dezoito anos. E eu sou assim. Geneticamente é impossível, mas fiquei assim. Passamos essas informações mais rápido do que pensamos e de maneiras que não achamos possíveis.

C – Se eu fosse
Se eu
Se eu fosse

M – DEPRESSA POR FAVOR ESTÁ NA HORA

B – E você não acha que uma criança concebida em um estupro sofreria muito?

C – Mas é o que é.

M – Você acha que vou te estuprar?

C – Sim.

A – Não.

B – Sim.

M – Não.

A – Não.

B – Sim.

C – Sim.

M – É possível?

C – Não vejo mais nada de bom em ninguém.

B – Tudo bem, eu era, legal, era, legal legal. Era, legal, duas pessoas, certo?

A – Legal.

B – Um dia desses,

C – Logo logo,

M – Agora.

A – Mas as aparências enganam.

B – Não sou eu.

A – O garotinho tinha uma amiga imaginária. Ele a levou até a praia e eles brincaram no mar. Um homem veio da água e a levou embora. Na manhã seguinte o corpo desfigurado de uma garota foi encontrado na praia.

M – O que é que isso tem a ver?

A – Segurando um punhado de areia.

B – Tudo.

C – O que é que qualquer coisa tem a ver com qualquer coisa?

M – Nada.

A – Exatamente.

B – Isso é o pior de tudo.

M – Nada.

C - Isso é isso mesmo?

É isso?

M – Quanto tempo mais

B – Quantas vezes mais

A – Quanto mais

C – Corrupto ou inepto.

B – Não trago sorte pra ninguém.

A – Sinto muito.

C – Vá embora.

M – Agora.

C – Vá embora.

B – Sinto muito.

C – Vá embora.

A – Desculpe, desculpe, desculpe, desculpe, desculpe, desculpe, desculpe.

C – Do quê?

M – Você já estuprou alguém?

A – Desculpe estou seguindo você.

B – Não.

M – Por que não?

A – Tem coisas piores do que ser gordo e ter cinquenta anos.

M – Por que não?

A – Estar morto e ter trinta.

M – Eu sou o tipo de mulher de quem as pessoas falam Quem *era* aquela mulher?

A – A questão é Onde você mora e onde você quer morar?

M – A ausência repousa entre edifícios à noite.

C – Não morra.

B – Esta cidade, amo essa porra, não moraria em outro lugar, não conseguiria.

M – Onde você a encontra?

C – Onde eu começo?

A – Um japonês apaixonado pela sua namorada virtual.

B – Você até que parece feliz pra quem não está.

M – Onde eu paro?

A – Espadas em turbilhões.

B – Aqui.

C – Procuo por um tempo e lugar livres de coisas que andem de quatro, voem ou piquem.

M – Dentro.

A – Daqui.

M – Tomara que seja ele.

C – Se ela tivesse partido –

M – Não quero ficar velha e fria e não ter dinheiro nem para tingir o cabelo.

C – Você recebe mensagens confusas porque tenho sentimentos confusos.

M – Não quero estar vivendo numa pensão aos sessenta anos, com medo de ligar o aquecedor e não poder pagar a conta.

C – O que me amarra à você é a culpa.

M – Não quero morrer sozinha e só ser encontrada quando meus ossos estiverem limpos e o aluguel vencido.

C – Não quero ficar.

B – Não quero ficar.

C – Quero que você vá.

M – Se o amor chegasse.

A – Deixe acontecer.

C – Não.

M – Está me deixando pra trás.

B – Não.

C – Não.

M – Sim.

B – Não.

A – Sim.

C – Não.

M – Sim.

B – Me deixa ir.

C – Não quero mais ter que comprar presentes de Natal pra você.

B – Só um nome já seria legal.

M – Você é muito ingênuo se acha que ainda tem aqueles tipos de escolha.

B – Minhas costas doem.

C – Minha cabeça dói.

A – Meu coração dói.

M – Você não devia dormir perto do aquecedor.

B – Onde eu devia dormir?

M – Você quer uma massagem?

C – Não me toque.

M – Eu não devia estar fazendo isso.

A – Um toque.

B – Você vai se meter em encrenca?

A – Um ato isolado.

M – Não, eu... não posso me prender.

A – É natural.

B – Ver outro ser humano em perigo.

C – Eu sinto

Só sinto

M – Você me pediu pra te seduzir.

B – Não me amarre.

A – Seja grato.

C – Quando criança eu gostava de fazer xixi no tapete. O tapete apodreceu e eu culpei o cachorro.

M – Sou incapaz de conhecer você.

C – Não queira me conhecer.

M – Completamente indecifrável.

A – Ainda estou aqui.

M – Preciso de um filho.

B – Só isso?

C – É tudo.

M – Isso é tudo.

B – Meni ni iz dzepa, ni u dzep.

C – Mãe.

A – O rei está morto, longa vida ao rei.

B – Se pudesse ser um ato de amor.

C – Não consigo lembrar

B – De quem

C – Não mais

A – Por que você acha que é assim?

C – Minha mente tá vazia.

M – Por que você tá rindo?

C – Alguém morreu.

B – Você acha que eu tô rindo?

M – Por que você tá chorando?

C – Você morreu pra mim.

B – Você acha que eu tô chorando?

C – Vou chorar se você rir.

B – Você podia ser minha mãe.

M – Não sou sua mãe.

A – Querida.

M – agora agora agora agora agora agora agora

C – Eu sou uma complicação desnecessária?

B – Um viciado esporádico.

A – Ninguém além de você.

B – Viciado em doença.

A – Não é você, sou eu.

C – Sou sempre eu.

A – Quero dormir ao seu lado e fazer suas compras e carregar suas sacolas e dizer o quanto eu amo estar com você apesar deles continuarem me obrigando a fazer coisas estúpidas.

M – Não sou eu, é você.

B – Uma porra sem pé nem cabeça.

M – Cartão de ponto.

C – Seis meses de plano.

A – E quero brincar de esconde-esconde e dar minhas roupas para você e dizer que eu gosto dos seus sapatos e sentar nos degraus enquanto você toma banho e massagear seu pescoço e beijar seus pés e segurar a sua mão e sair para jantar e não me importar quando você comer minha comida e encontrar você no Rudy e falar sobre

o dia e digitar suas cartas e carregar suas caixas e rir da sua paranóia e te dar fitas que você não vai ouvir e assistir a belos filmes e assistir a filmes horríveis e reclamar do rádio e tirar fotos de você quando você estiver dormindo e levantar para te levar o café e pãezinhos e geléia e ir ao Florent e tomar café à meia-noite e deixar você roubar meus cigarros e nunca achar os fósforos e contar pra você sobre o programa de TV que eu vi na noite passada e te levar ao oculista e não rir das suas piadas e querer você de manhã mas deixar você dormir mais um pouco e beijar suas costas e acariciar sua pele e dizer quanto eu amo seu cabelo seus olhos seus lábios seu pescoço seus peitos sua bunda sua

e sentar nos degraus e fumar até seu vizinho chegar em casa e sentar nos degraus e fumar até *you* chegar em casa e me preocupar quando você estiver atrasada e me surpreender quando você chegar mais cedo e te dar girassóis e ir à sua festa e dançar até não poder mais e me desculpar quando eu estiver errado e ficar feliz quando você me perdoar e olhar suas fotos e querer ter te conhecido desde que você nasceu e ouvir sua voz no meu ouvido e sentir sua pele na minha pele e ficar assustado quando você estiver zangada e um de seus olhos ficar vermelho e o outro azul e seu cabelo cair para a esquerda e seu rosto parecer oriental e dizer para você que você é linda e te abraçar quando você estiver ansiosa e segurar você quando você se machucar e querer você toda vez que eu te cheirar e te ofender quando te tocar e choramingar quando estiver do seu lado e choramingar quando não estiver e babar nos seus seios e cobrir você de noite e sentir frio quando você tirar meu cobertor e calor quando você não tirar e me derreter quando você sorrir e me acabar por completo quando você gargalhar e não entender por que você acha que estou te rejeitando quando eu não estou te rejeitando e pensar como você pôde achar que alguma vez te rejeitei e pensar em quem você é e te aceitar de

qualquer jeito e te falar sobre o garoto da floresta encantada que atravessou o oceano porque te amava e escrever poemas para você e pensar por que você não acredita em mim e sentir tão profundamente que eu não ache palavras pra expressar esse sentimento e querer te comprar um gatinho do qual eu teria ciúmes porque ele teria mais atenção do que eu e deixar você ficar na cama quando você tiver que ir e chorar como um bebê quando você finalmente for e me livrar das pontas e te comprar presentes que você não queira e levá-los de volta e pedir para você casar comigo e ouvir você dizer não *mais uma vez* mas continuar pedindo porque apesar de você achar que eu não estava falando sério eu sempre falei sério desde a primeira vez que te pedi em casamento e vagar pela cidade achando que ela está vazia sem você e querer o que você quer e achar que estou me perdendo mas saber que estou seguro quando estou com você e te contar o que eu tenho de pior e tentar te dar o que eu tenho de melhor porque você não merece nada menos do que isso e responder suas perguntas quando eu preferir não responder e dizer a você a verdade mesmo quando eu realmente não queira e tentar ser honesto porque eu sei que você prefere assim e achar que está tudo acabado mas agüentar por mais dez minutos antes de você me jogar fora de sua vida e esquecer quem eu sou e tentar ficar mais próximo de

você porque é lindo aprender a te conhecer e vale a pena o esforço e falar mal alemão com você e falar hebraico pior ainda e fazer amor com você às três da manhã e de alguma forma de alguma forma de alguma forma expressar um pouco deste esmagador embaraçoso interminável excessivo insuportável incondicional envolvente enriquecedor-de-coração ampliador-de-mente progressivo infundável amor que eu sinto por você.

C – (Sussurrando até A parar de falar) isso tem que parar isso tem que parar isso tem que parar isso tem que parar isso tem que parar isso tem que parar isso tem que parar isso tem que parar (Depois em volume normal.) isso tem que parar isso tem que parar isso tem que parar

A – Eles não entendem? Tenho coisas importantes pra fazer.

C – Está ficando pior.

A – Estou perdido, fodidamente perdido nessa zona que é a mulher.

B – Ela quer um filho pra ontem.

A – O que eu farei quando você me jogar fora?

C – Escute.

B – Olhe.

C – Escute. Estou aqui pra lembrar. Eu tenho que... lembrar. Eu sinto essa amargura e não sei por quê.

A – Você é sempre tão linda, mas fica ainda mais linda quando goza.

C – Aquela criança violenta aterrorizada paralisada.

A – Quando ela fica com muita muita raiva ela vai tirando a roupa e conforme a raiva vai diminuindo é menos provável que ela me deixe chegar perto dela .

B – Eu tenho um mau mau presságio sobre esse mau mau presságio.

A – Estou tão sozinho, tão fodidamente sozinho.

C – Eu não conseguia

A – Eu não consigo

C – Entender

M – Controle, controle, relaxe e controle.

A – É por essa mulher de olhos desolados que eu morreria.

C – O cabelo dela é branco, mas por alguma razão – talvez porque o cabelo dela seja branco – eu não tenho idéia da idade dela.

M – Paisagens ensolaradas. Paredes pastéis. Suave ar- condicionado.

A – Eu continuo tentando entender mas não consigo.

C – Olho para a grande almofada de lona bege, tento fazer conexão, tento decifrar a mim mesma enroscada em um limpo tecido branco.

A – Quando isso pára?

C – E então na almofada verde, uma meticulosamente inapropriada almofada para representar qualquer parte minha, especialmente as partes que estou mostrando à ela.

M – Você tem dificuldades em relacionamentos com homens?

A – ocupado feliz ocupado feliz ocupado feliz

M – Você *tem* relacionamentos com homens?

B – A única coisa que eu queria dizer eu já disse, e é uma merda de um tédio falar de novo, não interessa o quanto de verdade tem nisso, não interessa que o pensamento seja o único que a humanidade tem.

A – COMO É QUE VOCÊ PODE ME DEIXAR DESSE JEITO?

C – Minha amargura não tem nada a ver com homens. Estou tendo um esgotamento nervoso porque vou morrer.

A – Muito antes de eu ter tido a chance de adorar tudo em você, eu adorei as pequenas partes de você que eu pude ver.

B – A mulher com olhos de dragão.

A – Azul no verde.

C – Tudo azul.

A – Eu não tenho música, Deus do céu como eu queria ter música, mas tudo que tenho são palavras.

B – Du bist die Lieb meines Lebens.

A – Não me desligue.

B – Algo dentro de mim chuta feito um filho da puta.

C – Uma dor chata no meu plexo solar.

B – Uma piada por uma tragada.

M – Você já foi hospitalizado?

A – Dor por associação.

C – Preciso de um milagre para me salvar.

M – Pra quê?

A – Insanidade.

C – Anorexia. Bulimia.

B – O que seja.

C – Não.

M – Nunca.

C – Desculpe.

A – A verdade é simples.

C – Sou má, estou acabada, e ninguém pode me salvar.

A – A morte é uma opção.

B – Tenho nojo de mim mesmo.

C – A depressão é inadequada. Um colapso emocional de escala máxima é o mínimo necessário para deixar todo mundo mal.

A – A saída do covarde,

C – Não tenho coragem.

B – Eu penso em você

A – Sonho com você

B – Falo sobre você

A – Não consigo tirar você do meu sistema.

M – Tudo bem.

B – Eu gosto de você no meu sistema.

M – Não precisa de nenhuma performance.

C – Uma bela manhã do mês de maio.

B – Não não é isso.

C – Você podia ser minha mãe.

M – Não sou sua mãe.

C – Carrego essa culpa e não sei por quê.

A – Só o amor podia me salvar e o amor me destruiu.

C – Um campo. Um porão. Uma cama. Um carro.

B – Em um ou dois dias irei voltar para outro affair, apesar do affair agora estar tão durável que quase constitui um relacionamento.

M – Continue.

B – Se você não quer que eu venha, eu não virei. Pode falar, eu não me importo. Quero dizer, eu me importo, mas é melhor que você diga. Então eu saberei. Então.

M – Além da palidez.

A – Além da dor.

M – Escolha, foque, aplique.

B – Eu sonho em ter minhas oportunidades.

C – Eu compro um novo toca-fitas e fitas virgens.

B – Sempre faça isso.

C – Eu tenho umas velhas que funcionarão perfeitamente bem, mas a verdade tem pouco a ver com a realidade, e a questão (se é que há alguma) é gravar a verdade.

A – Estou tão cansado.

C – Eu anseio por branco no branco e preto, mas meus pensamentos correm em glorioso technicolor, incitando-me a ficar acordada, arrancando a quente coberta de invisibilidade toda vez que jura encher minha mente com nada.

A – A maioria das pessoas,

B – Se vira,

A – Levanta,

B – Se vira.

A – Meu coração vazio está cheio de escuridão.

C – Um toque e grava.

M – Cheio de vazio.

B – Satisfeito com nada.

A – Um toque.

M – Grava.

C – Minhas entranhas se enroscam ao toque dele.

A – Pobre, pobre amor.

C – Não sinto nada, nada.
Não sinto nada.

B – Voltei.

C – Se ela tivesse partido –

A – Vou morrer.

M – Esse abuso já foi longe demais.

C – Larvas por todo lado.

B – Não tem ninguém como você.

C – Sempre que eu olho algo bem de perto, a coisa se mexe como uma massa de larvas brancas.

A – Pretas são acrescentadas à massa.

C – Eu abro minha boca e eu também estou cheia delas, caindo pela minha garganta.

B – Alguma coisa aconteceu.

A – Tão chocante.

C – Tento colocá-la pra fora mas ela fica maior e maior, não tem fim. Eu a engulo e finjo que ela não está lá.

B – Imperceptivelmente devagar e em um instante.

A – Nada de espetacular.

B – Eu continuo voltando.

A – Um horror tão profundo que só um ritual pode contê-lo,

M – Expressá-lo,

B – Explicá-lo,

A – Mantê-lo.

B – Witches kisses that kill me.

C – O uniforme de algodão azul-marinho que eu usei aos seis anos de idade, o cinto de elástico azul e vermelho apertado ao redor da minha cintura, as meias de nylon, as cascas de feridas dos machucados nos joelhos, o trepa-trepa no qual subíamos pra brincar, David –

A – NÃO.

M – Não consigo te amar porque não consigo te respeitar.

C – Recomeçar do zero, amor longo.

M – Eu estava pra pegar um avião. Um médium previu que eu não pegaria o avião mas que a pessoa que eu amava, iria pegar. O avião cairia e ele morreria. Eu não sabia o que fazer. Se eu perdesse o vôo eu estaria alimentando a profecia e arriscando a vida do meu amado. Mas para quebrar a profecia eu teria que pegar o avião que parecia estar predestinado a cair.

A – O que você fez?

M – Comece outra vez.

A – Comece outra vez.

C – Um arbusto roxo arranhando minhas pernas.

A – Qualquer coisa menos isso.

C – Um lindo loiro de catorze anos, os dedões enganchados no seu jeans que mostrava parte de sua bunda, seus olhos azuis azuis cheios de sol.

B – Estou enojado, cara, não agüento mais essa porra.

A – O que é que você fez?

B – Nada, nada, não fiz nada.

M – Nada disso interessa simplesmente porque não estou apaixonada por você.

A – E estou tremendo, chorando copiosamente por causa das lembranças que tenho dela, de quando ela me amava, antes de eu ser o torturador dela, antes de não haver espaço pra ela dentro de mim, antes de nos desentendermos, na verdade na primeira vez que eu a vi, seus olhos estavam sorrindo e cheios de sol, e eu estremeço de mágoa por aquele momento do qual venho fugindo desesperadamente desde então.

B – Comece outra vez, comece outra vez.

M – Mexa-se.

A – Olho os seios dela,

C – Um balão de leite,

M – Mais cedo ou mais tarde,

C – Uma bolha de sangue,

B – De um jeito ou de outro,

C – Golfando sangue,

B – Aquilo vai entrar na minha boca,

C – Um sangue grosso e amarelo,

A – Minha dor não é nada comparada com a dela.

C – mas mas mas

A – (e isso é crucial)

B – Não diga não para mim.

C – Eu continuo voltando.

B – Você tem esse efeito.

M – Você não consegue dizer não.

A – Anjo negro divino.

C – Não é ele que eu quero.

A – Sinto uma puta falta de você.

C – É a minha virgindade.

B – Puta falta que eu sinto de você.

C – Um cara de catorze anos tirou minha virgindade em um descampado e me estuprou até eu gozar.

M – Um dia desses

B – Logo logo

A – Amo você até lá

M – (e depois?)

C – Eu tive filhos; os homens vieram, luto mas eles os levam, eu percebo, os homens, eles vieram, disseram, durante a noite, dis era

A – não diga não pra mim você não pode dizer não pra mim porque é tamanho o alívio amar de novo e deitar na cama e ser abraçado e tocado e beijado e adorado e seu coração saltará quando você ouvir minha voz e vir meu sorriso e sentir minha respiração no seu pescoço e seu coração vai disparar quando eu quiser te ver e eu mentirei pra você desde o primeiro momento e usarei você e penetrarei em você e partirei seu coração porque você partiu o meu primeiro e você me amará mais a cada dia até que o peso desse amor seja insuportável e sua vida seja minha e você morrerá sozinha porque eu levarei o que eu quero então irei embora sem dever

nada à você está sempre lá sempre esteve lá e você não pode negar a vida que você acha que é foda foda-se a vida foda-se a vida foda-se a vida agora que eu te perdi

C – ME PEGOU

B – Agora que eu te encontrei posso parar de me procurar.

C – Ela tocou meu braço e sorriu.

B – Um daqueles rostos que nunca pude imaginar.

A – Demos entrada em um hotel fingindo que não íamos fazer sexo.

C – Olhos, sussurros, trevas e sombras.

M – Onde você vai com quem está saindo o que você está fazendo?

B – Jebem radoznale.

A – Eu tenho que estar onde quero estar.

M – Não posso ter isso outra vez.

A – Fizemos amor, depois ela vomitou.

C – Ninguém pra me ajudar nem a porra da minha mãe.

A – Cruzei dois rios e chorei à beira de um.

M – Fecho meus olhos e a vejo fechar os olhos e ela te vê.

A – O grito de uma narciso dos prados,

M – A mancha de um grito.

C – Vi meu pai bater na minha mãe com uma bengala.

A – Uma mancha,

C – Um eco,

A – Uma mancha.

B – Sinto muito por você ter visto isso.

C – Sinto por ele ter feito isso.

A – Eu me desespero de desespero.

M – Sem arrependimento.

A – Eu juro que eu não suporto olhar pra você.

C – Não fiz nada, nada.

B – Eu não fiz nada.

C – Eu quero me sentir fisicamente como me sinto emocionalmente.
Faminta.

M – Espancada.

A – Quebrada.

C – Ele me compra um kit de maquiagem, blush e batom e sombra. E eu pinto meu rosto com hematomas e sangue e cortes e inchaços, e no espelho em vermelho intenso escrevo, FEIA.

A – A morte é minha amante e ela quer se mudar pra dentro de mim.

B – O que significa isso, o que significa isso, o que significa isso o que você está dizendo?

C – Seja mulher, seja mulher, VÁ SE FODER.

M – Não é nada lisonjeador ser desejada quando a outra pessoa está tão bêbada que nem consegue ver.

B – Vá se foder.

C – Eu tentei explicar que eu não quero dormir com alguém que não apreciará o quanto foi difícil pra mim a manhã seguinte, mas ele desmaiou antes que eu terminasse minha frase.

M – QED.

C – Ainda dorme com o Papai.

A – O jogo que jogamos,

M – As mentiras que dizemos.

B – Seu cabelo é um ato de deus.

A – Uma vietnamita, o significado e a permanência de toda sua existência nos trinta segundos em que ela fugia da sua vila, com a pele derretendo, boca aberta.

C – Ninguém consegue me odiar mais do que eu odeio a mim mesma.

A – Eu não sou o que sou, sou o que faço.

M – Isso é terrível.

C – Isso é verdade.

A – Aquilo que jurei que nunca faria, aquilo que jurei –

M – Toda aquela dor

C – Para sempre

B – Até agora.

A – Pela vida dos meus filhos, pelo amor dos meus filhos.

M – Por que você bebe tanto?

B – Porque os cigarros não estão me matando com a rapidez necessária.

C – Minha gargalhada é uma bolha de desespero.

M – Regra um.

C – Nada de gravações.

M – Nada de cartas.

A – Nada de contas de cartões de crédito cobrando por tardes em quartos de hotéis, nada de recibos de jóias caras, nada de ligar em casa e desligar sem falar nada.

C – Sem sentimentos,

B – Sem emoção,

M – Uma trepada fria e uma memória de peixe de aquário.

C – Minhas entranhas desistiram.

A – Pulsando entre vergonha e culpa.

C – Confusão. Confusão.

A – Ela sabe.

B – Não sou eu.

A – Nunca guarde souvenirs de um assassinato.

M – Está tudo claro.

C – Outra garota,

B – Outra vida.

C – Não fiz nada, nada.

B – Não fiz nada.

M – Além da palidez.

A – Deus me perdoe quero estar limpo.

C – Ele grita comigo pra ver no que eu me tornei.

M – Continue.

C – Por que ninguém faz amor comigo do jeito que eu quero ser amada?

M – Eu podia ser sua mãe.

B – Você não é minha mãe.

M – Logo logo.

B – Agora.

C – Eu já fingi ter orgasmos antes, mas essa foi a primeira vez que fingi *não* ter tido um orgasmo.

A – Por debaixo da porta vaza uma poça negra de sangue.

M – Por quê?

C – O quê?

B – Por quê o quê?

A – O quê?

M – Quando ele é generoso, gentil, atencioso e feliz, eu sei que ele está tendo um caso.

C – Ele pensa que somos burras, ele acha que nós não sabemos.

M – Uma terceira pessoa na minha cama de quem o rosto me foge da memória.

B – Só eu,

A – Do jeito que eu sou,

C – Nada a ser feito.

M – Dar, compartilhar, controlar.

B – Agora.

C – Tão cansada de segredos.

M – Não sou eu.

C – Ela está neste momento tendo algum tipo de esgotamento nervoso e queria ter nascido negra, homem e mais atraente.

B – Eu me dou.

C – Ou só mais atraente.

B – Eu dou meu coração.

C – Ou só diferente.

M – Mas isso não é dar de verdade.

C – Ou só ser a porra de uma outra pessoa.

A – Frágil e engasgada.

C – Ela pára com a farsa diária de passar as próximas horas tentando evitar o fato de que ela não sabe como passar os próximos quarenta anos.

A – Ainda amo você,

B – Mesmo sem eu querer.

C – Ela está falando dela mesma na terceira pessoa porque a idéia de ser quem ela é, de reconhecer que ela é ela mesma, é mais do que seu orgulho pode suportar.

B – Com uma puta força.

C – Ela está de saco cheio dela mesma e quer porque quer porque quer que alguma coisa aconteça para que a vida comece.

A – Sou uma pessoa muito mais agradável desde que tive um caso.

C – Você só pode se matar se você já não estiver morto.

M – A culpa faz isso.

A – Porque agora eu sei que traição não significa nada.

C – Duas mulheres aos pés da cruz.

B – Uma flor se abre no calor do sol.

A – Um rosto gritando dentro do nada.

B – É real, é real, totalmente real, totalmente real.

M – Uma imagem particular que não consigo decifrar,

A – Além da minha compreensão,

C – Além da minha

A – Além

B – Há uma diferença entre articulação e inteligência. Eu não consigo articular a diferença mas tem.

M – Vazio.

A – Adoentado.

C – Branco.

B – Me ame.

A – A culpa permanece como o cheiro da morte e nada pode me libertar dessa nuvem de sangue.

C – Você matou minha mãe.

A – Ela já estava morta.

M – Se você quer que eu abuse de você, eu abusarei.

A – Ela morreu.

B – As pessoas morrem.

M – Acontece.

C – Minha vida inteira é esperar pela pessoa pela qual estou obcecada, definhando semanas afora até nosso próximo encontro de quinze minutos.

A – MNO

C – Escrevo a verdade e ela me mata.

B – Na fuga.

M – Sem onde esconder.

C – Odeio essas palavras que me mantêm viva
Odeio essas palavras que não me deixam

morrer B – Expressar minha dor sem diminuí-la.

C – Ha ha ha

B – Ho ho ho

M – He he he

C – Não aceito ser eu mesma.

A – Você está enlouquecendo sob meus olhos.

M – Perdeu o controle silenciosamente.

B – Me deixe.

M – Ir.

A – Uma garotinha foi ficando cada vez mais paralisada com as frequentes e violentas brigas de seus pais. Às vezes ela ficava horas completamente parada no banheiro, simplesmente porque era lá que por acaso ela estava quando a briga começou. Finalmente, nos momentos de calma, ela pegava garrafas de leite da geladeira ou da porta e as deixava em lugares onde mais tarde ela poderia ficar presa. Seus pais não conseguiam entender porque achavam garrafas de leite azedo em todos os lugares da casa.

M – Por quê?

C – O quê?

B – Por que o quê?

C – O quê?

M – Por que você está chorando?

A – Não há novidade aqui.

B – Você foi tão persistente.

C – Sou sempre eu.

M – Você sempre soube disso.

B – Está fora de controle.

C – Como eu te perdi?

A – Você me jogou fora.

C – Não.

M – Sim.

B – Não.

A – Sim.

B – Não.

C – Não.

A – Sim.

(Tempo)

B – Não.

C – Não.

M – Sim.

B – Não.

C – Não.

A – Sim.

C – Não.

(Tempo)

A – Sim.

C – Não.

B – Não.

M – Sim.

A – Sim.

M – Sim.

C – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

(Tempo)

C – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

B – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

M – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

B – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

A – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

M – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

C – (emite um pequeno grito de uma sílaba)

(Tempo)

M – Se você não falar, não posso te ajudar.

B – Esse lugar.

C – ES3.

A – Sou o animal no fim da corda.

C – Silêncio ou violência.

B – A escolha é sua.

C – Não encha meu estômago se você não pode encher meu coração.

B – Você enche minha cabeça como só alguém que não está aqui pode encher.

M – Julgamento deteriorado, disfunção sexual, ansiedade, dores de cabeça, nervosismo, insônia, agitação, náuseas, diarreia, coceira, tremedeira, suor, espasmos.

C – É disso que estou sofrendo a partir de *agora*.

M – Tudo bem.

B – Não vai importar.

A – Não importa.

C – Me humilhe ou me interne.

A – Ninguém sobrevive à vida.

C – Ninguém sabe como é a noite.

M – Nunca te ocorreu de você estar no lugar errado?

C – Não.

B – Nunca.

A – Não.

C – Se eu morrer aqui fui assassinada pela programação diurna da televisão.

A – Menti pra você e é por isso que não consigo te amar.

M – Não exija,

A – Não suplique,

B – Aprender, aprender, por que não consigo aprender?

C – Eles acendem a luz de hora em hora pra checar se ainda estou respirando.

B – De novo.

C – Eu digo a eles que privação de sono é uma forma de tortura.

B – De novo e de novo.

M – Se você cometer suicídio você terá que voltar e passar por tudo isso de novo.

B – A mesma aula, de novo e de novo.

A – Não matarás a ti mesmo.

C – A vaidade, não a sanidade, vai me manter ileso.

M – Você já ouviu vozes?

B – Só quando elas falam comigo.

A – Almas exaustas com bocas secas.

C – Não estou doente, só sei que a vida não vale a pena ser vivida.

A – Perdi a fé na honestidade.

B – Perdi a fé em

M – Pra frente, pra cima, adiante,

C – Perdida.

B – 199714424

M – Anda.

C – Eu não confio

M – Eu não ligo

C – Pra fora, na direção de quê?

A – Um puta buraco negro de meio-amor.

M – Anda.

A – Eu odeio o consolado e o consolador.

C – Eu tô muito mais puta do que você imagina.

A – Não consigo confiar em você e não consigo respeitar você.

C – Não sou mais honesta.

A – Você tirou isso de mim e não consigo mais te amar.

M – De volta à vida.

C – Um estacionamento vazio de onde eu não consigo sair.

B – O medo retumba sobre o céu da cidade.

M – A ausência dorme entre os edifícios à noite,

C – Entre os carros no acostamento,

B – Entre o dia e a noite.

A – Tenho que estar onde devo estar.

B – Deixe

C – Eu

M – Ir

A – O mundo lá fora está supervalorizado.

(pausa)

C – Deixe o dia em que nasci
 perecer Deixe a escuridão da noite
 aterrorizá-lo
 Deixe as estrelas do seu amanhecer escurecerem
 Que ele não veja as pálpebras da manhã
 Porque ele não fechou a porta do útero de minha mãe

B – A coisa que me aterroriza me pega de surpresa.

C – Odeio você,

B – Preciso de você,

M – Preciso mais,

C – Preciso mudar.

A – Toda previsível e doentia futilidade que é o nosso relacionamento.

M – Quero uma vida de verdade,

B – Um amor de verdade,

A – Um amor enraizado e que cresce na luz do dia.

C – O que ela tem que eu não tenho?

A – A mim.

B – O que eu quero, eu quero com você.

M – Não. Sou. Eu.

A – Não há segredos.

M – Há somente cegueira.

A – Você se apaixonou por alguém que não existe.

C – Não.

M – Sim.

B – Não.

A – Sim.

C – Não.

B – Não.

M – Sim.

C – Eu sabia,

B – Eu sabia,

C – Por que eu não consigo aprender?

A – Não vou aceitar uma vida no escuro.

B – Não olhe para o sol, não olhe para o sol.

C – Eu amo você.

M – Tarde demais.

A – Está acabado.

C – (emite um som de desespero sem forma)

(silêncio)

A – Não sabemos quando nascemos.

M – Não não é isso,

A – Não de jeito nenhum,

B – Não foi isso que eu quis dizer mesmo.

A – Eu parti o coração dela, o que mais posso querer?

C – A visão.

M – A luz.

C – A dor.

A – A luz.

M – O ganho.

B – A luz.

C – A perda.

B – O círculo é a única forma geométrica definida pelo seu centro. Nada de galinha e ovo neste caso, o centro vem primeiro, depois vem a circunferência. A terra, por definição, tem um centro. E só o idiota que o conhece é que pode ir onde quiser, pois o centro vai mantê-lo no chão, impedindo-o de sair da órbita. Mas quando muda sua noção de centro, vem zunindo para a superfície, o equilíbrio já era. O equilíbrio, meu bem, já era.

C – Quando ela se foi –

B – A espinha dorsal da minha vida está quebrada.

A – Por que a luz da vida é dada àquele que vive na miséria

C – Traga ela de volta.

A – E vida aos amargos de alma

B – Se você estivesse aqui –

M – Eu estou aqui.

A – Como uma profunda sombra de verão.

C – Eu a amo eu sinto falta dela

B – Estou acabado.

M – Vai anda.

C – Por que eu não morri ao

nascer M – Sair de dentro do útero

B – E com prazo vencido

A – Aproprie-se das sombras, uma vez que se está na neblina.

M – A dor é uma sombra.

A – A sombra da minha mentira.

C – Pedras vermelhas do passado

B – Você não é má pessoa, você só pensa demais.

C – Deixe eu me esconder.

M – Você pode

C – Você poderia

B – Você vai

M – Vai anda

A – Eu nunca mais juro por Deus.

B – Se eu perder minha voz estou liquidado.

M – Ainda estou aqui.

B – Mas eu não vou,

C – Não dessa vez,

B – Não eu.

C – Não ainda.

M – É como esperar seu cabelo crescer.

B – You are like a Wednesday.

C – Essa sou eu. Vivo na corda bamba. Nunca parada, nunca uma coisa ou outra, sempre indo de um extremo ao mais distante ponto do outro extremo.

B – Meiga.

A – Um toque.

B – Meiga de doer.

M – Grava.

C – Onde foi parar minha personalidade?

A – Estou velho demais pra isso.

M – Não poderia te amar menos.

B – Não poderia te amar mais.

M – Para ser extremamente honesta,

C – (quando eu sou extremamente honesta?)

B – Nem aceitar mais.

(tempo)

C – Isso nunca aconteceu.

(silêncio)

A – O que às vezes eu confundo com ecstasy é a simples ausência de dor.

M – Medo de nada.

B – Tudo ou nada.

C – Nada disso,

B – Tudo isso,

M – Nada.

C – Sou uma plagiadora de emoções, roubo a dor das pessoas e vou juntando à minha própria dor até

A – Não consigo lembrar

B – De quem

C – Nunca mais

A – Talvez você esteja certa,

C – Talvez eu seja má,

A – Mas Deus me abençoou com a marca de Caim.

C – Peso.

B – Não sei.

M – Encontro.

A – Não sei.

B – Destino.

C – Não sei.

A – É um castigo por você estar sempre em cima do muro.

M – Continue voltando.

B – De novo.

A – O eterno retorno.

B – Se eu perder minha voz estou fodido.

C – Merda no prato. Mostre entusiasmo ou sua própria mãe quebra você em pedaços.

M – Deixe os Homens da Noite entrar.

A – Minha vida não tem nada de especial,

C – Uma corrente de acontecimentos perigosos como outra qualquer,

A – Uma corrente em direção a um oceano salgado, que machuca, machuca, mas não mata.

M – Você morreu pra mim.

B – Um ato de amor.

C – Você não é minha mãe.

A – Nós fomos muitas coisas.

B – Algo deu um estalo.

M – Mas eu nunca diria que nós já estivemos apaixonados.

B – A encontrei

A – A amei

C – A perdi

M – Fim.

(silêncio)

C – Alguma coisa foi içada,

A – Pra fora da cidade,

B – Antes da merda começar,

A – Sobre a cidade,

C – Outro sonho,

M – Eu atravessei um rio que corre na sombra,

B – In den Bergen, da fühlst du dich frei,

M – Um desejo,

C – Um verão fresco e um inverno brando,

B – Sem brigas, sem enchentes,

C – A escuridão ronda uma estrela caindo,

A – Um profundo e longo sono com você nos meus braços,

B – Ninguém nada porra nenhuma,

C – Assimilado mas não destruído,

A – Paz,

M – Um clarão doentio sem origem única,

A – Um mar de um dourado pálido sob um céu rosa pálido,

M – Uma badalada distante cruza o mar vazio,

B – As nuvens convergem da mesma forma que eu me vejo em um globo,

C – As ondas soluçam como uma pulsação.

(tempo)

B – Aqui estou eu, mais uma vez, aqui estou eu, aqui estou eu, na escuridão, mais uma vez,

A – À beira do nada,

B – Aqui estou eu,

C – Segure minha mão,

A – Glória ao Pai,

M – A verdade está por trás de você,

B – Eu largaria tudo por você,

C – Em direção à luz,

A – Como era no começo,

C – Além da escuridão,

M – E sempre deverá estar,

B – Em direção à luz,

A – No fim do dia voltamos a isso,

B – Ganhando tempo,

A – Isso volta pra mim,

M – Mas perdendo luz,

A – Volta pra isso,

C – Gordo e brilhante e completamente completamente completamente sereno,

M – Não posso te salvar,

A – E limpo.

C – Outras vidas

B – Nenhum cretino consegue.

M – Enrolado dentro de uma bola.

A – Salve a minha alma da espada.

B – Eu acordo assim que sonho,

M – Sozinho.

A – Que está acima de toda a compreensão.

C – Eu não sonho mais,

A – Eu não tenho sonhos.

B – Ganhando luz,

C – Eu cruzei um rio,

M – Mas perdendo tempo.

B – Não consigo dizer não pra você.

C – Ficar livre de memória,

M – Livre de desejo,

C – Esconda-se, não provoque nada,

B – Não diga nada.

A – Invisível.

C – Quando nem os sonhos são particulares

B – Melhor esquecer.

A – Atos impensados de prazer sem sentido.

M – Você fez amor à beira do rio.

Todos – Esquece.

(tempo)

B – Me estupre.

(pausa)

M – É possível?

C – Curou meu corpo não pode curar minha alma

A – Estou tão cansado.

B – Continuo voltando.

M – Seja quem eu sempre sonhei.

C – Remende e pinte e cole um olhar no meu rosto.

B – Minha vida em preto e branco de trás pra frente.

M – Completa.

A – Faça o que quiseres pois é tudo da lei.

M – Agora.

A – O amor é a lei, o amor sob a vontade.

C – Não sinto nada, nada.

Não sinto nada.

A – Satã, meu senhor, eu sou seu.

B – (Sussurra, continuamente, até o fim da fala de A)

não não

A – E não esqueça que poesia para o próprio bem dela é linguagem . Não esqueça que quando palavras diferentes são aprovadas, outras atitudes são exigidas.

Não esqueça o decoro.

Não esqueça o decoro.

(tempo)

B – Mate-me.

(tempo)

A – Queda-livre

B – Para dentro da luz

C – Clara luz branca

A – O mundo sem fim

C – Você morreu pra mim

M – Glorioso. Glorioso.

B – E assim pra sempre será

A - Feliz

B – Muito feliz

C – Feliz e livre.

Meni ni iz d`zepa, ni u d`zep. (Servo-croata)
Não está no meu bolso, nem fora dele.

Du bist die Liebe meines Lebens. (Alemão)
Você é o amor da minha vida.

Jebem radoznale. (Servo-croata)
Sou um porra de um curioso.

In den Bergen, da fühlst du dich frei. (Alemão)
Nas montanhas, lá você se sente livre.

Witches kisses that kill me. (Inglês)
Beijos bruxos que me matam.

Money comes alone. (Inglês)
O dinheiro vem sozinho.

You are like a Wednesday. (Inglês)
Você é como uma quarta-feira.